



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

MARIA DA GUIA CUNHA DANTAS FREIRE

**O CR-P da cobertura do Jornal Nacional na Guerra da Ucrânia-
Rússia-Otan**

NATAL – RN

2023

MARIA DA GUIA CUNHA DANTAS FREIRE

O CR-P da cobertura do Jornal Nacional na Guerra da Ucrânia-Rússia-
Otan

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Spinelí Lindozo.

NATAL – RN

2023

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
– CCHLA

Freire, Maria da Guia Cunha Dantas.

O CR-P da cobertura do Jornal Nacional na Guerra Rússia-Ucrânia/Otan / Maria da Guia Cunha Dantas Freire. - Natal, 2023.
97 f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Natal, RN, 2023.
Orientador: Prof. Dr. José Antônio Spineli Lindozo.

1. Guerra da Ucrânia - Dissertação. 2. Jornal Nacional - Dissertação. 3. Discurso hegemônico - Dissertação. I. Lindozo, José Antônio Spineli. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 355.48(477)

MARIA DA GUIA CUNHA DANTAS FREIRE

O CR-P da cobertura do Jornal Nacional na Guerra da Ucrânia-Rússia-
Otan

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Ciências Sociais como
exigência parcial à obtenção do título de
Mestre em Ciências Sociais.

Aprovada em: 28 / 12 / 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Spineli Lindozo
Orientador

Prof. Dr. Alexandro Galeno Araújo Dantas
(Membro Interno – PPGCS – UFRN)

Prof. Dr. Raimundo Nonato Cunha de França
(Membro Externo – UNIMAT)

AGRADECIMENTOS

À minha mãe e ao meu pai, Auda e Djair, pelos ensinamentos e pelo esforço hercúleo no incentivo ao aprendizado e ao conhecimento;

Às minhas filhas Mel e Maria Luísa, pela paciência de tantas ausências e pelo amor imensurável.

Ao meu amor Aldemar, sem você teria sido tudo mais difícil: a paciência é tudo;

Ao professor doutor José Antonio Spinelí Lindozo, acadêmico por quem sempre nutri admiração e apreço pelo trabalho intelectual e pela contribuição nas ciências políticas e sociais do Rio Grande do Norte.

Aos professores doutores Alex Galeno, Raimundo França e Ruy Rocha pelo encorajamento no meio e fim do trabalho e pelas bancas de qualificação e defesa frutíferas e que tanto contribuíram com o desfecho desta investigação.

Aos professores doutores Lucas Trindade, Carlos Eduardo Freitas, Alan Lacerda, Irene Paiva, Maria Lúcia Bastos, Hermano Machado, Orivaldo Pimentel e Lore Fortes, cujas aulas alimentaram e estimularam o meu conhecimento. Sou grata também ao professor doutor Daniel Dantas pela relevante escuta.

A Otânio Revorêdo e Nicholas Silvestre, pelos incontáveis préstimos nesta Travessia.

A Michelle Ferret e Titina Medeiros, amigas queridas, companheiras de uma vida.

Não poderia deixar de agradecer também o estímulo e as boas trocas, tão importantes nesta caminhada, que me proporcionaram Janaína Spinelí, Ana Lúcia Gomes e Ana Paula Felizardo.

À minha amada Dedé e às minhas tias Fátima e Auta, pelos ensinamentos e amor. À Vlada, Victória e todos e todas que sentem de perto o horror da Guerra.

Um agradecimento especial a Ana Cláudia Nogueira da Costa, bibliotecária dedicada e que com muita competência revisou e fez os ajustes necessários neste trabalho.

À Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Norte.

RESUMO

A Guerra deflagrada em fevereiro de 2022 entre a Rússia e a Ucrânia/Otan expôs os direcionamentos dados à cobertura do mais antigo e mais assistido telejornal do país, o Jornal Nacional – e as incongruências perceptíveis nos aspectos da contextualização histórica, temporalidade e de relações políticas entre os países, que resultaram em dramáticas consequências para o mundo. Por entender a complexidade do tema em várias frentes, entre elas as peculiaridades geopolíticas e na seara da comunicação política, a pesquisa se ancorou em alguns referenciais teóricos, sendo os principais os conceitos de hegemonia de Gramsci e de cenário de representação da política, de Venício de Lima; as análises históricas e geopolíticas de Eric Hobsbawm e Luiz Alberto Moniz Bandeira; além de referências que ajudaram no entendimento das narrativas jornalísticas do JN, como nos deu amparo Pierre Bourdieu, José Carlos Aronchi de Souza, Ângela Carrato, Eliara Santana e Juarez Guimarães, entre outros. Também foram explorados conteúdos oriundos de artigos, revistas científicas e de material de mídia vasculhados na internet como forma de complementar informações e de se inteirar sobre investigações já realizadas acerca de temas afins à pesquisa. A repetição do discurso dominante, reproduzido com base nos testemunhos das nações inseridas no contexto da Otan, foram claramente perceptíveis. Em consequência disso, se entendeu ser importante problematizar sobre as narrativas impostas à sociedade brasileira pelo principal e mais prestigiado telejornal do Grupo Globo. Os depoimentos de duas russo-ucranianas da região do Donbass, Vlada Starilova e Victoria Valerievna, contribuíram, por fim, para dirimir dúvidas e esclarecer fatos que nem os livros nem a internet, contaminados pela disputa de narrativas, sobretudo as predominantes no Brasil, foram capazes de elucidar.

Palavras-chave: guerra da Ucrânia; Jornal Nacional; discurso hegemônico; temporalidade das guerras.

ABSTRACT

The war that broke out in February 2022 between Russia and Ukraine/NATO exposed the direction given to the coverage of the oldest and most watched television news program in the country, *Jornal Nacional* – and the noticeable inconsistencies in aspects of historical contextualization, temporality and political relations between countries, which resulted in dramatic consequences for the world. By understanding the complexity of the topic on several fronts, including geopolitical peculiarities and in the field of political communication, the research was anchored in some theoretical references, the main ones being Gramsci's concepts of hegemony and Venício's political representation scenario. from Lima; the historical and geopolitical analyzes of Eric Hobsbawn and Luiz Alberto Moniz Bandeira; in addition to references that helped in understanding JN's journalistic narratives, such as Pierre Bordieu, José Carlos Aronchi de Souza, Ângela Carrato, Eliara Santana and Juarez Guimarães, among others, gave us support. Content from articles, scientific journals and media material searched on the internet was also explored as a way of supplementing information and finding out about investigations already carried out on topics related to research. The repetition of the dominant discourse, reproduced based on the testimonies of nations within the NATO context, were clearly noticeable. As a result, it was considered important to problematize the narratives imposed on Brazilian society by Grupo Globo's main and most prestigious television news program. The testimonies of two Russian-Ukrainians from the Donbass region, Vlada Starilova and Victoria Valerievna, finally contributed to resolving doubts and clarifying facts that neither books nor the internet, contaminated by the dispute over narratives, especially those predominant in Brazil, were able to elucidate.

Keywords: Ukraine war; *Jornal Nacional*; hegemonic discourse; temporality of wars.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – De 1999 a 2017, OTAN avança e incorpora 14 países outrora sob influência da URSS, entre elas as três ex-repúblicas Letônia, Estônia e Lituânia	17
Figura 2 – Como os americanos reagiriam se colocássemos nossos mísseis na fronteira entre o Canadá e os EUA ou na fronteira do México com os EUA?, responde Putin à jornalista britânica em dezembro de 2021.	18
Figura 3 – Protestos na Praça Maidan que culminaram com a deposição de Yanokovich ..	19
Figura 4 – Sobre o documento do <i>Eisenhower Media Network</i> publicado no <i>NYT</i>	22
Figura 5 – Bases militares dos Estados Unidos no mundo	23
Figura 6 – Dados da Globo Comunicações e Participações, na Receita da empresa em 2021	28
Figura 7 – Concorrência entre Telejornais	30
Figura 8 – Preço Comercial do Jornal Nacional em 2022	36
Figura 9 – Preço Comercial da Novela das Nove	37
Figura 10 – Entretenimento tem audiência superior ao JN.....	37
Figura 11 – Alcance da Globo no Brasil: 98,4% dos municípios recebem o sinal da emissora. São 5.485 das 5.570 cidades do país	38
Figura 12 – CPI investiga Rádio, TV e Jornal O Globo	42
Figura 13 – Onde estão os repórteres que cobram a guerra.....	52
Figura 14 – Países com maior número de menções nas reportagens do JN	54
Figura 15 – Menções à Rússia, Ucrânia, Donbass, China e Brasil.....	55
Figura 16 – União Européia e Otan lideram narrativa.....	55

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

Contel	Conselho Nacional de Telecomunicações
CPI	Comissão de Informação Pública
CR-P	Cenário de Representação Política
GCP	Globo Comunicação e Participações
GG	Grupo Globo
INE	Instituto Nacional de Estatística
JN	Jornal Nacional
OHCHR	Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos
ONU	Organização das Nações Unidas
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PNT	Painel Nacional de Televisão
PT	Partido dos Trabalhadores
UE	União Européia
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
A Caminhada Metodológica e a Organização do Trabalho	11
Vlada	13
1 O PASSADO VELA O PRESENTE: O SACRIFÍCIO DA UCRÂNIA POR UMA DISPUTA QUE NÃO É SUA	15
1.1 O DONBASS	18
1.2 A OTAN E A INDÚSTRIA DE ARMAS AMERICANA.....	22
1.3 A LEGITIMAÇÃO DA GUERRA	24
2 AS RELAÇÕES DA EMISSORA MAIS PUJANTE DA AMÉRICA LATINA ..	26
2.1 A AUDIÊNCIA	29
2.2 A GUERRA E A MÍDIA.....	31
2.3 LUTA POLÍTICA DA GUERRA	34
2.4 RELAÇÕES COMERCIAIS	35
2.5 LIGAÇÃO COM A DITADURA E ACUSAÇÕES DE MANIPULAÇÃO	38
2.5.1 O Caso Time-Life	41
3 CR-P E HEGEMONIA: O OCIDENTE SE IMPÕE	44
3.1 A TEMPORALIDADE ESQUECIDA.....	45
3.2 DE ONDE VEM O DISCURSO	48
3.2.1 O Povo na Guerra	52
3.3 NARRATIVAS PREVALENTES.....	53
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICE A – LINKS DAS MATÉRIAS ANALISADAS	64
APÊNDICE B – PRINTS DA ENTREVISTA E TRADUÇÃO DE VLADA STARILOVA	69
APÊNDICE C – PRINTS DA ENTREVISTA E TRADUÇÃO DE VICTORIA VALERIEVNA	77

APRESENTAÇÃO

Eu sou jornalista. Atuei por dez anos em veículos de comunicação no Rio Grande do Norte, Estado onde vivo e nasci, no lugar onde considero ser o habitat natural para um profissional da área em que atuo: a redação de um jornal. Quem passa pelas sinuosas paredes onde se cria, se produz – se erra e se acerta constantemente no reportar de notícias – não só aprende o ofício da forma mais intrínseca, como se vê de lupa na mão. Essa lupa passa a ser régua do compreender jornalístico, sobretudo ao envolver questões sociais, humanitárias, políticas em geral.

Movida por essa lupa, que age com insistência no subconsciente de um jornalista, passei a enxergar com desconfiança a concepção que estava sendo formada no Brasil acerca da Guerra entre a Rússia e a Ucrânia/Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Isso porque, admiradora dos povos eslavos – como são chamados os nativos da Rússia, Ucrânia e Belarus – já conhecia minimamente os tensionamentos de ordem política, social e até econômica, em ameaça de ebulição há décadas naquela esfera do mundo. Passei a me perguntar, ao deparar com as narrativas diversas, se determinado conteúdo não estava mal (ou pouco) explicado.

O tema me inquietou de pronto e, por sorte, meu orientador e professor doutor Antonio Spineli embarcou na ideia e permitiu que eu seguisse viagem. Àquela altura já estávamos há aproximadamente um ano de iniciado o mestrado. Foi um desafio para alguém que se despedira dos bancos da universidade há mais de 15 anos. Um tema denso, um tempo muito exíguo, mas, apesar do receio inicial, não tive dúvida de se tratar de uma decisão acertada.

Deixamos para trás as intempéries das narrativas que entrelaçavam a Covid-19, o tema anterior da pesquisa, e ingressamos no mundo da geopolítica. A primeira semana de Guerra foi uma avalanche de noticiários. Eu acompanhava sobretudo as TVs abertas e por assinatura; o *Twitter*; e a principal rede de monitoramento do conflito em fontes abertas e fechadas, que era (e ainda é) o *Telegram*. O material era vasto e rico, mas o que mais chamava atenção era a narrativa uníssona e ocidentalizada das televisões. Não havia meio termo, não havia “o outro lado”.

Estamos no Brasil, um país sob forte influência americana, era de se esperar um certo alinhamento com a narrativa dos Estados Unidos em detrimento da Rússia, um país muito mais distante e pouco conhecido pela maioria. Talvez por isso, a ocultação de contextos importantes para a compreensão do cenário de guerra tenha passado despercebido. Se

quiséssemos saber, por exemplo, sobre o nascedouro das hostilidades pós-União Soviética entre russos e ucranianos, povos de consistentes identidades culturais, tínhamos que recorrer ao mundo virtual. Para sabermos sobre o real papel dos Estados Unidos e da Otan nas insatisfações da Rússia, e o que culminou nos embates, era necessário perquirir os livros ou, mais uma vez, a internet. “A informação estava mesmo incompleta?”, me indagava.

Neste período, outros conflitos sangrentos assolavam o mundo, no entanto, longe dos holofotes internacionais, se mantinham senão invisíveis, adormecidos perante as lentes do planeta. Casos como o do Iêmen, cujas milhares de mortes – inclusive por causas indiretas como a falta de alimentos, serviços de saúde e infraestrutura – fizeram a Organização das Nações Unidas (ONU) considerá-lo como lugar do “pior desastre humanitário do mundo”; da Síria, em um conflito com estimativas de 350 mil mortos, rescaldo de uma guerra civil iniciada após protestos em favor da deposição do presidente Bashar al-Assad, em 2011, e que persiste até hoje; da Etiópia, país cujas disputas étnicas há onze anos aterrorizam a população com casos como assassinatos e estupros em massa; as guerras de Mianmar, Haiti, Afeganistão, dos militantes islâmicos na África.

A guerra da Ucrânia ainda ofuscou outro confronto contínuo, entre as ex-repúblicas soviéticas vizinhas do Arzerbaijão e Armênia, que ocorre na disputa por um território chamado Nagorno-Karabakh. Ali, as disputas se acentuaram e se atenuaram ao longo dos últimos 34 anos. As batalhas se concentraram em três ocasiões: de 1989 a 1994; a partir do outono de 2020, quando houve um armistício de cerca de dois anos; e, mais recentemente, no final de 2022, ocasião em que os arzerbaijanos instituíram um bloqueio no corredor de Lachin (estrada que une o Nagorno-Karabakh etnicamente armênio à Armênia propriamente dita), o que impediu o acesso à água e às necessidades vitais de milhares de pessoas, como alimentos e medicamentos, além de negar a muitas delas a possibilidade de retornar às suas próprias casas. Como eu descobri o cerco aos cidadãos de Nagorno-Karabakh? Por uma coincidência. Ao acompanhar o canal de Rogério Anitablian, um analista de geopolítica brasileiro, de ascendência armênia, fonte que passei a considerar pelo equilíbrio, amplitude e factualidade nas análises sobre a Guerra da Ucrânia – ele sempre chamava atenção para o que considerava “genocídio” do seu povo.

Uma rápida consulta ao site da Globo.com¹, no qual estão catalogadas as matérias da TV, impresso e online do Grupo Globo, revela a inexistência de qualquer menção no âmbito do Jornal Nacional (JN), por exemplo, acerca do conflito que ocorre na franja do território

¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/busca/?q=nagorno+karabakh&page=1>. Acesso em: 21 jul. 2023.

russo. Enquanto isso, somente no primeiro mês de batalhas na Ucrânia, o JN veiculou 184 reportagens que dissecavam o cenário iniciado em fevereiro. Considerando que o telejornal é exibido de segunda a sábado, a média do período é de 6,5 matérias diárias sobre a Guerra. Então, qual o interesse em superexpor uma única guerra que ocorre no mundo e fechar os olhos para tantas outras que atentam contra a humanidade? Qual o critério para mostrar e/ou ocultar cenários da política mundial aos cidadãos brasileiros pelo maior veículo de comunicação do Brasil?

Em busca de um objetivo palpável para a pesquisa, mergulhei na atmosfera que estava sendo construída no Brasil acerca da Guerra da Ucrânia. No primeiros 30 dias do conflito, fase de observação desta análise antes de definido o recorte empírico e temporal, a televisão, veículo de massa ainda predominante no nosso país – notadamente a Rede Globo, a Globo News e a CNN – acompanhou com uma constância impressionante os ataques. E ao contrário de outros meios de comunicação – como os jornais impressos, alguns sites de notícias, as redes sociais, sobretudo o *Twitter* – em que, bem ou mal, havia o contraditório, a TV assumia dia após dia um elóquio linear consubstanciado no horizonte, não diria nem tanto ucraniano, mas americano e europeu ocidental. Na minha mente irrequieta de jornalista e, sob a mantilha de pesquisadora das Ciências Sociais, era (e foi) um mundo a desbravar.

A Caminhada Metodológica e a Organização do Trabalho

O presente trabalho se propõe a realizar um estudo de caso da cobertura do telejornal líder de audiência no Brasil, o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, acerca da invasão da Federação Russa à Ucrânia. O estudo possui ainda uma delimitação em meio ao cenário, qual seja: a área do Donbass, região a Leste da Ucrânia e a Oeste da Rússia. A travessia da pesquisa em busca dos recortes empírico e temporal considerou os seguintes aspectos: em primeiro lugar, o tema envolve questões macro interpaíses e intercontinentes, portanto, trata-se de configuração superlativa, o que requer objetos de monta igualmente relevantes para analisá-lo e contextualizá-lo.

Dessa forma, se a intenção era focar em narrativas sobre a Guerra dentro do Brasil, entender-se-á que o Jornal Nacional, telejornal pertencente ao maior conglomerado de mídia do país e influência exponencial sobre a maior população da América Latina, era argumento de vulto apropriado a se analisar. Em segundo lugar, dado o fosso temporal pelo qual se alastra o conflito, a complexidade de suas causas e consequências – e por se tratar da televisão, veículo com tempo de exposição limitado – decidiu-se por explorar todo o ano

inicial dos confrontos, ou seja, de 27 de fevereiro a 31 de dezembro de 2022, como forma de ampliar a análise do conteúdo pretendido.

Originalmente, a ideia era se debruçar na cobertura de eventos considerados mais emblemáticos em meio ao caos: o bombardeio a um shopping de Kiev, capital ucraniana, em março de 2022; o massacre do município de Bucha, cujos relatos apontam para mais de 300 habitantes mortos nos confrontos (abril de 2022); e a ocupação da Usina nuclear de Zaporizhzhia, em agosto de 2022, com Rússia e Ucrânia se acusando mutuamente pela autoria do ataque.

Entretanto, as dificuldades de recursos humanos in loco para confrontamento das informações e a configuração temporal alargada para os 10 primeiros meses de 2022 apontaram para outro eixo metodológico, qual seja: em um primeiro momento, o resgate histórico e geopolítico da área em guerra; em seguida, o aprofundamento esquelético da estrutura da TV Globo e do Jornal Nacional, com destaque para a coleta de dados de audiência, orçamento, tabelas de preços e relações externas da emissora, as quais refletem na concepção do noticiário; e, por último, a arguição das reportagens exportadas via site do JN, cujo levantamento alcançou a marca das 502 matérias. Essa análise se desdobrará com base no conceito de "Cenário de Representação da Política" (CR-P).

A escolha das reportagens a serem analisadas sob o prisma do CR-P foram delimitadas a seis palavras-chave consideradas sumárias para a investigação: Donbass (a região); Donetsk e Luhansk (as principais cidades); separatistas; além de outros dois personagens importantes para a análise: Estados Unidos e Otan. Das 502 matérias pudemos observar que 173 citaram os Estados Unidos; 111 a Otan; 72 os separatistas e Donetsk; 49 Luhansk; e 42 o Donbass. De antemão, se vê que os americanos despontam na condução dos acontecimentos. Mas era necessário enxugar ainda mais a análise propriamente dita das reportagens e optou-se por efetuar mais um filtro no levantamento de dados: seriam consideradas para investigação as reportagens, dentre as 502, que mencionassem pelo menos três dos pontos-chave definidos. Desta forma, se alcançou um total de 59 reportagens a serem exploradas.

A pesquisa se desenrolou em uma mescla entre a análise quantitativa e a qualitativa, assim como na pesquisa bibliográfica que adotou método dedutivo, com consulta à documentação indireta, por meio de dados produzidos por órgãos oficiais, conteúdos vinculados na imprensa nacional e internacional e levantamento das pesquisas já realizadas sobre o fenômeno no mundo, que se coadunam com os objetivos deste estudo.

Dessa forma, o levantamento em torno das reportagens do Jornal Nacional foi

analisado sobretudo do ponto de vista histórico, com a colaboração imprescindível do amplo legado de pesquisas e análises dos mestres Luiz Alberto Moniz Bandeira e Eric Hobsbawm; da narrativa jornalística, cujo amparo maior nos deu Pierre Bordieu e Armand Martellart; da disputa hegemônica entre nações e conseqüentemente dominação ideológica, alicerçados pela obra de Antonio Gramsci; entre outros percursos literários que serviram de suporte para dissecar o predomínio das narrativas da guerra oriundas do produto de mídia que mais influencia e nutre de esmagadora audiência no Brasil.

Vlada

O projeto ganhou novos contornos ao se deparar com Vlada Starilova, uma russo-ucraniana, nascida em Donetsk, no Donbass, que encontra-se refugiada no Egito não pela invasão russa à Ucrânia, mas em face da disputa que assola a população local há pelo menos nove anos, desde 2014, quando separatistas da região se recusaram a reconhecer o então novo governo de Kiev, que deixara naquela ocasião de ser pró-Rússia para ser pró-ocidente.

É possível dizer que a coincidência do encontro com Vlada contribuiu de forma intensa com a pesquisa. Era novembro de 2022 em Sharm El Sheik, no Egito, e essa pesquisadora atuava na cobertura jornalística que transmitia a participação do Governo do Rio Grande do Norte na 27ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (Cope 2022).

As atividades eram intensas e somente no penúltimo dia de estadia encontramos Vlada, que trabalha como vendedora em uma loja de produtos egípcios no Sharm El Sheikh Museum. Entrei naquela loja com a intenção de adquirir alguma miudeza para presentear os familiares que ficaram no Brasil e o inglês cheio de sotaque daquela mulher de semblante triste nos fez supor de cara: “é mais uma russa ou ucraniana por aqui”. Os taxistas que nos levavam de um lugar a outro em Sharm El Sheikh já haviam comentado que a cidade recebia, em sua maioria, turistas russos e ucranianos. Mas não era o caso de Vlada. Ela não estava a passeio.

Em um inglês sofrível foi indagado a Vlada de onde ela era, ao que respondeu claramente indecisa: “Ucraniana. Russa. Sou do Donbass”. Não perdemos tempo e ligamos o aplicativo de traduções do celular para uma conversa rápida. Lembro de ouvi-la dizer: “a mídia mundial se calou sobre nossa situação”. A pesquisa tomava novos contornos na minha cabeça, mas já era tarde, tínhamos que ir. Pegamos o telefone de Vlada, nos despedimos e saímos com a certeza de que ali se desenhara o objeto da pesquisa. Com o apoio de Starilova,

pude ouvir Victória Valerievna, outra russo-ucraniana, que vive no Donbass e que, assim como a primeira, pôde contribuir de forma enriquecedora com o trabalho através de seus relatos pulsantes de quem vive a guerra.

O tema pode ser considerado pertinente por diversos aspectos: o primeiro, o mais genérico, é a temática ‘eslavos do oriente’ e o confronto histórico destes com o ocidente, hegemônico, até que as cartas começassem a ser redefinidas. O segundo, e não menos importante, a análise acerca da cobertura de um conflito de proporções e impactos sociais, políticos e econômicos mundiais, aos olhos de um braço importantíssimo da imprensa ocidental, como é o caso do noticiário ancorado pelos jornalistas William Bonner e Renata Vasconcellos.

1 O PASSADO VELA O PRESENTE: O SACRIFÍCIO DA UCRÂNIA POR UMA DISPUTA QUE NÃO É SUA

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX.

Quase todos os jovens crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem (Hobsbawn. O breve século XX: 2007).

Antes de iniciada qualquer análise neste trabalho, necessário se faz contar uma história. O passado, essencial para descortinar movimentos presentes, sobretudo quando estamos falando das relações entre países, o cumprimento de acordos firmados, suas intempéries e oscilações, não só deve, como precisa, ser rememorado. Sob pena de os acontecimentos presentes serem compreendidos não com a precisão dos fatos e circunstâncias catalogadas pela história, mas com a narrativa tendenciosa dos que imperam no mundo.

Dito isso, importante acentuar que esta dissertação, que tratará da cobertura do Jornal Nacional acerca da guerra entre a Rússia e a Ucrânia/Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte, também sob a sigla NATO)², em todo o ano de 2022, não deixará de lado – além das interfaces da comunicação em si – os aspectos históricos, sociológicos e da geo(política). Porque se entende, nesta análise, que não é possível compreender as peças que se moveram – e ainda se movem – nesse tabuleiro de xadrez tão complexo quanto perigoso. E que culminou, mais uma vez, em catástrofe.

Uma tragédia que, segundo relatório de 24 de fevereiro de 2022 a 15 de fevereiro de 2023 do Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (OHCHR)³, registrou 21.293 vítimas civis em um total de 1.141 assentamentos da Ucrânia, sendo que ao menos 8.006 foram mortos e 13.287 feridos. Esse é um dado oficial do conflito russo-ucraniano desde o fatídico 22 de fevereiro de 2022. Entretanto, a guerra política, social e ideológica, sobretudo no Leste ucraniano, região cuja maioria da população é de origem russa⁴, remonta a 2014, com a anexação da Crimeia ao território de Moscou, e em abril, quando separatistas da região do Donbass passaram a duelar um conflito armado com o governo que deixara, havia um mês, de ser pró-russo para ser pró-ocidente.

² Disponível em: https://www.nato.int/nato-welcome/index_pt.html. Acesso em: 1 maio 2023.

³ Disponível em: <https://www.ohchr.org/sites/default/files/documents/press/hrmmu-civilian-casualties-24feb2022-15feb2023-en.pdf>. Acesso em: 1 maio 2023.

⁴ Всеукраїнський перепис населення 2001 | Versão em português | Resultados | Resultados gerais do censo | Composição linguística da população | Região de Donetsk: (ukrcensus.gov.ua). Disponível em: <http://2001.ukrcensus.gov.ua/eng/results/general/language/Donetsk/>. Acesso em: 15 maio 2023.

Para subsidiar o enredo histórico da guerra atual poder-se-ia incluir à análise fatos longínquos, que antecedem a criação da União Soviética, no entanto, optou-se por um recorte mais atual, de nove anos, quando as forças naquele momento beligerantes – quais sejam: o recém-eleito governo ucraniano, apoiado pelo ocidente, *versus* a Rússia – passaram a escalar de forma antagônica mais evidente, e sem subterfúgios, seus esforços na região. A crise de 2022, como se verá a seguir, decorre, numa perspectiva mais recente, dos acontecimentos que se iniciaram em 2014, embora seja importante ressaltar que estes, por sua vez, foram desencadeados pelos anos de Guerra Fria e pós anos 2000, quando a Rússia se recuperava com fôlego do período de decadência econômica e retomava a condição de ator estratégico no cenário internacional.

É nessa perspectiva que se destacam, antes de adentrarmos às tensões da região do Donbass, fatos capitais que fizeram deteriorar, década após década, as relações russo-estadunidenses. Um dos mais importantes, senão o principal, foi a política de expansão da Otan, que se projetou não somente na Eurásia, mas também em territórios de algumas ex-repúblicas soviéticas. Em um discurso emblemático no dia 10 de fevereiro de 2007, na 43ª Conferência de Segurança de Munique (Discurso [...], 2019), o presidente da Rússia, Vladimir Putin, externou as mais duras críticas aos Estados Unidos e à Otan desde que assumira o poder. Ele mencionou, na ocasião, a política unilateral dos americanos no mundo e rechaçou a ampliação da organização militar em direção ao Leste Europeu.

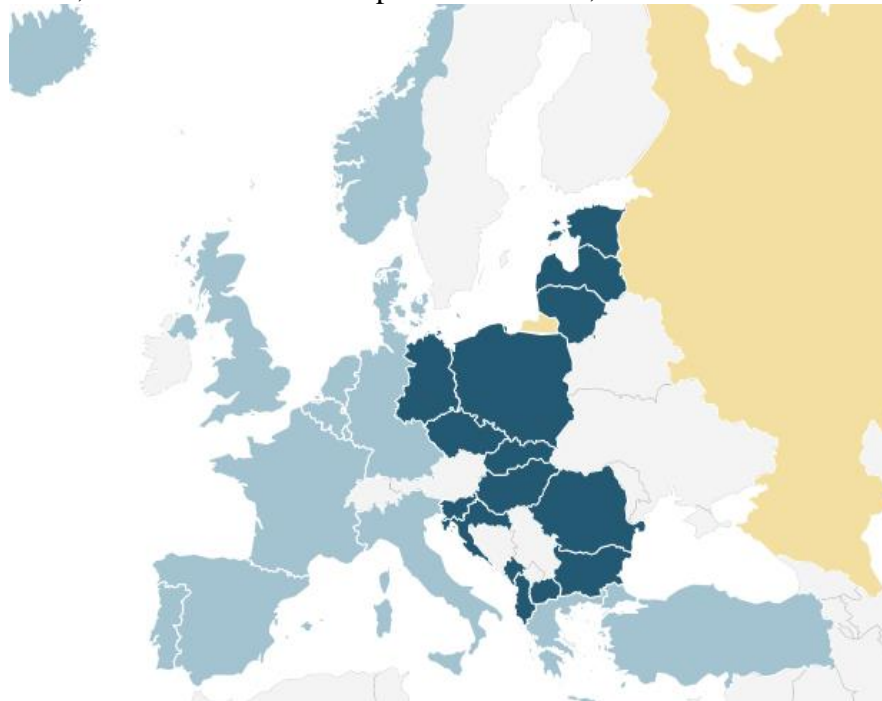
Vladimir Putin cobrou o descumprimento da promessa feita ao ex-presidente da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), Mikhail Gorbatchov, no sentido de que em troca da retirada das tropas soviéticas da Alemanha Oriental, a Otan jamais se expandiria para o Leste. Embora os porta-vozes ocidentais não confirmem o que diz Putin, a conceituada revista alemã *Der Spiegel*⁵ divulgou reportagem na qual discorreu sobre uma série de documentos britânicos que revelariam as negociações alegadas pelo presidente russo. “Não há essencialmente nenhuma outra questão histórica que tenha envenenado tanto as relações entre Moscou e o Ocidente nas últimas três décadas quanto o desacordo sobre o que, precisamente, foi acordado em 1990” (Wiegrefe, 2022, tradução nossa).

O semanário informou ainda sobre a existência de provas outras, que estariam disponíveis na Alemanha, França, Reino Unido e EUA, países que teriam participado das negociações. Segundo a revista, em março de 1991, o primeiro-ministro britânico John Major prometeu, durante uma visita a Moscou, que “nada disso [a expansão da Otan em direção ao

⁵ Publicação em inglês em 15 fev. 2022 (Wiegrefe, 2022).

Leste] vai acontecer” (Wiegrefe, 2022). E revelou também sobre contradições entre declarações de autoridades dos países envolvidos: enquanto Roland Dumas, ministro das Relações Exteriores da França em 1990, teria rememorado mais tarde sobre a promessa de que as tropas da Otan não avançariam às afluências do território da antiga União Soviética, o secretário de Estado dos EUA na época, James Baker, negou que tal compromisso tenha sido firmado – uma alegação que alguns de seus próprios diplomatas objetaram. “Jack Matlock, que era o embaixador dos EUA em Moscou na época, disse que ‘garantias categóricas’ foram dadas à União Soviética de que a Otan não se expandiria para o Leste” (Wiegrefe, 2022, tradução nossa).

Figura 1 – De 1999 a 2017, OTAN avança e incorpora 14 países outrora sob influência da URSS, entre elas as três ex-repúblicas Letônia, Estônia e Lituânia



Fonte: Wiegrefe (2019).

Se Munique inaugurou o novo momento de um discurso em riste de Putin contra os Estados Unidos e aliados, sua tradicional entrevista de fim de ano, em 2021, há dois meses do início da guerra, foi o fechamento das arestas puramente verbais para se dar início ao teatro de operações em solo ucraniano. Por oportuno, o presidente russo foi questionado pela jornalista Diana Magnay (Figura 2), da britânica Sky News (2021), que perguntara sobre a intenção de invasão ao país vizinho e sobre as acusações do Kremlin de descaso, por parte do ocidente, acerca dos descontentamentos da Rússia. Ao que respondeu:

Nossas ações dependerão não das negociações, mas da garantia incondicional da segurança da Rússia. Hoje e no futuro. Assim sendo, dissemos claramente que a futura expansão da OTAN em direção ao Leste é inaceitável. [...] Somos nós que colocamos mísseis juntos das fronteiras do EUA? Não, foram os Estados Unidos que vieram com seus mísseis para perto de nós. Os mísseis estão na porta de nossa casa. Seria pedir demais não colocar mais nenhum sistema de ataque bem próximo da nossa casa? O que há de estranho nisso? Como os americanos reagiriam se colocássemos nossos mísseis na fronteira entre o Canadá e os EUA ou na fronteira do México com os Estados Unidos? Será que o México e os Estados Unidos nunca tiveram disputas territoriais? De quem eram a Califórnia e o Texas antes? (Sky News, 2021).

Figura 2 – Como os americanos reagiriam se colocássemos nossos mísseis na fronteira entre o Canadá e os EUA ou na fronteira do México com os EUA?, responde Putin à jornalista britânica em dezembro de 2021.



Fonte: Sky News (2021).

Àquela altura, mais de 100 mil militares russos já estavam posicionados ao longo da fronteira com a Ucrânia, o mesmo se dando no território da Crimeia, anexado por Moscou em 2014. Eram os preparativos de uma guerra de proporções inimagináveis. A materialização da Guerra em terreno ucraniano passa, naquele momento, a ser uma realidade para o mundo, mas o cheiro de pólvora dos bombardeios que transformavam prédios em ruínas e atingiam famílias inteiras compunha o cotidiano de muitos russo-ucranianos havia pelo menos oito anos, como veremos a seguir.

1.1 O DONBASS

Voltemos a 2014. Sete anos após a primeira desavença pública entre a Rússia e a Otan no pós-Guerra Fria, na Conferência de 2007, a querela volta a chamar a atenção das

principais potências ao redor do mundo, desta vez com a Ucrânia explicitamente na condição de personagem central. Foi quando o então presidente do país, Viktor Yanukovich (2010-2014), recusou a assinatura do chamado *Association Agreement*⁶ - pacto a ser estabelecido entre União Europeia (UE) e os seus Estados-Membros com um país não membro – e firmou um acordo com os russos para concessão de empréstimo e redução no preço do gás. Com isso, Yanukovich, notório simpatizante de Moscou, punha fim à iniciativa de aprofundar os laços com os europeus e, ao mesmo tempo, faz acenos ainda mais firmes para a Rússia. Inconformados, manifestantes e ativistas, entre os quais se destacaram grupos paramilitares de extrema-direita, convulsionaram a capital Kiev, em defesa da agenda ocidental em detrimento da russa.

Os protestos, que ficaram conhecidos mundialmente por “Euromaidan”⁷, ocorreram de novembro de 2013 a fevereiro de 2014, e culminaram com a derrubada de Yanukovich e com a ascensão de um novo Governo, sob influência dos Estados Unidos (Bandeira, 2016, p. 292-293). As primeiras e principais medidas adotadas pelos ucranianos recém-empossados foram na direção contrária às pretensões do Kremlin e de seus seguidores (basicamente a maioria que vivia a Leste da Ucrânia), quais sejam: aderir ao *Association Agreement* e abolir a língua russa como segundo idioma do país (Arel, 2014). Isso acirrou de maneira devastadora as tensões com a Rússia.

Figura 3 – Protestos na Praça Maidan que culminaram com a deposição de Yanukovich



Fonte: Maidan [...] (2022).

⁶ Disponível em: https://eur-lex.europa.eu/eli/agree_internation/2014/295/oj. Acesso: 4 jun. 2023.

⁷ Euromaidan é um neologismo que reúne a junção do radical “euro” (de Europa) e “maidan” (termo em língua ucraniana que quer dizer praça – uma referência à Praça da Independência, em Kiev, onde ocorreram as manifestações pró-ocidente).

Do Euromaidan ficou o espólio de uma Ucrânia dividida. As lutas travadas entre manifestantes e a polícia de Yanukovich na Praça da Independência foram cercadas de narrativas das mais controversas. Delimitando a dois exemplos, o historiador ucraniano Serhii Plokhy (2015) relatou que o movimento poderia ter a alcunha de *Revolution of Dignity* porque, na visão dele, este se converteu em um grito dos que defendiam um “futuro melhor europeu”, que ansiavam por romper os laços com a Rússia. Ele assinalou ainda que o recrudescimento do movimento se deu por convicção dos próprios manifestantes e não por interferências externas do ocidente.

Já Bandeira (2016) afirmou que a primavera de Kiev não foi um movimento genuíno dos ucranianos e enfatizou uma das formas de interferência dos Estados Unidos e União Européia nos protestos, com fins de alterar o regime prevalescente no país em seu favor. Bandeira sublinhou declaração do economista Paul Craig Roberts, ex-secretário assistente do Tesouro no Governo de Ronald Reagan (1981–1989), segundo o qual o objetivo dos americanos era

entregar a Ucrânia às garras da União Europeia, para que os bancos da União Europeia e dos Estados Unidos *pudessem* saquear o país como saquearam, por exemplo, a Letônia; e enfraquecer, simultaneamente, a Rússia, roubando-lhe uma parte tradicional e convertendo-a em área reservada para bases militares dos Estados Unidos-Otan (Bandeira, 2016, p. 275).

Bandeira atribui a Roberts o testemunho a seguir:

Os protestos no oeste da Ucrânia são organizados pela CIA, pelo Departamento de Estado dos EUA e por Organizações Não Governamentais (ONGs) financiadas por Washington e pela UE que trabalham em conjunto com a CIA e o Departamento de Estado. O objetivo dos protestos é anular a decisão do governo independente da Ucrânia de não aderir à UE (Bandeira, 2016, p. 275-276, tradução nossa).

Em resposta à queda de Yanukovich, a Rússia anexou a Crimeia, península importante para as pretensões econômicas e geográficas de Moscou devido à base naval de Sebastopol e à sua posição no Mar Negro, que permite acesso aos mares Mediterrâneo e Atlântico. E não o fez sem antes mostrar-se revestida de legitimidade ao trazer à tona o precedente de Kosovo⁸, quando potências ocidentais referendaram, apesar de não ter havido qualquer consulta pública, a independência do país da antiga Iugoslávia.

⁸ Em 17 de fevereiro de 2008 os Estados Unidos e as potências europeias avalizaram a declaração de independência de Kosovo, sem que houvesse plebiscito. Isso ocasionou a alteração das fronteiras da Sérvia, o que se constituiria em violação aos acordos de Helsinki, em 1975.

Além disso, o Kremlin considerou o fato de a maioria da população da Crimeia ser de origem russa e de que parte dela rejeitava o novo Governo de Kiev. Esse movimento estimulou as províncias do leste, sudeste e sul ucranianos a se insurgirem contra Kiev e aspirarem seguir o exemplo de anexação pelo Kremlin, conflito que acabou resultando numa guerra civil separatista, concentrada principalmente nas províncias de Donetsk e Luhansk, região fronteira com a Rússia, onde há a maior aglomeração de indústrias do país, muitas usinas de aço e reservas de carvão.

Como destacou Bandeira (2016, p. 325), os dissidentes do Donbass acabaram por tomar o controle de quartéis, armamentos,

quartel-general do Serviço de Segurança e casernas da Guarda Nacional, onde se apoderaram do material bélico, e convocaram uma sessão do Conselho Regional de Donbass, realizada em 7 de abril de 2014, na qual votaram unanimemente a declaração formal de independência, como República Popular de Donetsk (Donetskaya Narodnaya Respublika), demandando o respaldo da Rússia.

O mesmo se deu alguns dias depois com a província de Luhansk, com ambos reivindicando o aval da Rússia. O propósito, ainda segundo Bandeira, era formar, em Donbass, o Estado Federal da Novorossiia ou União das Repúblicas da Novorossiia, que abrangeria Kharkov, Dnepropetrovsk, Zaporizhia, Kherson, Mykolaiv e Odessa. Mas em que pese o apoio estratégico do ponto de vista militar, armamentar e logístico junto aos dissidentes, a Rússia recusou, naquele momento, a adesão das províncias ao seu território, provavelmente visando manter o mínimo de estabilidade com o ocidente.

Esse reconhecimento veio se dar quando do anúncio do presidente Vladimir Putin, no dia 24 de fevereiro de 2022, da invasão da Rússia à Ucrânia. O mandatário russo referendou a operação como sendo uma reparação para o que chamou de “genocídio” e “crimes” contra russos, especialmente os nativos do Donbass. Seguindo a narrativa adotada pelo Kremlin acerca do conflito, aquela era uma forma de “desmilitarizar e desnazificar” e de parar com o genocídio e limpeza étnica contra um povo - nesse caso, contra os russos do Leste. O presidente ucraniano Volodymyr Zelensky, aquiescido pelo ocidente, negou a existência de crimes e perseguições contra a população do Donbass e acusou Moscou de mentir.

Esse foi o prenúncio de uma guerra que representou, antes de qualquer coisa, o antagonismo geopolítico entre a Rússia e os Estados Unidos/Otan e o interesse de imperar na região, que é porta de entrada para a riquíssima e importantíssima Eurásia. Em suma, a condição de corredor geográfico entre a Europa Ocidental e a Rússia – e o diálogo impraticável entre as partes rivais – resultaram no martírio dos ucranianos.

1.2 A OTAN E A INDÚSTRIA DE ARMAS AMERICANA

Em 16 de maio de 2023 (Figura 4), documento publicado no *New York Times* pela Eisenhower Media Network (2023), organização de especialistas ex-militares e funcionários civis da Segurança Nacional dos Estados Unidos, aponta o lucro das vendas de armas, pela indústria estadunidense, como fator decisivo para a expansão da Otan. O texto dos especialistas recorda ainda que, preocupados com a oposição crescente no país à política de ampliação da organização militar, um grupo de neoconservadores e executivos da indústria armamentista chegou a criar um comitê dos Estados Unidos para a expansão da Otan. E assinala que entre 1996 e 1998 fabricantes de armas empregaram 51 milhões de dólares (valores à época) “em atividades de lobby e mais milhões em contribuições eleitorais”.

O documento expõe que, com a consolidação da política de expansão da organização militar, os fabricantes de armas americanos lucraram bilhões de dólares com a venda de equipamentos, sob o pretexto de segurança nacional e de aliados. Dados do documento elaborado pelo *Eisenhower Media Network* revelaram ainda que a Casa Branca gastou com o envio de armas US\$ 30 bilhões dos US\$ 100 bilhões de ajuda total à Ucrânia.

[...] os planos e as ações para expandir a Otan até as suas fronteiras serviram para provocar os temores russos. E os líderes russos sustentaram essa posição por 30 anos. Um fracasso da diplomacia levou à guerra. Agora, a diplomacia é urgentemente necessária para acabar com a guerra Rússia-Ucrânia antes que destrua a Ucrânia e coloque em perigo a humanidade (A Guerra [...], 2023).

Figura 4 – Sobre o documento do *Eisenhower Media Network* publicado no *NYT*

THE NEW YORK TIMES, TUESDAY, MAY 16, 2023

ADVERTISEMENT

The U.S. Should Be a Force for Peace in the World

The Russia-Ukraine War has been an unmitigated disaster. Hundreds of thousands have been killed or wounded. Millions have been displaced. Environmental and economic destruction have been incalculable. Future devastation could be exponentially greater as nuclear powers creep ever closer toward open war.

We deplore the violence, war crimes, indiscriminate missile strikes, terrorism, and other atrocities that are part of this war. The solution to this shocking violence is not more weapons or more war, with their guarantee of further death and destruction.

As Americans and national security experts, we urge President Biden and Congress to use their full power to end the war speedily through diplomacy, especially given the grave dangers of military escalation that could spiral out of control.

Sixty years ago, President John F. Kennedy made an observation that is crucial for our survival today. "Above all, while defending our own vital interests, nuclear powers must avert those confrontations which bring an adversary to a choice of either a humiliating retreat or a nuclear war. To adopt that kind of course in the nuclear age would be evidence only of the bankruptcy of our policy—or of a collective death-wish for the world."

The immediate cause of this disastrous war in Ukraine is Russia's invasion. Yet the plans and actions to expand NATO to Russia's borders served to provoke Russian fears. And Russian leaders made this point for 30 years. A failure of diplomacy led to war. Now diplomacy is urgently needed to end the war before it destroys Ukraine and endangers humanity.

The Potential for Peace

Russia's current geopolitical anxiety is informed by memories of invasion from Charles XII, Napoleon, the Kaiser and Hitler. It is also informed by memories of the 1917 revolution. Russia's current anxiety is also informed by memories of the 1917 revolution.

U.S./NATO Military Bases

Map showing U.S./NATO Military Bases in Europe and the United States.

Timeline

- 1990** U.S. assures Russia that NATO will not expand towards its border "...there would be no extension of...NATO one inch to the east," says U.S. Secretary of State James Baker.
- 1996** U.S. weapons manufacturers form the Committee to Expand NATO, spending over \$51 million on lobbying expenditures.
- 1999** NATO admits Hungary, Poland, and the Czech Republic to NATO. U.S. and NATO bomb Russia's ally, Serbia.
- 2001** U.S. unilaterally withdraws from the Anti-Ballistic Missile Treaty.
- 2004** Seven more Eastern European nations join NATO. NATO troops are now directly on Russia's border.
- 2004** Russia's parliament passes a resolution denouncing NATO's expansion. Putin

Fonte: Eisenhower Media Network (2023).

Outro contexto importante diz respeito às bases militares mantidas pelos Estados Unidos em todas as partes do mundo. No auge da Segunda Guerra Mundial os americanos controlavam mais de 2 mil bases e 30 mil instalações no exterior, mas quase 80 anos se passaram desde o fim do conflito entre eixo e aliados – e três décadas deixaram para trás a União Soviética e, conseqüentemente, a Guerra Fria – e mais de 800 bases militares americanas continuam cercando o globo (Vine, 2022).

Essas bases abrigam cerca de meio milhão de norte-americanos no exterior, de acordo com o antropólogo David Vine, autor do livro *Base Nation*, um compilado que diseca em detalhes, com informações oficiais, como os Estados Unidos estacionam suas tropas no exterior e o “custo financeiro impressionante” disso (Vine, 2022).

Figura 5 – Bases militares dos Estados Unidos no mundo



Fonte: Ameni (2022).

A agressiva estratégia americana em se posicionar mundo afora, como uma espécie de regulador das tensões entre os países, fez um importante nome da intelectualidade do século XX, o historiador britânico Eric Hobsbawm (2007) denominar de “desfaçatez” o comportamento dos Estados Unidos “de querer transformar a Otan em um ‘agente policial global’”. Diz Hobsbawm que se entre os séculos XIX e XX o império britânico utilizou-se da justificativa da abolição do tráfico de escravos para se impor perante o mundo, os americanos se valem com frequência de ser a guardiã dos direitos humanos para legitimar seu poderio militar. A diferença é que, enquanto os ingleses nutriam um propósito britânico e não universal, os Estados Unidos, ao tentar imprimir um viés universalista perante as demais nações, propaga a ideia de que deve ser espelho para o mundo, com suas virtudes e liberdades.

Para o historiador marxista: “poucas coisas pode haver que sejam tão perigosas quanto os impérios que buscam satisfazer seus próprios fins acreditando que estão fazendo um favor à humanidade” (Hobsbawm, 2007).

1.3 A LEGITIMAÇÃO DA GUERRA

Diante de um complexo cenário de conflitos geopolíticos, interesses dos mais profusos e uma infinidade de justificativas e alegações para invadir um outro país, como o fato de que todas as tentativas para a pacificação foram esgotadas, é que o cientista político José Luís Fiori (2023) recorreu a Cícero (106 e 43 a.C), jurista e cônsul romano, que vem a ser o primeiro formulador da tese de que existiriam guerras “justas” ou “legítimas” e outras “injustas” ou “ilegítimas”. Ele também atribui a Cícero a definição de “justas” as iniciativas envidadas em caso de legítima defesa.

Observou ainda Fiori (2023) que

[...] muitos séculos depois do fim do Império Romano, no início da modernidade europeia, em pleno século XVII, Hugo Grotius (1583-1645) e Tomas Hobbes (1588-1679) diagnosticaram esse mesmo problema no funcionamento do “sistema interestatal” que estava nascendo na Europa naquele momento.

Tanto Grotius quanto Hobbes teorizavam que não havia como atestar em qual flanco estaria a razão porque inocências e culpas, em caso de guerras e conflitos, seriam multilaterais, com os estados na condição de eternos rivais – e não existiria dentro do sistema um “poder superior” que pudesse arbitrar de “forma objetiva” o “bem” e o “mal”, o “justo” e o “injusto”.

Em síntese, quando se olha para a Guerra da Ucrânia do ponto de vista dos critérios e interesses estratégicos das duas grandes potências envolvidas nesse conflito, se entende melhor porque a Rússia não pode nem tem como recuar, porque o que está em jogo para ela é a sobrevivência do seu território, da sua identidade e da unidade nacional; e do outro lado, os norte-americanos estão bloqueando qualquer iniciativa de paz até aqui, porque o que está em jogo para eles é o futuro da sua supremacia junto com todos os privilégios associados ao poder global que conquistaram depois de sua vitória na Guerra do Golfo, em 1991 (Fiori, 2023).

Teorias como a de Fiori, que se manifestam considerando o prisma russo do conflito, inexistem na mídia hegemônica, sobretudo a televisiva, como é o caso do Jornal Nacional. Durante todo o período da análise deste trabalho, restou cristalino o papel protagonista dedicado aos Estados Unidos nesta teia geopolítica eurasiática. A atribuição que lhe é conferida

não é de um personagem provocador dos acontecimentos, mas tão somente de cooperador, junto aos países aliados ocidentais, no sentido de defender a soberania da Ucrânia e os princípios internacionais afetados, entre os quais a não-intervenção e a autodeterminação dos povos.

Não fossem pesquisadores ou interessados no assunto, os brasileiros de uma maneira geral não saberiam, por exemplo, sobre peculiaridades da configuração geopolítica da Rússia, um Estado fundamentalmente euroasiático, que se estendeu, ao longo da história, por quase todo o Cáucaso, região entre o Mar Negro e o Mar Cáspio e que, por sua condição de rota de migração e deslocamento de povos entre a Ásia e a Europa, passou a ser habitada por dezenas de grupos étnicos e linguísticos heterogêneos. E que suas antigas relações socioeconômicas e culturais aproximaram os povos que habitavam a região, apesar das imensas diferenças do ponto de multiétnico, multirracial, multilinguístico e multireligioso (Bandeira, 2013, p. 30-31).

Essa coesão entre os povos próximos está no gene da cultura russa, o que ajuda a explicar a popularidade do presidente Vladimir Putin no país, sobretudo a partir dos anos 2000.

Ele teria sido um gosudarstvennik (defensor de um Estado forte), que fortaleceu e recentralizou o estado russo após o período de Yeltsin nos anos 1990, caótico e com tendências centrífugas. O que foi encarado por muitos no Ocidente como um processo autoritário de recentralização estatal, foi visto por um grande número de russos como um reequilíbrio da balança política (Sgrillo, 2012).

Se esperava de um veículo de comunicação de massa, na condição de mediador e propagador de posicionamento ideológico que é, situar o público receptor sobre o papel dos agentes envolvidos (atores, sujeitos, etc) e não dar luz ou ocultar cenários a depender de interesses outros. Mais adiante veremos como a forma como o JN organiza e transforma acontecimentos em notícia, conforme o conceito de CR-P.

2 AS RELAÇÕES DA EMISSORA MAIS PUJANTE DA AMÉRICA LATINA

O desnudamento da narrativa antidemocrática formulada e atualizada pelo Jornal Nacional é, nesse sentido, parte fundamental da luta dos brasileiros por uma democracia na qual a liberdade de expressão não seja propriedade exclusiva de grandes empresas, mas um direito plural de todos os cidadãos e cidadãs (Carrato; Santana; Guimarães, 2021).

A Guerra é um produto que alavanca audiência. E os primeiros 30 dias do conflito na Ucrânia, no exato período de 24 de fevereiro a 26 de março de 2022, foram os mais intensos para os jornalistas da Globo, especialmente para a equipe do JN voltada para a apuração das operações em curso. Neste intervalo de tempo, foram veiculadas 185 das 502 reportagens em 2022 nas edições diárias que duram em média 45 minutos. Mas havia ainda transmissões quase ininterruptas da Globonews e matérias de relevo por parte das demais mídias pertencentes ao Grupo. Uma avalanche de notícias.

E se entendemos que a leitura acerca do que ocorreu no passado e que ainda persiste no presente, entre os principais atores da guerra, é imprescindível para compreendermos a tragédia que se passa na Ucrânia, as relações e conexões de ordens múltiplas com atores ao redor do mundo, nutridas pelo Grupo Globo (GG), mantenedor do Jornal Nacional, também são fundamentais para compreendermos a cobertura concebida no primeiro ano do conflito.

Um adendo importante é que, apesar dos 11.168 km de distância de Brasília até Moscou⁹ (e de 10.552 km de Brasília até Kiev¹⁰) e, portanto, de estarmos falando de uma zona geográfica – e até mesmo ideológica – distante das labaredas onde ocorrem os combates, não estamos tratando de um sistema de comunicação qualquer – ou que esteja alheio ao cenário de guerra.

O Grupo Globo (Organizações Globo Participações S.A), conglomerado que abrange as empresas Globo (Globo Comunicações e Participações S.A.), Editora Globo, Sistema Globo de Rádio e Globo Ventures, é o maior complexo de mídia e comunicação do Brasil e a TV Globo é hoje a maior organização de produção de conteúdo da América Latina. Estamos, portanto, falando de um conglomerado de mídia essencial para a disputa pela preferência da opinião pública em uma região com uma influência capital dos Estados Unidos. A Globo não ressoa somente no Brasil, o maior país do continente latino, mas em várias partes do mundo, sobretudo com a exportação de telenovelas, que foi o primeiro passo para a

⁹ Distância entre Brasília, Brasil e Moscou, Rússia pelo site thedistancenow. Disponível em: https://www.thedistancenow.com/pt/brasil_brazil/moscow_russia. Acesso em: 8 jun. 2023.

¹⁰ Distância entre Brasília, Brasil e Kiev, Ucrânia pelo site thedistancenow. Disponível em: https://www.thedistancenow.com/pt/brasil_brazil/kiev_ukraine. Acesso: 8 jun. 2023.

internacionalização da emissora ainda na década de 70-80.

O papel das telenovelas brasileiras no debate e nas questões políticas é tamanho que, desde 1993, a lei das eleições passou a vedar em seu artigo 79, às emissoras de televisão e radiodifusão, a veiculação ou divulgação, durante o período da propaganda eleitoral gratuita, “de filmes, novelas, minisséries ou qualquer outro programa, que faça alusão ou crítica que prejudique qualquer candidato ou partido político, mesmo que de maneira subjetiva” (Brasil, 1993). O que permanece até os dias atuais.

O legislador brasileiro reconheceu o direito de recurso dos partidos que se considerarem prejudicados pelas inferências a eles na televisão. Os espaços de programação de TV, reduzido principalmente à condição de entretenimento, se mostraram cada dia mais um *locus* importante nas discussões da sociedade (Porto, 1995). São as novelas o principal produto de propagação de mensagens do Grupo Globo no exterior, mas não é só isso. Com o avanço tecnológico na área da comunicação e as facilidades no intercâmbio de notícias é certamente o JN, o mais prestigiado telejornal de assuntos da sociedade e da política brasileira, a fonte sumária dos veículos de comunicação de massa mundo afora.

O suntuoso conglomerado de mídia que se tornou o Grupo Globo, não só em termos de Brasil, mas de mundo, dá uma dimensão do poder que a emissora conquistou ao longo dos anos. Para se ter uma ideia, o seu faturamento, que apesar dos conhecidos altos e baixos financeiros ao longo de décadas de existência, continua exuberante. Em 2022, a arrecadação da Globo Comunicação e Participações (GCP) bateu a casa dos R\$ 15,1 bilhões, segundo levantamento do Jornal Valor Econômico (Góes, 2023), um dos veículos sob seu condão. O apurado é quase o orçamento de R\$ 15,9 bilhões previsto no mesmo ano para o Estado do Rio Grande do Norte (Rio Grande do Norte, 2022), onde vivem 3,3 milhões de pessoas¹¹.

Vejamos os números em detalhamento (Figura 6), conforme matéria do Valor:

¹¹ Dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023).

Figura 6 – Dados da Globo Comunicações e Participações, na Receita da empresa em 2021



Fonte: Góes (2022).

A apoteose que o Grupo Globo se tornou, com domínio inquestionável perante a mídia brasileira, é fruto da infinidade de produtos de alta rentabilidade que possui, a maior parte deles em constante inovação – e que caminham em mesmo compasso com a modernização das mídias ao redor do mundo. Isso explica o deslocamento natural de seus investimentos, hoje sobremaneira voltados para a plataforma digital. Mas a televisão – e a TV Globo particularmente – ainda dispõe de gordura para queimar.

Com o advento da internet, muito se falou dos anos contados que teriam mídias já consideradas obsoletas. No entanto, o que foi um tormento para a humanidade se revelou em sobrevida para a televisão. No período da pandemia da Covid-19, as informações aceleradas e muitas vezes descuidadas do mundo virtual foram postas em xeque como nunca. Pesquisas das

mais variadas, realizadas no período, mostraram que a TV ainda era considerada o meio mais confiável para obtenção de informações acerca do momento difícil pelo qual passava o mundo (Mais Preocupados [...], 2020). Já em março de 2020, a Kantar/Ibope revelava que 79% dos brasileiros davam preferência à TV e muitas outras análises seguiram com conclusões semelhantes. A TV voltou a ser, naquele contexto de instabilidade mundial, arma importantíssima para uma população confinada, dependente e ávida por informações externas fidedignas e, por isso mesmo, desconfiada com as *fake news* do mundo virtual, que eram tão rápidas e destrutivas quanto o próprio coronavírus.

Neste sentido, o Jornal Nacional, que é objeto desta dissertação, tem papel determinante na atmosfera de confiabilidade e credibilidade que a TV Globo ainda mantém perante os telespectadores brasileiros. Em que pese ter sido razão de inúmeras contraposições oriundas de investigações por parte de pesquisadores, que identificavam o caráter parcial e tendencioso do seu produto, a opinião dos brasileiros continua sobremaneira influenciada pelo que se passa no telejornal global.

2.1 A AUDIÊNCIA

Tudo isso se traduz na superioridade do JN na concorrência com telejornais de outras emissoras, como os grifes da TV Record e da Band¹². De acordo com a Kantar Ibope (Audiência [...], 2023), empresa que mensura a audiência dos telejornais no Brasil, em média, 23,29% ou 6,2 milhões¹³ de domicílios brasileiros assistiram ao Jornal Nacional em 2022. Na contagem relativa ao alcance individual – que leva em conta o número de indivíduos impactados pelo programa – o jornalístico global logrou 34,9 pontos. Como cada degrau equivale a 716.010 indivíduos, o jornal influenciou 24,9 milhões de telespectadores/mês em 2022.

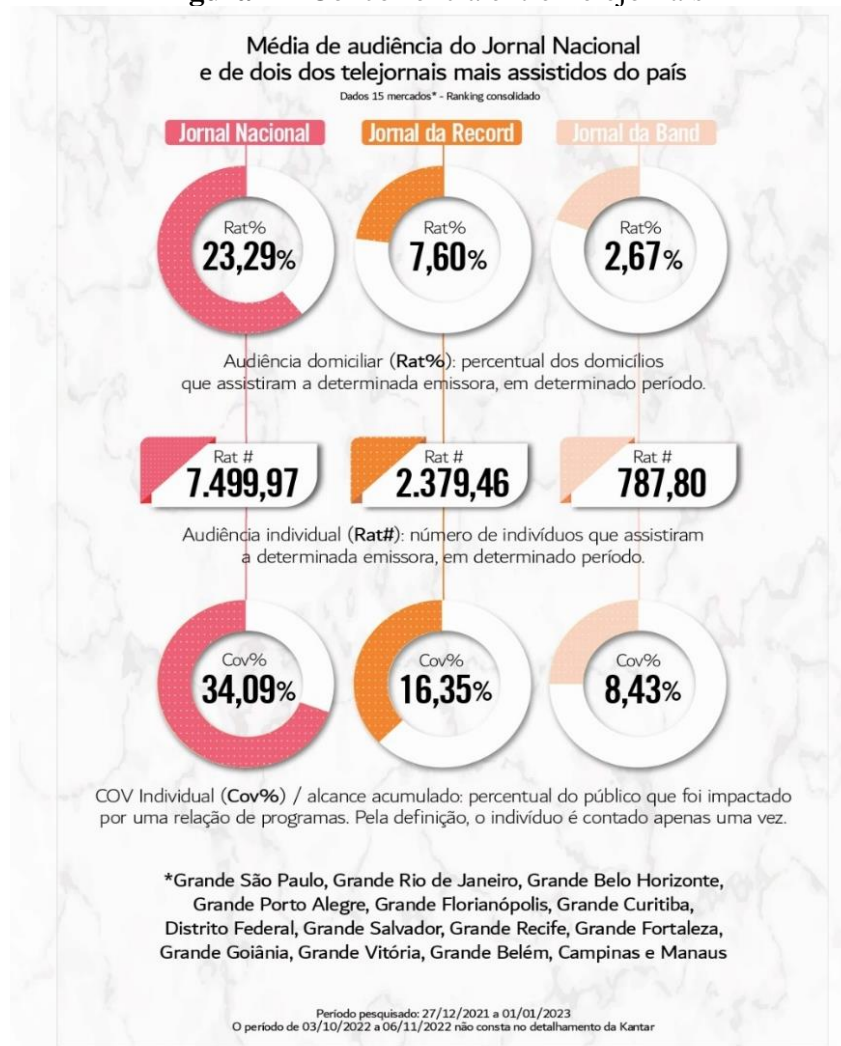
A título de comparação, o Jornal da Record, o segundo telejornal em audiência no país, não obteve metade da preferência dos telespectadores do Jornal Nacional. O telejornal de Edir Macedo registrou, nesta mesma mensuração, 16,35 pontos em 2022. Isso quer dizer que o JN impactou, para mais, 13,2 milhões de indivíduos/mês que o seu principal concorrente. É mais do que a população de Portugal que, conforme consta no censo de 2021 do Instituto Nacional de Estatística (INE) daquele país, contabilizou 10.343.066 pessoas¹⁴.

¹² A Kantar IBOPE somente disponibiliza as medições das dez atrações mais bem pontuadas de cada emissora, daí não haver menção ao telejornal do SBT.

¹³ A Kantar/Ibope informa que cada ponto/percentual equivale a 268.280 domicílios.

¹⁴ Disponível em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main. Acesso: 11 maio 2023.

Figura 7 – Concorrência entre Telejornais



Fonte: Dados da pesquisa levantados pela autora (2023).

A Kantar IBOPE – divisão latino-americana da Kantar Media, líder global em inteligência de mídia e braço do Grupo WPP, que é uma publicitária britânica considerada a maior do mundo¹⁵, mensura a preferência do público das 15 principais regiões do país, através do seu Painel Nacional de Televisão (PNT). Em 2022, foram 48 sondagens de sete dias da semana cada uma, análises que iniciaram impreterivelmente a cada segunda-feira com desfecho no domingo seguinte.

Não constaram na base de dados da empresa, disponíveis na internet, o resultado das coletas do período entre três de outubro e seis de novembro, ou seja, deixaram de ser recolhidas as informações de cinco semanas no ano de 2022, quais sejam: 03/10 a 09/10; 10/10 a 16/10; 17/10 a 23/10; 24/10 a 30/10; e, por fim, 31/10 a 06/10. Sendo assim, o cálculo

¹⁵ Informações no LinkedIn da empresa. Disponível em: <https://br.linkedin.com/company/kantaribopemedia>. Acesso em: 4 jul. 2023.

utilizado para definir as médias de audiência resultou na somatória de todos os levantamentos divididos pelas 48 vezes em que eles foram realizados.

Carro-chefe do jornalismo da Globo e do Brasil, o Jornal Nacional sempre esteve no topo entre os líderes de audiência da emissora. No entanto, nos anos 2012 a 2015 teve expressiva queda em seu alcance, quando, segundo Carrato, Santana e Guimarães (2021), amargou o índice considerado muito aquém para suas médias de audiência, de 24,8 pontos. Em momentos de efervescência da política nacional, tragédias sociais e humanitárias e de comoção coletiva, o JN vê sua abrangência turbinar.

Em momentos de embate com o governo Jair Bolsonaro, viu sua audiência aumentar - em 19 e 25 de agosto de 2019, a audiência foi de 31,8 pontos, e em 28 de outubro a 3 de novembro, período de forte embate em função de reportagens sobre o caso Marielle, atingiu 30,6 pontos. De acordo com o Painel Nacional de Televisão, em 2012, a média de audiência do JN era de 31,8 pontos, caindo para 24,8 em agosto de 2015, o que representou uma perda de público, naquele período, de 28%. Em agosto de 2019, o JN alcança novamente o índice de 31 pontos, atingindo 31,4. Com a pandemia, e as edições se dedicando à cobertura sobre o coronavírus, ao lado da massiva disseminação de fake news, o JN marcou, nas primeiras semanas de março de 2020, 37 pontos de audiência na Grande SP (Carrato; Santana; Guimarães, 2021, p. 9).

2.2 A GUERRA E A MÍDIA

A cobertura de Guerra é lembrada pelo filósofo Noam Chomsky (2013) desde a sua primeira operação de propaganda governamental do século XX, na metade da Primeira Guerra Mundial, quando o presidente americano Woodrow Wilson (1913-1921) e sua Comissão Creel¹⁶ foram acusados de transformar a população americana de “pacifista” à “histórica”, ávida por “destruir tudo o que fosse alemão, partir os alemães em pedaços, entrar na guerra e salvar o mundo (Chomsky, 2013, p. 11-12).

Chomsky lembra que dois anos antes do início da guerra, Wilson venceu a eleição americana com o slogan “paz sem vitória”, mas logo depois revelou qual era na verdade sua intenção: inserir os Estados Unidos com afinco no conflito mundial. E para isso precisava convencer o que Lippmann – Walter Lippmann, escritor, jornalista e comentarista político estadunidense – chamou de “rebanho desorientado” (2013, p. 9) , ou seja, o povo, carente da palavra ordenadora dos bons – estes últimos a quem Lippmann chamou de “classe especializada”.

¹⁶ Comissão de Informação Pública (CPI), também conhecida como comissão Creel em homenagem ao jornalista George Creel, foi uma comissão criada em 1917 com fim de convencer a opinião pública americana a apoiar o esforço de guerra.

George Creel, um escritor jornalista que se tornou o primeiro-ministro da propaganda da história norte-americana cujo legado foi sua luta pela mente os homens, para a conquista de suas convicções para que o evangelho do americanismo possa ser levado a cada canto do mundo (Lippmann, 2010, p. 54).

A ideia era afastar qualquer tipo de problema que pudesse atrapalhar os interesses da Casa Branca, sobretudo as incômodas vozes divergentes das ruas. A tarefa foi exitosa e, desde então, os Estados Unidos colecionam atuações, de forma direta ou indireta, nos conflitos ao redor do mundo.

No caso do Brasil, enquanto país independente, foram quatro participações em guerras entre os séculos XIX e XX e são elas: Guerra Cisplatina (1825 – 1828), Guerra do Paraguai (1864 – 1870), Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) e Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945). Somos um país sem histórico no protagonismo de grandes guerras, que está entre os mais pacíficos do mundo, no que concerne a conflitos geopolíticos, mas ainda assim a disputa pela opinião pública de uma nação em tempos de disputas bélicas – sobretudo de países com consistentes influências continentais, como é o caso – é importante. Basta lembrar que cada vez que um chefe de Estado se manifesta em favor de um lado ou de outro do conflito rapidamente as vozes divergentes se manifestam. Foi isso que aconteceu, como se verá mais adiante, quando o ex-presidente Jair Bolsonaro relutou em se posicionar no início dos embates, e quando Lula foi à China e criticou a participação americana na guerra. E isso é óbvio, porque uma guerra como a da Ucrânia é um problema global, que envolve interesses geopolíticos e de capital e, nesse sentido, a disseminação sistemática de notícias que interessam a mercados, nações ou instituições de atuação global é ouro.

Nesta pesquisa, estamos tratando da cobertura do mais influente e de maior envergadura telejornal do Brasil, que vem a ser o maior país da América Latina e, como dito acima, considerada zona de segurança estratégica dos Estados Unidos. Os americanos estão em posição central no conflito que tem como principal inimigo a Rússia. Nesta sepa, importante se faz contextualizar: em 2022, o presidente do Brasil era Jair Bolsonaro, político conservador, de direita, alinhado ideologicamente com o ex-presidente americano Donald Trump, antecessor de Joe Biden, o atual. Trump, ao contrário de Biden, se mostra ainda hoje um admirador de Vladimir Putin, a quem chamou recentemente de “genial” e “pacificador”, referindo-se ao conflito na Ucrânia. Putin é acusado de arregimentar o exército digital russo em favor de Trump na eleição de 2016, quando o republicano se sagrou vitorioso.

Mello (2020) lembra que as denúncias de intevenção da Rússia no processo eleitoral dos Estados Unidos rendeu investigação do promotor especial Robert Muller, que embora não

reconheça o dolo por parte dos envolvidos, apontou evidências da ingerência russa no processo:

Entidades russas criaram 80 mil posts no Facebook que atingiram até 126 milhões de pessoas nos Estados Unidos em um período de dois anos. O Twitter revelou ter detectado 50258 contas falsas russas (bots ou sockpuppets), que foram responsáveis por milhões de tuítes nas eleições americanas de 2016, a grande maioria atacando Hillary Clinton ou favorecendo o então candidato Donald Trump (Mello, 2020, p. 109-110).

Na esteira do colega americano, Bolsonaro resistiu o quanto pôde a condenar a Rússia, apesar do visível incômodo da diplomacia brasileira, sobretudo no início do conflito – e da pressão veemente da imprensa nacional, entre os mais acirrados o JN. Meses depois, o presidente Luís Inácio Lula da Silva, eleito em novembro de 2022 e empossado em janeiro de 2023, também irritou os americanos quando, em visita a China no mês de abril, teceu duras críticas aos Estados Unidos, a quem acusou de “incentivar a guerra” (Prazeres, 2023). As exposições públicas de Lula sobre o conflito ensejaram uma forte reação da Casa Branca, que tratou as afirmações do líder brasileiro como “equivocadas”, o que mostra a relevância para os Estados Unidos de um país como o Brasil para sua trincheira (Bulla *et al.*, 2023).

As conexões entre o comando de poder da Rússia e EUA atuais são apenas pano de fundo do furor apocalíptico que permeia todo o histórico de acirramentos das duas maiores potências nucleares do mundo. Gramsci (2017, v. 3), em seus Cadernos do Cárcere, enfatiza as diferenças entre guerra militar e luta política, dois aspectos latentes no conflito ucraniano. Ele assinala que, enquanto o primeiro depende apenas da consolidação de dois objetivos estratégicos, que são a destruição do exército inimigo e a ocupação do território disputado, o segundo é claramente mais complexo, porque a partir daí se inicia a luta na areia movediça que é o terreno político.

“A luta política da Índia contra os ingleses (e, em certa medida, a luta da Alemanha contra a França ou da Hungria contra a Pequena Entente) conhece três formas de guerra: de movimento, de posição e subterrânea” (Gramsci, 2017), disse o pensador sardenho, certamente referindo-se às lutas travadas com fim de manter ou ampliar o poder político, e enfatizando que as mesmas podem ser comparadas às guerras coloniais ou às velhas guerras de conquista.

Os escritos de Gramsci foram concebidos entre 1929 e 1935, mas permanecem atuais: a Rússia e a Ucrânia/OTAN ficam posição quando estão irredutíveis quanto ao avanço ao leste da organização militar sob a tutela dos Estados Unidos; atuam em movimento, quando ajustam estratégias no campo de batalha ou são obrigadas a calibrar discursos e

alinhamentos de ordem tática; e descem ao subterrâneo, no instante em que conduzem operações secretas e de espionagem, com agentes de inteligência disfarçados, ou até mesmo quando incorporam às suas trincheiras grupos de mercenários armados, espécie de exército paralelo que segue suas próprias regras em missões e, por isso mesmo, estão mais abertos a ações clandestinas e de sabotagem.

2.3 LUTA POLÍTICA DA GUERRA

No contexto contemporâneo da luta política da guerra, a informação cumpre papel *sine qua non* nos três aspectos citados por Gramsci (2017), por ser considerada tão fundamental e estratégica quanto o próprio arcabouço bélico e militar. E por razões óbvias: a disseminação de notícias e de propaganda influenciam a opinião pública global e o convencimento ou não dos cidadãos de determinado país envolvido no conflito será fundamental para as três formas acima elencadas e suas repercussões, inclusive na fase pós-conquista.

Bourdieu (1997, p. 10-11) aborda o poder que a imprensa exerce em conflitos entre países, ao lembrar do tensionamento entre Grécia e Turquia, em 1996, em torno da disputa por uma ilha desabitada no leste do mar Egeu – Kardac, como é chamada pelos gregos, e Imia, como a denominam os turcos. Ele assinala que ambos os países, inflamados pela concorrência sem limites de TVs, rádios e jornais locais, que alimentavam um conflito descomedido em busca de alavancar os índices de audiência, “lançaram-se a um desdobramento de delírios nacionalistas” que resultou no (...) “desembarque de soldados gregos na ilhota, deslocamento de frotas, e a guerra foi evitada apenas por pouco” (Bourdieu, 1997, p. 10). É com essa força do chamado quarto poder e o crivo que possui acerca do que deve ser ampliado ou reduzido, quando das veiculações em massa, que a televisão determina o que o mundo deve tomar conhecimento e como o mundo deve tomar conhecimento de determinado fato.

Do ponto de vista da geopolítica, há uma cadeia de aparatos de comunicação em larga escala que se incorporam a um comboio-líder, mais potente e poderoso, e reproduz o discurso hegemônico calcado em interesses políticos e econômicos de uma determinada nação. Há uma ritualização intrínseca aos meios de comunicação que apontam critérios “sobre o que deve ser revelado, destacado, sugerido, ocultado e até malversado” (Souza, 2005, p. 18) e, sob este prisma, os veículos se fixam na interseção inquietante entre encobrir e revelar a imagem a ser ofertada ao seu público. No próximo capítulo se verá como as reportagens do

JN fazem uso, mesmo que com sutileza, de angulação x e não y ou z para suas narrativas. Por exemplo, como o repórter explana a questão das relações das atuações americanas e da Otan nas guerras da contemporaneidade. Há um vácuo no aprofundamento dessas informações.

Dorfman e Mattelart (1980) evocam o nascedouro da construção da informação, quando sintetizam a maneira cartesiana de constituir as relações entre mensagem, receptores e contexto nas hostes do mundo capitalista. Em *Para ler o Pato Donald – Comunicação de Massa e Colonialismo*, os autores (1980) evidenciam o papel do Pato Donald, personagem da Disney que é central na estória, como um “agente imperialista” onisciente e todo-poderoso, que manipula as consciências simples dos públicos dos países dominados. O livro, considerado parte da literatura política dos anos setenta, analisa, a partir do ponto de vista marxista, os quadrinhos publicados pela Walt Disney no mercado latino-americano.

A relação entre a leitura que o JN fez sobre a Guerra da Ucrânia durante o primeiro ano de conflito e o agente imperialista de Dorfman e Marttelart (1980), que é representado pelo Pato Donald, é patente até mesmo se considerarmos uma análise mais valorativa do material produzido no período. Os Estados Unidos, embora não estejam oficialmente no âmago do confronto propriamente dito, é um dos grandes personagens dos relatos que foram para a tela da TV. No próximo capítulo essa questão será aprofundada, mas é possível dar um *spoiler* e afirmar que nessa “trama” são três os protagonistas, de acordo com as lentes do Jornal Nacional: a vilã Rússia, a vítima Ucrânia e o poderoso arrimo da vítima, os Estados Unidos e seu braço militar, a Otan. E esse argumento se translucida facilmente em um mero apanhado das matérias veiculadas nos meses de 2022.

2.4 RELAÇÕES COMERCIAIS

Se para a Rede Globo não é um problema expor em uma tela de computador o diagnóstico de sua audiência, a transparência acerca dos seus anunciantes, inclusive quando estes são instituições públicas e estatais, não é mesma. Ou se acompanha de forma sistemática a programação da emissora e formata uma base de dados personalizada com cada inserção, tempo, etc, ou não se saberá as empresas e marcas que dão sustentação financeira ao conglomerado de mídia carioca.

Em 2022, o Grupo Globo celebrou a 44ª edição do Prêmio Profissionais do Ano (Vencedores [...], 2022), iniciativa que há mais de 40 anos reverencia o que chama “talentos da publicidade”. Santander Brasil, o Boticário, Amazon, Vivo e Itaú, a maioria anunciantes da própria emissora, foram agraciados com os prêmios ofertados aos vencedores. Na página do

próprio G1, canal de notícias do site Globo.com, é possível acessar o documento "Princípios editoriais do Grupo Globo" (Marinho; Marinho; Marinho, 2011), em cuja Seção I está escrito que [a emissora] “é independente de grupos econômicos, e os seus veículos devem se esforçar para assim ser percebidos. Por esse motivo, as decisões editoriais sobre reportagens envolvendo anunciantes serão tomadas a partir dos mesmos critérios usados em relação aos que não sejam anunciantes”.

Sobre os valores há no site Globo.com uma lista de preços disponibilizada pelo departamento de Negócios da emissora¹⁷, com tabelas e custos. No caso do Jornal Nacional, para o intervalo de 60 segundos do telejornal, ou seja, o break exclusivo – quando o intervalo comercial é dedicado unicamente ao anunciante – a média de valor em 2022 era de R\$ 1,72 milhão cada inserção. Para o intervalo de 30 segundos, que é quando o anunciante não tem exclusividade, o custo era em média de R\$ 854,4 mil no mesmo ano.

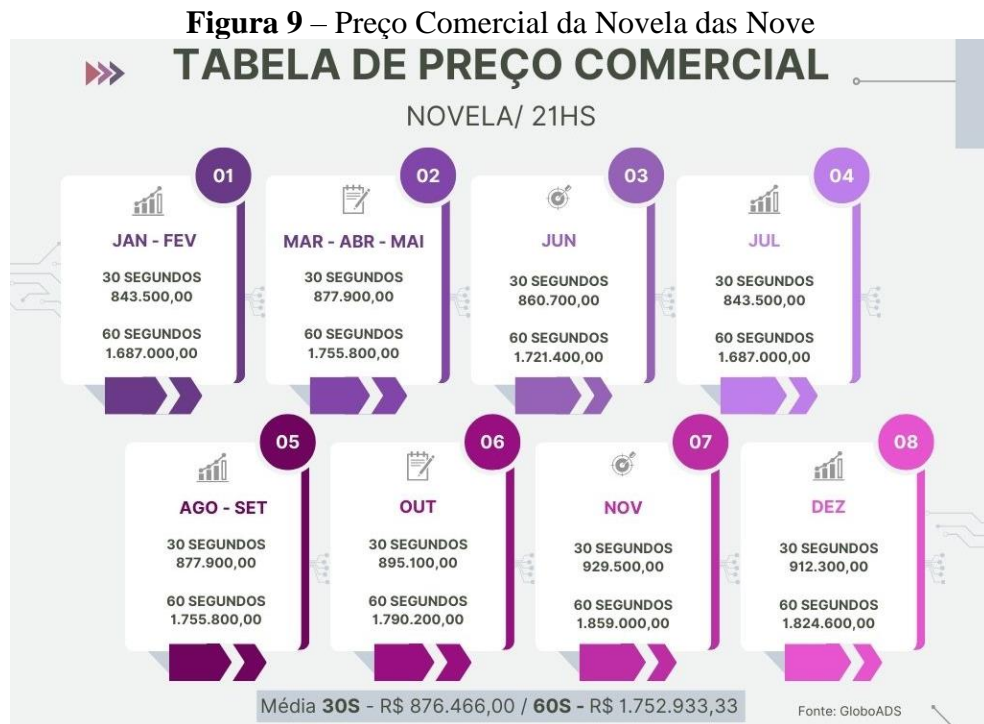
Do final de março ao início de outubro de 2022 estava no ar a novela Pantanal, líder incontestado de audiência da programação global. Ainda assim, nos meses de abril e julho os custos comerciais do JN superaram os da novela, como mostram as tabelas a seguir (Figura 8 e 9):

Figura 8 – Preço Comercial do Jornal Nacional em 2022



Fonte: Dados de pesquisa levantados pela autora (2023) a partir de Globo [...] (2022).

¹⁷ Disponível em: <https://globo.my.site.com/pricelist/s/>. Acesso em: 29 set. 2022.



Fonte: Dados da pesquisa levantados pela autora (2023).

No início de 2022, quando o mundo já olhava com medo os desdobramentos políticos do Leste Europeu, a audiência do Jornal Nacional registrou aproximadamente 22 milhões de indivíduos impactados em fevereiro; 22 milhões em março; e quase 26 milhões de pessoas em abril. O Jornal Nacional é, portanto, o principal instrumento utilizado pela Rede Globo para formar opinião dos brasileiros e brasileiras.

Figura 10 – Entretenimento tem audiência superior ao JN



Fonte: Dados da pesquisa levantados pela autora (2023).

Já em termos de alcance, a Rede Globo tem penetração em 98,4% dos municípios brasileiros, como mostra o Atlas de Cobertura do Grupo Globo.

Figura 11 – Alcance da Globo no Brasil: 98,4% dos municípios recebem o sinal da emissora. São 5.485 das 5.570 cidades do país

Relatório consolidado

Atualizado em **Abril de 2023**

	📍 Municípios	👤 População	📺 DTV	📞 Tel. Potenciais	💰 IPC (%)
Cobertos	5.179	210.419.048	68.249.201	204.014.142	99,157
Não Cobertos	85	1.119.008	301.105	997.142	0,284
Satelite	306	2.141.481	600.876	1.953.100	0,559
Total Globo	5.485	212.560.529	68.850.077	205.967.242	99,716
Total Brasil	5.570	213.679.537	69.151.182	206.964.384	100,000

Fonte: Atlas [...] (2022).

2.5 LIGAÇÃO COM A DITADURA E ACUSAÇÕES DE MANIPULAÇÃO

Criado em 1º de setembro de 1969, o Jornal Nacional foi o primeiro telejornal do país a ser transmitido em rede nacional. Na página do site Memória Globo consta que o JN surgiu para competir com o repórter Esso, da TV Tupi, e no intuito de transformar a Globo na primeira rede de televisão do Brasil (Memória Globo, 2022). Segundo assinala, isso foi possível porque a Embratel havia inaugurado, na época, o chamado Tronco Sul, que permitia integrar, via repetidores, uma rede terrestre de microondas que alcançava as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre.

Carrato, Santana e Guimarães (2021) lembram, no entanto, que não foi tão simples assim. Em plena ditadura militar¹⁸, o JN teria sido concebido no intuito de mostrar a visão “correta” do Brasil e do mundo e, para viabilizar o projeto, era necessária a adesão do Brasil ao sistema de microondas que faria com que o telejornal adentrasse em todo o país. Roberto Marinho teria feito o pedido ao Governo Emílio Garrastazu Médici, que o atendeu em tempo recorde.

¹⁸ Modalidade de governo que se caracteriza pela concentração do poder nos órgãos executivos e pelo uso da força monopolizada pelo Estado. Não se trata de uma forma de dominação legítima, jurídico-legal, reverente a uma Constituição e a leis sob a sanção de eleições livres, submetida à proteção de direitos civis reconhecidos (Spineli Lindoso, 2020).

A família Marinho ganhava assim, de presente dos militares, o sistema que lhes possibilitou criar o primeiro telejornal que atingisse todo o país e veiculasse para a população a versão de Brasil e de mundo que interessava aos poderosos de plantão (Carrato; Santana; Guimarães, 2021, p. 10).

Ao assinar o prefácio do livro comemorativo dos 50 anos do JN, o presidente do Conselho Editorial do Grupo Globo, João Roberto Marinho, disse que o Jornal Nacional se atém aos fatos, “sem que se leve em conta se são positivos ou negativos para esse ou aquele grupo (JN, 2019, p. 4)”. A história, no entanto, põe luz no passado da emissora.

Como esquecer, por exemplo, de 1984, em pleno processo que culminaria na redemocratização do Brasil, quando o grande comício do dia 25 de março do movimento “Diretas-Já”, em São Paulo, foi omitido da programação do JN, que optou por transmitir somente a festa de aniversário dos 430 anos da cidade, que ocorrera no mesmo dia. Ou quando, no último e decisivo debate do segundo turno da eleição presidencial de 1989, a Globo foi acusada de manipulação por mostrar na edição do JN do dia seguinte os melhores momentos do candidato Fernando Collor de Melo, vencedor do pleito, e os piores de Luís Inácio Lula da Silva, que sairia derrotado.

No site Memória Globo há o reconhecimento do desgaste que o episódio ocasionou à imagem da emissora e a informação de que, desde então, adota como norma não editar debates políticos. Para reforçar a tese de que não privilegiou o desempenho de Collor, o arquivo de memórias da TV Globo usa os aspectos de ter o Partido dos Trabalhadores (PT) ingressado com uma ação questionando a emissora, sem sucesso, e declarações do petista histórico e ex-deputado do PT, José Genoíno, que teria dito à revista *Imprensa* que o desempenho de Lula teria sido realmente ruim.

Já os jornalistas que formataram o conteúdo assim se manifestaram:

Os responsáveis pela edição do Jornal Nacional afirmaram, tempos depois, que usaram o mesmo critério de edição de uma partida de futebol, na qual são selecionados os melhores momentos de cada time. Segundo eles, o objetivo era que ficasse claro que Collor tinha sido o vencedor do debate, pois Lula realmente havia se saído mal (Memória Globo, 2021a).

Numa autocrítica tardia, a Globo se manifestou sobre o episódio dizendo que um debate “não pode ser tratado como uma partida de futebol, pois, no confronto de ideias, não há elementos objetivos comparáveis àqueles que, num jogo, permitem apontar um vencedor” (Memória Globo, 2021a).

Em *Jornal Nacional – Um projeto de poder: A narrativa que legitimou a desconstrução da democracia brasileira*, Carrato, Santana e Guimarães (2021) destacam o

poder de persuasão e convencimento do telejornal de maior audiência no Brasil e explicam as nuances que são utilizadas para transformar fatos e ressignificá-los.

O Jornal Nacional não inventa os fatos que noticia. Mas escolhe os fatos que noticia. Assim, o olhar direcionado do principal telejornal da televisão brasileira pode fazer um elefante parecer uma formiga, e uma formiga parecer do tamanho de um elefante dependendo da lente e da perspectiva que é apresentada. Os fatos são muitos, dispersos e complexos. Mas é possível contá-los como se fossem histórias com princípio, meio e fim. Como se fossem novelas (Carrato; Santana; Guimarães, 2021, p. 5).

É o que acontece nas novelas: os personagens se desenrolam ao longo da trama entre o bem e o mal e quanto mais realismo mais convincente será. Durante o período pesquisado nesta dissertação, é o que ocorre com o personagem imposto à Rússia: o vilão de uma história contada. A Rússia é uma vilã, afinal, uma guerra é uma tragédia para a humanidade e ela é o país invasor. Mas não é a vilã, como pode comprovar a historicidade dos fatos.

Por que, então, o mais importante telejornal do país escolhe alimentar seu noticiário sob o ponto de vista de um lado em detrimento do outro? É a chamada hegemonia que está literalmente incrustada nos meios de comunicação.

A mídia impressa e eletrônica, da qual se destaca a televisiva, exerce uma influência acentuada nas relações, nos processos e nas estruturas de integração social, espalhando-se pelas diferentes esferas da vida social (...). Nesse “mapa global” está evidentemente traçada a hegemonia de povos e nações que desenvolveram e dominam técnicas do mundo moderno (Souza, 2005, p. 39).

A hegemonia transforma qualquer fato em realidade através do convencimento inclusive dos próprios contrários. Ela expressa uma visão de mundo, os interesses daqueles que detêm o poder de mando e dominação, mas sem deixar de contemplar os subalternos. Em *Seja o Primeiro a Saber*, Souza (2005) refaz a história da consolidação da hegemonia dos Estados Unidos no campo cultural. O transcurso do estabelecimento das agências de imprensa a partir de 1830 aos conglomerados de mídia atuais, com destaque para a CNN, emergem da seara cultural formas de legitimação da hegemonia, seja econômica ou política, de muitos países. Ele cita exemplos como quando a mídia brasileira, durante a Segunda Guerra ou durante os massacres das forças de ocupação no Iraque, repetiu pautas e enfoques próprios do aparato estadunidense.

2.5.1 O Caso Time-Life

No livro *Dossiê Globo – Uma Biografia* (Gândara, 2021) é descrito em detalhes a ligação das Organizações Globo com grandes grupos estrangeiros, como no caso da união com a empresa americana *Time-Life*, uma companhia especializada em marketing na área de música e de livros. Essa parceria teria sido concretizada envolvendo altos valores em dólares e contrariando o artigo 160 da Constituição Federal vigente à época, que proibia a participação de empresas estrangeiras na área de comunicação. Havia dois meses de inaugurada a TV Globo quando o então governador da Guanabara, Carlos Lacerda, denunciou a emissora em junho de 1965 por supostas práticas ilegais em sua relação com a empresa estadunidense.

Gândara (2021) enfatiza que, ansioso pela concretização do negócio, o conglomerado de mídia brasileiro, através do Jornal O Globo, passou a fazer elogios escancarados à diplomata Clare Booth Luce, que vinha a ser esposa do magnata da imprensa dos EUA, Henry R. Luce, proprietário do Grupo *Time-Life*. A diplomata acabara de deixar a embaixada de Roma e tinha pretensões de atuar no Rio de Janeiro.

O livro expõe a edição do impresso de 28 de fevereiro de 1959, que estampou em sua segunda página o título “A Diplomata que Tem o Condão de Atrair Todas as Simpatias – Traços da Vida de Clare Booth Luce” (Gândara, 2021, p. 135-136). Em uma outra edição, em 16 de abril do mesmo ano, um novo afago à embaixadora.

QUE VENHA CLARE LUCE O Brasil que, pelo seu Governo e pelo seu povo recebeu com tanta simpatia a notícia da nomeação pelo Presidente Eisenhower (sic) da Sra. Clare Boothe Luce para o posto de Embaixadora no Rio de Janeiro, sabe agora com inquietação compreensível das restrições que se formulam em torno dessa designação na Comissão de Relações Exteriores do Senado dos Estados Unidos (...). Sem que tenhamos absolutamente o intuito de opinar em assunto que é rigorosamente da política interna do grande país amigo, não podemos deixar de interpretar os sentimentos do povo brasileiro nos votos que fazemos para que essas restrições sejam levantadas e possa a ilustre senhora vir para o Brasil, que a espera com as homenagens a que faz jus a sua destacada personalidade (Gândara, 2021, p. 136).

Menos de um mês após firmada a parceria e poucos dias após receber US\$ 1.500.000,00 (um milhão e quinhentos mil dólares), a TV Globo e o grupo *Time-Life* formalizaram dois contratos, sendo um deles denominado “Contrato Principal”, assinado com a *Time-Life Broadcast International Inc.*, e o outro, chamado de “Contrato de Assistência Técnica”, com a *Time Incorporated* (Gândara, 2021). Com esse contrato, a empresa estrangeira teria direito à participação de 30% no lucro líquido anual da emissora Globo.

As denúncias de irregularidade nos negócios entre Globo e *Time-Life* acabou provocando uma Comissão Parlamentar de Inquérito com o fim especial de investigar e apurar fatos relacionados com a organização Rádio, TV e Jornal O Globo com as empresas estrangeiras dirigentes das revistas *Life* e *Time*, face os dispositivos constitucionais.”

Figura 12 – CPI investiga Rádio, TV e Jornal O Globo

CÂMARA DOS DEPUTADOS
 COMISSÃO ESPECIAL DE DOCUMENTOS SIGILOSOS
 Descrição dos documentos desclassificados em dezembro de 2010.

Ordem	Ano	Documento	Órgão produtor	Término do prazo	Observação
1	1965	CPI - Ligação entre Organização Radio, TV e Jornal "O Globo" com as empresas estrangeiras das revistas "Time" e "Life". (Resolução nº 185/66) - Secreto Ofício GGG nº 552, de 15.06.1965, do Governador Carlos Lacerda, endereçado ao Sr. Milton Campos, Ministro da Justiça e Negócios Interiores, denunciando contrato existente entre a TV Globo e "Time Life Broadcast" (cópia).	Governo da Guanabara	1985	DESCLASSIFICADO
2	1966	CPI - Ligação entre Organização Radio, TV e Jornal "O Globo" com as empresas estrangeiras das revistas "Time" e "Life". (Resolução nº 185/66) - Secreto Conjunto de documentos secretos constando: (1) Parecer nº 1966 do Conselho Nacional de Telecomunicações do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, do Relator, Conselheiro Hugo Lisboa Dourado, em complementação ao Parecer apresentado em Plenário em 04.09.1965, sobre Processo da CONTEL nº 13.300/65 - Representação do Governador da Guanabara denunciando contrato existente entre a "TV Globo" e "Time Life Inc"; (2) Parecer do Presidente do Conselho, Sr. Euclides Quandt de Oliveira, de 26.04.1966; (3) Parecer do Departamento Nacional de Telecomunicações - DENTEL, de 17.05.1966; (4) Declaração de voto do Conselheiro Fernando Cotta Portella, de 26.04.1966.	MJ	1986	DESCLASSIFICADO
3	1967	Presidência - Secreto Aviso nº 1 - Sec - de 20.06.1967, do Conselho Nacional de Telecomunicações, assinado por Sr. Carlos Furtado de Simas, Ministro de Estado das Comunicações, em resposta ao RIC sem número especificado do Deputado WILSON BARBOSA MARTINS, que pedia esclarecimentos ao Ministério da Viação e Obras Públicas sobre denúncia veiculada pelo Jornal "Correio da Imprensa", de Cuiabá, Estado de Mato Grosso, edição de 15.10.1966.	MC	1987	DESCLASSIFICADO

Página 1

Fonte: Câmara dos Deputados (2010).

As conclusões desse parecer, aprovado por unanimidade na Câmara dos Deputados, foram as seguintes:

- 1º) Os contratos firmados entre TV Globo e Time-Life ferem o artigo 160 da Constituição, porque uma empresa estrangeira não pode participar da orientação intelectual e administrativa de sociedade concessionária de canal de televisão; por isso, sugere-se ao Poder Executivo aplicar à empresa faltosa a punição legal pela infringência daquele dispositivo constitucional;
- 2º) Deve ser remetida ao Poder Executivo cópia autêntica dos autos desta Comissão de Inquérito, para comprovação das providências sugeridas;

3º) A mesa da Câmara dos Deputados criará, nos termos do Regimento Interno, uma Comissão Especial, interpartidária, para elaborar legislação específica sobre televisão (incluindo-se também rádio e jornal), para preservar a sua nacionalização, dada a presença de capitais estrangeiros nas organizações que exploram essa atividade. Brasília, em 22 de agosto de 1966 – deputado Djalma Marinho, relator (Gândara, 2021, p. 175-176).

Além da CPI da Câmara dos Deputados, foi feita também uma investigação pelo Conselho Nacional de Telecomunicações (Contel) e constituída uma Comissão Especial, no âmbito do Ministério da Justiça, para apurar o caso. O documento não condenou a Globo, mas concedeu um prazo para que fossem ajustados, em 90 dias, todos os contratos com a *Time-Life*, de modo a remodelar suas cláusulas conforme o artigo 160 da Constituição Federal vigente à época.

As Organizações Globo chegaram a entrar com um recurso que foi negado pelo presidente da República do período militar, general Castelo Branco. No entanto, já com Costa e Silva na presidência, um novo pedido, desta feita de reconsideração, foi aceito após parecer favorável do Consultor-Geral da República. Ou seja, a situação entre a Globo e a *Time Life* passou a ser considerada regular pelo Governo brasileiro.

No site Memória Globo (2021b) a emissora dedica uma página ao assunto e destaca que, mesmo após o parecer favorável do consultor-geral da República, o proprietário Roberto Marinho resolveu encerrar em 1971 o contrato que denomina “de assistência técnica” com o *Time-Life*, após ressarcir o grupo americano do dinheiro desembolsado. O pagamento teria sido feito por meio de empréstimos tomados em bancos nacionais e empenhando todos os seus bens pessoais.

3 CR-P E HEGEMONIA: O OCIDENTE SE IMPÕE

Alinhavadas as interfaces históricas entre os principais atores da Guerra, circunstâncias e contextos, e acurados os eixos de ordem econômica e de relações políticas e sociais do veículo de comunicação Grupo Globo e de seu principal produto jornalístico, a pesquisa parte agora para a análise propriamente dita do conteúdo formatado pelo Jornal Nacional nos poucos mais de dez meses de conflito no ano de 2022.

Para dar sustentáculo à investigação, recorreu-se aos conceitos de denominado Cenário de Representação da Política (CR-P), oriundo de estudo do pesquisador brasileiro Venício de Lima, que o define a partir do conceito de hegemonia de Antonio Gramsci, como a “construção pública das significações relativas à política” (Lima, 1996, p. 245). Ou:

o espaço específico de representação da política nas "democracias representativas" contemporâneas, constituído e constituidor, lugar e objeto da articulação hegemônica total, construído em processos de longo prazo, nos e pelos mídia, sobretudo na e pela televisão (Lima, 1996, p. 245).

É a mídia, em seu arcabouço de edificação da realidade, como detentora de um “lugar” de representação que elabora a agenda pública a ser debatida pelos cidadãos. Um cenário concebido não somente a partir da reflexão de uma realidade externa, mas sim de um ambiente também constituído pelos próprios *media*. No caso em análise, sublinhando mais uma vez Lima (1996, p. 254), o “CR-P hegemônico dominante (...) demarca os limites dentro dos quais as idéias e os conflitos políticos se desenrolam e são resolvidos, podendo neutralizar, modificar ou incorporar iniciativas opostas ou alternativas”.

O pesquisador brasileiro observa ainda que o conceito de CR-P “está vinculado não só à ‘ocidentalização’ da sociedade, mas também à existência da media-centricity, ou seja, à centralidade da mídia como ferramenta condutora de valores e concepções coletivas” (Lima, 1996, p. 254-255). Esses valores e concepções estão diretamente afetados pelo pensamento hegemônico que, no caso do Brasil, tem interferência direta dos Estados Unidos e, em menor grau, da Europa Ocidental, além de uma lacuna abissal do que se produz, se consome e se reinventa nas demais sociedades do mundo.

A sociedade civil, enquanto coletivo pensante da classe dominante, tem o condão de utilizar-se de “aparelhos privados”, entre os mais potentes a própria mídia, para impor visões de mundo e ideologias. O nascedouro dessa engrenagem é exatamente o espaço de construção de narrativa em ambiente dos *media*, com a interseção entre CR-P e hegemonia. Muitos são os fatores que influenciam os tópicos de discussão a serem expostos à sociedade pela mídia, mas

o economicismo é, sem dúvida alguma, um dos mais relevantes. Para Gramsci (2017):

O fato da hegemonia pressupõe indubitavelmente que sejam levados em conta os interesses e as tendências dos grupos sobre os quais a hegemonia será exercida, que se forme um certo equilíbrio de compromisso, isto é, que o grupo dirigente faça sacrifícios de ordem econômico-corporativa; mas também é indubitável que tais sacrifícios e tal compromisso não podem envolver o essencial, dado que, se a hegemonia é ético-política, não pode deixar de ser também econômica, não pode deixar de ter seu fundamento na função decisiva que o grupo dirigente exerce no núcleo decisivo da atividade econômica. (Gramsci, 2017).

Ou seja, a superioridade do capital entrelaçado ao controle no campo cultural exerce influências determinantes no aparato hegemônico. E é o que mostra esta investigação ao constatar, como se verá a seguir, como o brasileiro é levado, por intermédio dos meios de comunicação hegemônicos, a reverberar a narrativa americana enquanto potência absoluta nos campos econômico, cultural e militar, ainda que o país atualmente esteja inserido em um ambiente geopolítico que difere de décadas passadas, quando dependia sobremaneira do poderio estadunidense, não estava inserido no contexto dos Brics e não mantinha com a China sua mais proeminente parceria comercial (Balança [...], 2022).

Com o conceito de CR-P se pretende identificar as “leituras preferenciais” estabelecidas nas reportagens do Jornal Nacional que expressam uma interpretação hegemônica das questões políticas suscitadas no conflito. A ideia é que, com a análise, se possa apontar os elementos constitutivos do Cenário de Representação da Política no marco que se propôs a investigação. Dito isso, propõe-se analisar as reportagens quanto aos aspectos da temporalidade, direcionamento do noticiário e narrativas prevalentes.

3.1 A TEMPORALIDADE ESQUECIDA

A atemporalidade é algo marcante no conteúdo do Jornal Nacional sobre a Guerra na Ucrânia. As reportagens narram a invasão russa, mas raramente mencionam os tensionamentos de longa data na região ou o papel dos Estados Unidos e da União Europeia na escalada do conflito; o martírio da população do Donbass, que em 2022 já perdurava oito anos é tratado como um acontecimento factual; o expansionismo da OTAN nas frentes russas é repercutido como desculpa para invadir o país vizinho; os acordos multilaterais descumpridos entre nações são omitidos para sobressair as transgressões do momento.

Atemporal é algo que não é afetado pelo tempo. E embora para o jornalismo – e especialmente para a televisão – a factualidade seja basilar, não é possível, no caso em

questão, desconsiderar o passado, o contexto histórico.

As reportagens deste telejornal, quando fizeram referência às circunstâncias ou aos fatos históricos que antecederem a notícia veiculada, foram para reforçar a narrativa ou o viés que geralmente estão em suas tramissões. Enquanto isso, deixaram de apresentar aspectos essenciais a uma compreensão ou uma percepção da complexidade e dos interesses em disputa no conflito.

Essa percepção poderia ser apresentada aos telespectadores se as reportagens tivessem essa “temporalidade”, com a atenção com aspectos históricos relevantes e que são perceptíveis à população que vivencia as implicações dos combates no território ucraniano. Em uma conversa com duas russo-ucranianas do Donbass é possível entender o horror de uma guerra que perdura desde 2014 (se considerarmos apenas os casos de Donetsk e Luhansk) e que, portanto, tem uma temporalidade e um contexto.

Vejamos o que relatou Vlada Starilova, a russa que em novembro de 2022 vivia no Egito sob fuga da Guerra:

Olá! Nasci em Donetsk, no Donbass, e morei lá toda a minha vida. A nossa cidade de Donetsk tem sido bombardeada pelo exército ucraniano, pelos nazis ucranianos, como o Sector Direita, e pelos mercenários da NATO desde 2014. Em 2014, o presidente da Ucrânia, Viktor Yanukovich, foi deposto ilegalmente e a partir desse momento eles começaram a oprimir nosso Donbass e queriam nos privar de nossa língua nativa russa. Nosso povo queria se separar e se tornar parte da Rússia. E a partir desse momento eles começaram disparar brutalmente contra nós a partir da Ucrânia. Eles atiraram em escolas, jardins de infância, hospitais, prédios residenciais e civis... eles destruíram nosso aeroporto. Fizemos um abrigo antiaéreo nos porões de nossas casas e quando o bombardeio começou, as crianças e eu nos escondemos lá. Às vezes, as crianças e eu nos trancamos no banheiro, esperando que lá fosse mais seguro. Muitos de nossos amigos que defendiam nossa cidade morreram. Um grande número de crianças morreu e muitas crianças ficaram órfãs porque seus pais morreram. Formamos a República Popular de Donetsk e a República Popular de Lugansk. Naquela época, a Rússia não nos aceitou. A Rússia concluiu o Acordo de Minsk, segundo o qual o bombardeamento da população deveria parar, mas continuaram a bombardear-nos, especialmente nos arredores da cidade, e os grupos da OSCE [Organização para a Segurança e Cooperação da Europa] registaram tudo isto, mas a televisão mundial manteve-se em silêncio sobre isso. período de 8 anos, a Rússia nos tornou seus cidadãos e nos extraditou. Precisamos de passaportes russos. Este ano, a Rússia acolheu-nos oficialmente e em fevereiro deste ano, uma operação especial começou para proteger Donbass e a nossa população. No momento, nossa cidade está sendo bombardeada, atingida bem no centro, em algumas áreas não há água, e em algumas áreas ela é fornecida uma vez a cada 3 dias, muitas vezes não há luz. Agora é inverno, muitas casas não têm aquecimento porque não há água e a população civil continua a ser bombardeada, especialmente durante o dia, quando as pessoas vão trabalhar. (Conversa com Vlada Starilova, via *Telegram*, em 23 nov. 2022, tradução nossa).

Lyakh Victoria Valerievna, professora de inglês e alemão, também viveu toda a sua vida em Donetsk, com exceção dos anos de 2014 a 2017, quando se mudou para Krasnodar (Rússia) com o marido e as duas filhas para escapar da guerra.

Minha mãe era ucraniana (originalmente de Donetsk), meu pai era russo (seus pais eram da Rússia), eu sou meio russo, meio ucraniano. É como eu me sinto. Percebo a guerra actual como algo criado artificialmente; as nossas autoridades colocaram povos irmãos uns contra os outros. Não odeio nem a liderança da Rússia nem da Ucrânia, que parecem estar a bombardear-nos. Acredito que a Ucrânia está sendo forçada a fazer isso pela América (é o que dizem aqui na mídia, e eu acredito nisso), e também que a Ucrânia não teve escolha - se tivesse ficado com a Rússia, a América não teria permitido isso. E então ela ficou do lado da América, e a Rússia não aceitou. (...) Isto não significa que estejamos muito felizes com isso - não fomos ao referendo pela independência e pela formação do DPR [República Popular de Donetsk] em maio de 2014 e não o apoiámos. Mas muitas pessoas fizeram isso com o objetivo principal, parece-me, de evitar a guerra. Queriam que a Rússia nos levasse embora tão silenciosamente como tomou a Crimeia. E nós simplesmente seguimos o fluxo, fugindo da guerra, apenas para viver em paz. Caso contrário, você não escapará de uma avalanche. Se alguém grande quiser fazer algo, ele o fará. Não importa se queremos ou não. (Conversa com Victoria Valerievna, via *Telegram*, em 1 abr. 2022, tradução nossa).

Valerievna também lembra das argúrias de sua família e a necessidade de refúgio para os familiares.

Em junho de 2014, fomos atacados na cidade de Amvrosievka – onde moramos há um ano, desde 19 de fevereiro de 2022, com a minha sogra – que fica na região de Donetsk, a 70 km de Donetsk. Está relativamente quieto aqui agora. (...) Em 2014, uma granizo explodiu nas proximidades. A casa da irmã do marido [dela], não muito longe da casa da sogra, foi danificada. Foi muito assustador. Fiquei com medo o dia todo. Depois deste único bombardeio decidimos partir. Parentes ligaram da Rússia e da Ucrânia (Poltava). (Conversa com Victoria Valerievna, via *Telegram*, em 1 abr 2022, tradução nossa).

Considerado o recorte de reportagens em análise foram identificadas citações a acontecimentos importantes para o entendimento da guerra que, no entanto, não foram contextualizados para, assim, ficassem minimamente explicados. Já na primeira reportagem analisada, que trata do reconhecimento por Vladimir Putin da independência das duas regiões separatistas, a matéria é conduzida sob o prisma das declarações do presidente russo, que àquele momento eram apresentadas como visivelmente duvidosas. Não há relatos, por exemplo, sobre contínuas violações aos acordos de Minsk, sobretudo pelo Governo de Kiev, conforme monitoramentos da própria OSCE (Bandeira, 2017, p. 361), o que ocorre em outros momentos da cobertura.

Na reportagem de 22.02, diz o repórter (Putin [...], 2022a): “Nesta terça-feira (22), ao

comentar as acusações de que violou o direito internacional, Putin disse que ‘os acordos para a paz no Leste da Ucrânia já não existem’ e que, por isso, ‘não há mais nada para cumprir’” e acrescenta ainda o narrador que “os chamados acordos de Minsk foram assinados em 2014 e 2015, na capital de Belarus, para tentar pôr fim à guerra, mas nunca funcionaram de verdade”. Quem não cumpriu? A informação, importante para assimiliação do quadro, é suprimida.

Em outro momento, o repórter (Rússia [...], 2022a) enfatiza que “A Ucrânia vive quase oito anos de tensão”, que “as crianças aprenderam a reconhecer bombas” e que “a população que elegeu democraticamente o seu governo se depara com um país invasor”. A Ucrânia, de fato, elegeu Petro Poroshenko em 2014, após um período de 115 dias de Governo provisório, e em 2019 aceitou Volodymyr Zelensky, o segundo presidente eleito pós-*Euromaidan*. No entanto, a reportagem não faz menção ao fato de a região do Donbass, no Leste do país, amargar ataques quase ininterruptos desde 2014 do próprio Governo ucraniano, que não aceita a insurgência da maioria russa que vive na região.

Outro tema importante que merece discussão é a expansão da OTAN. Em julho, a repórter Bianca Rothier fala diretamente de Genebra, na Suíça (Forças [...], 2022a): “Mais um passo em direção à expansão da Otan: os 30 países integrantes assinaram um protocolo de adesão para Finlândia e Suécia. ‘Um dia histórico’, classificou o secretário-geral da aliança, Jens Stoltenberg”. O avanço da Aliança do Norte ao Leste é atestado pela Rússia como um problema de segurança nacional, contudo, as menções aos acordos que teriam sido descumpridos pelos países do ocidente neste aspecto são explicitados nas reportagens pelo próprio Kremlin, que é apresentado em toda a cobertura com narrativas e pretensões extremamente questionáveis.

3.2 DE ONDE VEM O DISCURSO

A perspectiva de futuros cenários para a geopolítica no pós-Guerra da Ucrânia é o que tem se denominado novo mundo multipolar. De um lado forças encabeçadas pelos Estados Unidos e Otan; de outro, o poderio econômico da China e o potencial bélico/militar da Rússia e aliados. Essa reordenação das correlações de forças geopolíticas não afloraram somente agora. Vem de 2006 um bom exemplo dessa tendência com o surgimento dos Brics, grupo de países emergentes que se uniram com fins de cooperação econômica e desenvolvimento conjunto.

É claro que seria um grande impreciso afirmar que Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, países fundadores do bloco, estão plenamente coesos e unidos em uma

trincheira oposta a americanos e europeus ocidentais em um contexto amplo das disputas geopolíticas. Mas o fato é que esses países buscam uma via independente para discussões que o atual tempo histórico exige. E embora o Brasil esteja inserido nesse contexto que visa um certo deslocamento das regras ditadas pelos países ditos imperialistas os meios de propagação de informações brasileiros não atentaram – ou não tiveram interesse – para esse cenário.

Ou seja, na agenda de construção das representações do CR-P não há, quase vinte anos depois de formados os Brics, um espaço com a relevância que deveria ter por parte dos meios de comunicação brasileiros, ao contrário da relevância que é dada a tudo aos fatos passados nos Estados Unidos e Europa. Na Guerra da Ucrânia, de fevereiro a dezembro de 2022, todos os correspondentes do Grupo Globo estavam posicionados em escritórios nos Estados Unidos e em países europeus, o que conduz a um inevitável enredo do ponto de vista daquele países-sedes. Por exemplo, nas reportagens da correspondente Raquel Krahenbuhl, direto de Washington, capital dos EUA, as vozes da notícia eram o presidente Joe Biden, o porta-voz da Casa Branca, além de dados do Pentágono, enfim, todo um script sob a perspectiva americana. Se a reportagem estava sob o comando de Bianca Rothier, jornalista baseada na Suíça, mas que também acompanha a capital da União Europeia, Bruxelas, o alinhamento continha a assinatura dos países da Europa ocidental.

Quanto às reportagens oriundas de Kiev, estas só foram possíveis graças à parceria com o fotojornalista Gabriel Chaim, que costuma cobrir guerras, mas não tem vínculo fixo com a TV Globo, apenas colaborou com o JN na cobertura do conflito. Não havia repórteres da emissora na Ucrânia, na Rússia ou mesmo na China, país que diverge da retórica ocidental, ainda que de forma ambígua se posicione como neutro no conflito.

Pequim se diz neutro e pede cautela aos países envolvidos, mas a poucos dias da invasão expôs ao mundo uma declaração conjunta com o Kremlin assinalando que a parceria entre ambos “não tinha limites” – e condenou a expansão da Otan, um pilar fundamental da justificativa do presidente russo para atacar a Ucrânia. A Ásia, continente da China, exuberante parceira comercial do Brasil desde 2009 (dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA¹⁹, do Governo Federal), não dispõe mais de correspondentes da maior emissora de televisão do Brasil. Gramsci (2017, local. 341) explica a questão da hegemonia dominante sob uma perspectiva totalizadora, que aponta uma vinculação dialética nas esferas econômica, cultural e política. Isso quer dizer que o desempenho da economia chinesa não é suficiente para fazer a mídia brasileira ter a devida atenção para ao país.

¹⁹ Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/china>. Acesso em: 4 dez. 2023.

É importante ressaltar, nesse aspecto, a força da indústria cultural americana, que invade países mundo afora com valores, costumes, crenças e, principalmente, ideologia. Mattelart (2000) aponta o início desse processo de manipulação inconsciente, que vem desde a década de 20 com o que chamou de “a primeira onda publicitária” (p. 77). Foi quando, segundo ele, a primeira guerra mundial transformou a nação devedora que era os Estados Unidos em credores do mundo e, com isso, a economia fordista deslocou o capital britânico de numerosas posições no exterior e o dólar substituiu a libra esterlina como moeda lastro. “Com a curva ascendente dos investimentos das companhias americanas no exterior, cresce a presença exterior das agências de publicidade que se tornam as cabeças-de-ponte da cultura comercial” (Mattelart, 2000, p. 76). Isso amplia e tem um poder de propagação potencializado com o avanço das tecnologias utilizadas pelos meios de comunicação e mídias que chegam com capacidades de difusão crescente na segunda metade do século XX e na virada do século. Como sublinhou o cientista político americano Joseph S. Nye:

A nossa cultura popular tem alcance global independente do que fizermos. Não há como escapar da influência de Hollywood, da CNN e da Internet. Os filmes e a televisão americanos exprimem a liberdade, o individualismo e a mudança (...), o que contribui para aumentar o nosso soft power (...) (Nye, 2002, p. 14).

Nye criou os conceitos dos chamados “poder brando (*soft power*)” e “*hard power* (poder bruto)” americanos. Ao defini-los, ele defende a tese de que na política mundial é possível alimentar as mentes do planeta “admirando seus valores, imitando-lhes o exemplo, aspirando o seu nível de prosperidade e liberdade” (Nye, 2002, p. 36). No Brasil, o poder brando americano tem efeito potencial nos meios de comunicação. Um direcionamento visível até mesmo nas escolhas da própria logística da emissora. Ao enviar uma equipe de profissionais para acompanhar os embates mais de perto, optou pela Polônia, sem qualquer exagero um dos países mais declaradamente anti-Rússia do mundo. Não havia correspondentes na China, na Bielorrússia ou mesmo na Geórgia, Arzerbaijão, Cazaquistão ou Turquia, países que também são fronteiriços ao teatro de guerra e que externaram desde o início uma visão menos contaminada do conflito.

A consulta sistemática — para dar aos jornalistas mais informações na produção de notícias e reportagens — à mídia desses países que não têm um envolvimento mais acirrado no conflito, embora localizados geograficamente nas proximidades da região conflagrada, daria ao Grupo Globo uma visão mais plural do contexto de guerra. Mas os exemplos de como tem se dado a atividade jornalística predominantemente são outros.

No dia 14 de junho de 2022, Ilze Scamparini ressaltou as palavras do Papa Francisco (Forças [...], 2022b), que observou que [a Guerra] “não é como a história da Chapeuzinho Vermelho, na qual há ‘bons e maus’”. O pontífice pediu, na ocasião, para as pessoas fazerem distinções, pensando nas raízes e nos interesses por trás da guerra. A jornalista utilizou-se do infortúnio de dois correspondentes de guerra que foram alcançados pelos “estilhaços do que seria um míssil russo” para criticar as palavras do Papa. Recorreu a um argumento factual para retrucar um argumento importantíssimo para uma guerra como a da Ucrânia: a complexidade histórica.

Mas não foi a atuação *in loco* dos correspondentes do JN que evidenciou o viés adotado pelo telejornal. As fontes ouvidas, especialistas, organizações assistenciais, jornais estrangeiros, instituições universitárias e afins apresentavam gene igualmente ocidental. Ao aproveitar apurações exclusivas de veículos de comunicação terceiros, o JN ancorou-se (considerando o recorte da análise) nos jornais *La República*, da Itália; *The New York Times*, dos EUA; *The Guardian* e *Financial Times*, do Reino Unido; Universidades como a de Columbia, em Nova Iorque; Instituto para o Estudo da Guerra, grupo de pesquisa americano; e até fontes denominadas simplesmente de serviços de inteligência do ocidente, opinando sobre o conflito e quase sempre com dados sob o prisma ocidental.

Os correspondentes que atuam na emissora estão sobretudo em países ligados à Otan. Das 502 reportagens que trataram do conflito em 2022, 112 foram ancoradas pela correspondente na Itália; 85 estavam baseadas em Nova Iorque e Washington; 68 se revezaram entre Suíça, Polônia, Portugal, França Bélgica e Suécia; 51 foram ambientadas no Brasil; e 2 na Indonésia, por ocasião da reunião do G20, em novembro. O quantitativo conta ainda com 58 notas (quando o apresentador ou lê as informações da própria bancada ou narra as imagens transmitidas durante o jornal), além de três reportagens com correspondentes em dois países, sendo ambos computados.

Uma vez que diversas dessas reportagens tratam do posicionamento de um país sobre a guerra e a implicação do conflito para a economia e relações internacionais, seria de esperar que houvesse uma quantitativo pelo menos proporcional em relação às notícias veiculadas a partir dos países europeus ou nos Estados Unidos e as que fossem produzidas no Brasil. Também é sintomático a ausência de correspondentes da emissora na China, país de inegável relevância econômica e geopolítica. A figura 13 mostra o quantitativo dos países a partir de onde profissionais atuaram em 2022 em todas as reportagens do Jornal Nacional sobre a Guerra da Ucrânia:

Figura 13 – Onde estão os repórteres que cobrem a guerra

Fonte: Dados da pesquisa levantados pela autora (2023).

3.2.1 O Povo na Guerra

Os populares que aparecem nas reportagens transmitidas pelo JN diretamente da Ucrânia ou foram entrevistados pelo *freelancer* Gabriel Chaim ou por veículos da imprensa internacional. Há também pessoas que relataram sobre o horror da guerra direto da fronteira com a Polônia – esses *offs* (narração do repórter) e sonoras (entrevistas) mostraram, sem contexto algum, uma Rússia perversa, uma Ucrânia desvalida e um ocidente acolhedor. Não há a voz da população do Donbass, como as que serão transcritas abaixo por Vlada (p. 46 e 53) e Victória (p. 47 e 53), ou nada que remeta aos anos de tensões e disputas ou à indignação de muitos com a interferência da Otan na região ou com o que seria perseguição do Governo ucraniano aos de origem russa. Ao contrário: na reportagem de 22 de fevereiro (Putin [...], 2022b), ao relatar que em Donetsk “alguns foram para a rua celebrar a decisão da Rússia de reconhecer a independência da região” uma senhora afirma não esperar nada de bom. “Estou cansada. São oito anos vivendo assim. Eu sou velhinha, mas e as crianças?”, questionou a ucraniana. Não há espaço para as opiniões dos russo-ucranianos do Donbass.

3.3 NARRATIVAS PREVALENTES

Em dezembro deste 2023 um novo contato foi feito com Vlada Starilova e Victoria Valerievna. A ideia era saber como estavam, se Vlada continuava no Egito e se Victoria e família permaneciam em Donetsk. E saber também como a vida dessas pessoas caminhava em meio a tanto sofrimento.

Olá Maria! Obrigado, estamos bem. Moramos em Donetsk desde o verão. As nossas filhas vão à escola (5º e 8º anos), as escolas estão abertas até às 12 horas, há menos aulas, visto que as cantinas não estão abertas, a água é fornecida apenas à noite. Ainda há um problema com a água. Também há bombardeios. Para responder à sua pergunta: não, a Rússia não colocou quaisquer soldados à nossa porta. As próprias pessoas compareceram ao referendo sobre a independência de Donetsk e Lugansk, em multidões. Então, não foi formulado como anexação à Rússia. Tornamo-nos oficialmente parte da Rússia recentemente. Meu marido e eu não fomos ao referendo de 2014. Mas muitos dos nossos vizinhos vieram e realmente havia filas. Pelo que entendi, as pessoas queriam evitar a guerra, o sangue, para que pudéssemos ser anexados de forma tão indolor quanto a Crimeia. Além disso, na Ucrânia sempre houve confusão, caos e grande corrupção. Antes das próximas eleições, os negócios pararam, esperaram para ver quem seria escolhido, que tipo de novo presidente construiria a política. Tudo era muito instável e imprevisível. Meu marido diz isso como empresário (Conversa com Victoria Valerievna, via *Telegram*, em 4 dez. 2023, tradução nossa).

Ao que respondeu Starilova:

Moramos em Donetsk há 4 meses e voltamos para nossa terra natal. Para nós está tudo bem, só que há bombardeios todos os dias, a guerra está a todo vapor, mas nós e nossos filhos já nos acostumamos, as escolas e creches funcionam em horário reduzido. Donetsk e Lugansk, o nosso povo, votaram num referendo que a Rússia realizou para nós que não queremos fazer parte da Ucrânia, porque a Ucrânia foi a primeira a trair o nosso povo e a primeira a começar a lançar ataques aéreos e a bombardear civis. E nas notícias internacionais diziam que havia uma luta contra os separatistas, mas na verdade, civis morriam todos os dias. As pessoas votaram voluntariamente! Não havia soldados nas portas! As pessoas tinham certeza de que a Rússia os aceitaria oficialmente (Conversa com Vlada Starilova, em 4 dez. 2023, via *Telegram*, tradução nossa).

Os relatos de Victória e Vlada levam a mais questionamento acerca da parcialidade cobertura do conflito na Ucrânia. Nas reportagens que tratavam do referendo organizado pela Rússia no Donbass os verbos “impor” e “obrigar” são sistematicamente direcionados ao Kremlin no intento de afirmar que os moradores da região foram forçados a votar em favor da anexação. Em três ocasiões diferentes – conforme reportagens dos dias 23, 29 e 30 de setembro (Começa [...], 2022; Rússia [...], 2022b; Putin [...], 2022c) –, o repórter destaca o

que seria a coação russa com populares. Em uma delas, o autor da denúncia é o então prefeito de Luhansk, que é aliado de Zelensky. Em outra afirma, sem dizer a fonte: “A Ucrânia e o Ocidente rejeitaram a consulta, que teve militares batendo de porta em porta para recolher os votos”. Na terceira oportunidade o repórter se limita a dizer que “houve denúncias de que tropas de Vladimir Putin teriam cercado casas para obrigar as pessoas a votar”. Não se sabe a veracidade das informações prestadas pelo telejornal, mas o fato é que elas contradizem depoimentos de pessoas que estavam in loco no momento em que ocorria o escrutínio.

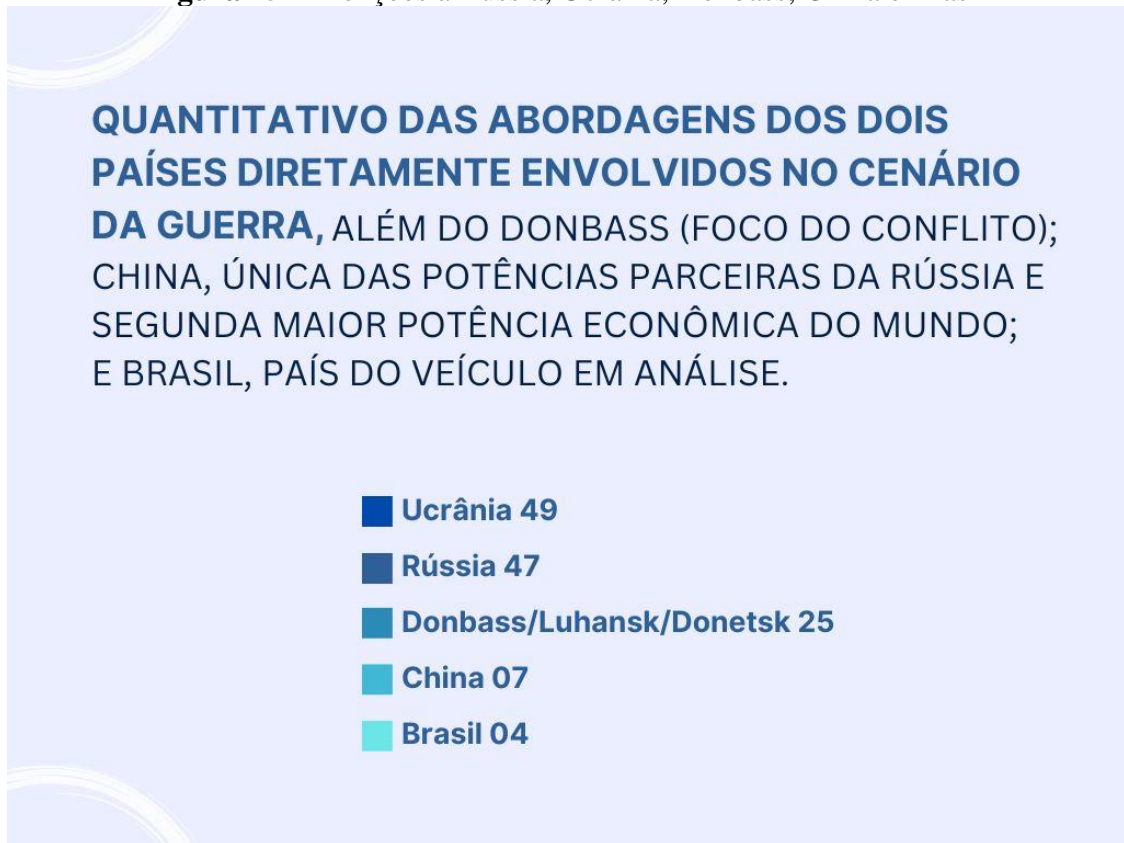
Os números são claros no sentido de atestar a prevalência das abordagens do JN pela ótica da ocidental. Considerando o recorte da pesquisa se chegou a 99 abordagens às potências que integram a Otan e União Européia, enquanto que o país invadido, a Ucrânia, foi citado em 49 ocasiões e a Rússia, o agressor, em 47. Utilizando-se as palavras-chave Donbass, Donetsk e Luhansk o total de menções foi de 25; a China, 7; e o Brasil, 4. As citações foram computadas conforme as seguintes considerações: Para os países da Otan/UE eram incluídas menções, por exemplo, ao presidente Joe Biden, porta-vozes dos países e organizações, ministros de Estado e afins. No caso da Rússia, as palavras Putin, Lavrov e outras relacionadas ao país.

Figura 14 – Países com maior número de menções nas reportagens do JN



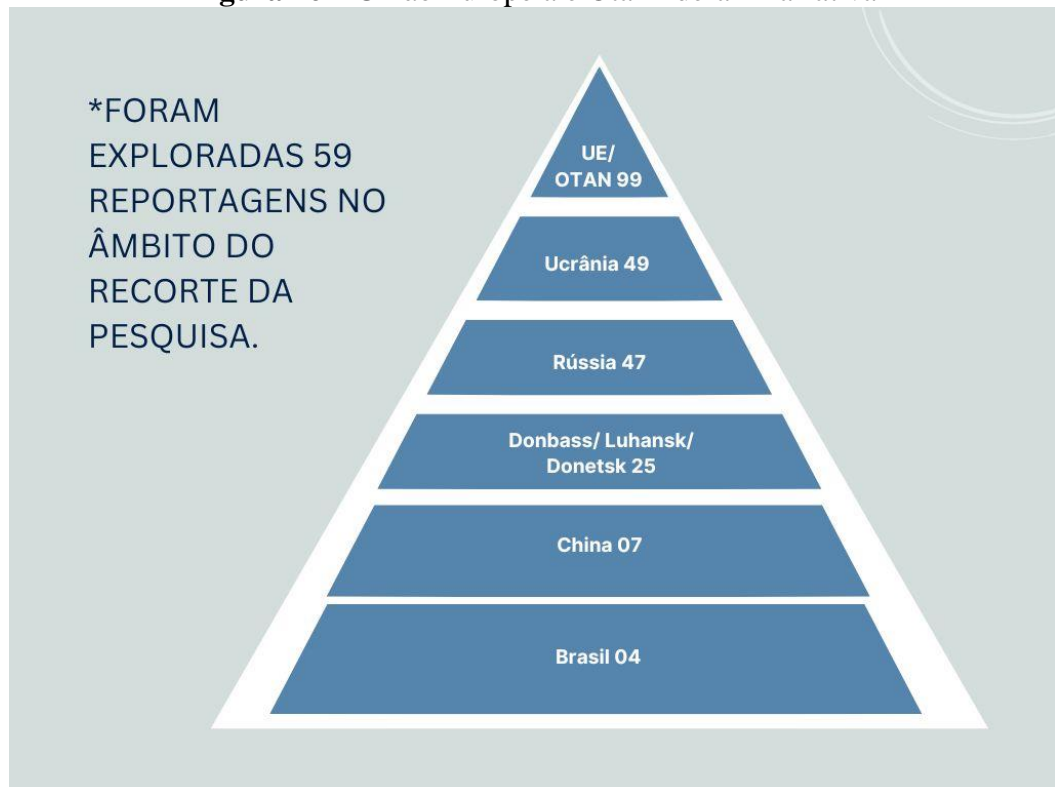
Fonte: Dados da pesquisa levantados pela autora (2023).

Figura 15 – Menções à Rússia, Ucrânia, Donbass, China e Brasil



Fonte: Dados da pesquisa levantados pela autora (2023).

Figura 16 – União Europeia e Otan lideram narrativa



Fonte: Dados da pesquisa levantados pela autora (2023).

Como se observa, o Jornal Nacional escolheu a narrativa a incorporar em seu enredo. E a partir daí projetou cenários com hipóteses e possibilidades baseadas em um cenário microscópico, quando a problemática requer o mínimo de profundidade. Para essa narrativa fazer sentido foi imprescindível a organização do discurso e a busca de estratégias de construção de sentidos eficazes para compor a notícia. Esses sentidos estão no gene do Cenário de Representação da Política, pois são determinantes na formação das mensagens que sairão do âmbito da mídia para o debate coletivo.

De toda forma, uma coisa é certa: o Jornal Nacional não pratica censura aberta dos fatos. Ele pode noticiar um assunto importante como algo menor ou pode ignorá-lo, se este for de encontro ao sentido da narrativa que adota – é dada voz a Putin e à Rússia, mas com uma narrativa sutil de descredibilidade e sarcasmo. Os líderes dos países da Otan e Europa Ocidental são elevados à condição de defensores da humanidade, sem que as atrocidades cometidas, inclusive em um passado recente, sejam expostas. Como diz Bordieu (1997, p. 25): “Os jornalistas têm ‘óculos’ especiais a partir dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado”. Só um ressalva ao mestre francês: não são necessariamente os jornalistas, mas os donos dos meios de produção onde é elaborada a mercadoria notícia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O inquietamento que provocou a escolha do tema desta pesquisa se comprovou, ao final, pertinente. Ao verificar os anais das bibliotecas universitárias e demais instituições de pesquisa científica no Brasil, não se observa qualquer estudo que se dedique ao aprofundamento especificamente das narrativas do Jornal Nacional no âmbito dos conflitos da geopolítica. É um tema de tamanha magnitude e complexidade, que impõe dificuldades até mesmo na cobertura in loco da imprensa e na dificuldade para apurar a veracidade dos fatos – além de um número reduzido de fontes com visão privilegiada do campo de batalha – revela o *modus operandi* daquele que há mais de cinco décadas informa e influencia a sociedade brasileira.

Dada a sutileza que é característica não só das narrativas do Jornal Nacional, mas de todos os telejornais do Grupo Globo, foi necessário mergulhar fundo em um ambiente consistentemente diverso e conflitivo, rescaldo das disputas entre os países envolvidos – e entender o papel do veículo estudado para se chegar a uma conclusão sobre o produto apresentado à sociedade brasileira acerca da Guerra da Ucrânia.

Por isso mesmo, optou-se por trazer à análise primeiro as relações históricas da Rússia com a Ucrânia, da Rússia com os Estados Unidos e a Otan, assim como destes com países à margem da discussão sob holofote. Um exemplo é a China, país igualmente relevante do ponto de vista da riqueza mundial, mas que foi relegado a segundo plano.

Depois, entendeu-se imprescindível cavar os detalhes do modo de operação do sistema de mídia Globo, para compreender por que escolhas foram feitas no que diz respeito aos fatos narrados em detrimento de outras. Essa espécie de organograma possibilitou adentrarmos com mais tranquilidade na análise dos conteúdos das reportagens, perseguir seus significados, direcionamentos e, quando foi o caso, apontar suas impropriedades.

Um desafio latente se deu nas incursões em busca de informações da área comercial do Grupo Globo, como o detalhamento de seus anunciantes. Não é nenhum mistério a existência de interferência de anunciantes e investidores de produtos da mídia no conteúdo produzido por todas as plataformas de comunicação. No entanto, diante da impossibilidade de coleta dos dados não foi possível relacionar a confluência entre negócios e conteúdo produzido pelo JN. No máximo estão disponíveis as tabelas, aliás impressionantemente elevadas, dos intervalos comerciais do telejornal. É difícil acreditar que alguém que desembolse um milhão de reais em uma propaganda de 60 segundos em qualquer emissora no mundo não disponha de vantagens e bom trânsito na elaboração de conteúdos.

As relações das Organizações Globo com empresas norte-americanas e a afinidade com as pautas do ocidente foram visivelmente perceptíveis. Daí, adentramos no basilar teórico da pesquisa, com as hipóteses do Cenário de Representação da Política e do conceito de hegemonia de Gramsci.

Está comprovada, nesta análise, que a maior emissora do Brasil e seu principal telejornal, são diretamente influenciados pela dominação cultural americana e, em menor grau, européia ocidental. E essa conexão desemboca na forma como as informações chegam ao veículo, recebem uma espécie de tratamento de conteúdo dominante e, finalmente, é jogada na pauta do noticiário para assimilação da sociedade. Esse é o CR-P do Jornal Nacional, um dos principais formadores da agenda pública no Brasil.

Por fim, importante se faz ressaltar ainda a valorosa contribuição de Vlada Starilova e de Victória Valerievna, que foram imprescindíveis para o esclarecimento de dúvidas e de imprecisões oriundas das informações desconstruídas no campo de batalha e que externadas pelos veículos sem nenhum tipo de comprovação sobre veracidade dos fatos.

REFERÊNCIAS

- A GUERRA da Ucrânia: a expansão da OTAN comprada por 94 milhões de dólares. Tradução Luisa Rabolini. **Instituto Humanitas Unisinos**. São Leopoldo, 25 maio 2023. Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/628995-a-guerra-da-ucrania-a-expansao-da-otan-comprada-por-94-milhoes-de-dolare>. Acesso: 23 ago. 2023.
- AMENI, Cauê Seignemartin (trad.). O arquipélago blindado. **Jacobin**, [s.l.], 27 jul. 2022. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2022/06/o-arquipelago-blindado/>. Acesso em: 8 ago. 2023.
- AREL, Dominique. Double Talk: Why Ukrainian fight over language. **Foreign Affairs**, New York, 19 March 2014. Disponível em: https://socialsciences.uottawa.ca/ukraine/sites/socialsciences.uottawa.ca.ukraine/files/19march-double_talk_why_ukrainian_fight_over_language.pdf. Acesso em: 8 jun. 2023.
- ATLAS de cobertura. **Globo Ads**, [s.l.], 2022. Disponível em <https://globoads.globo.com/atlas-de-cobertura/>. Acesso: 29 set. 2022.
- AUDIÊNCIA TV PNT TOP 10. Kantar IBOPE Media. 2023. Disponível em <https://kantariopemedia.com/conteudo/tipo-dado/audiencia-tv-pnt-top-10/#>. Acesso em: 5 maio 2023.
- BALANÇA comercial: veja ranking dos principais parceiros do Brasil em 2021. **Economia**, [s.l.], 4 jan. 2022. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/01/04/balanca-comercial-veja-ranking-dos-principais-parceiros-do-brasil-em-2021.ghtml>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **A desordem mundial: o espectro da total dominação: guerras por procuração, terror, caos e catástrofes humanitárias**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **A segunda guerra fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos: das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BRASIL. Lei N.º 8.713, de 30 de setembro de 1993. Estabelece normas para as eleições de 3 de outubro de 1994. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 1º out, 1993. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8713.htm. Acesso em: 10 ago. 2023.
- BULLA, Beatriz; MARINHO, André; FRAZÃO, Felipe; GALZO, Wesley. EUA e União Europeia rebatem fala de Lula sobre guerra; Casa Branca vê repetição de propaganda Russa. **Estadão Política**, [Brasília ; São Paulo], 19 set. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/eua-e-uniao-europeia-rebatem-fala-de-lula-sobre-guerra-casa-branca-ve-repeticao-de-propaganda-russa/>. Acesso em: 10 nov. 2023.
- CARRATO, Ângela; SANTANA, Eliara; GUIMARÃES, Juarez. **Jornal Nacional – Um projeto de poder: A narrativa que legitimou a desconstrução da democracia brasileira**. São Paulo: Comunicação de Fato Editora, 2021.

CHOMSKY, Noam. **Mídia, Propaganda Política e Manipulação**. São Paulo: Editora Wmf Martins Fontes, 2013.

COMEÇA plebiscito imposto pela Rússia em quatro regiões ocupadas na Ucrânia. **Jornal Nacional**, [...], 23 set. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/09/23/comeca-plebiscito-imposto-pela-russia-em-quatro-regioes-ocupadas-na-ucrania.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2023.

DISCURSO memorável de Putin em Munique, em Fevereiro de 2007. [S.l.: s.n], 28 jul. 2019. 1 vídeo (31 min). Publicado pelo canal Luisa Vasconcellos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5d5U3XATuXc>. Acesso em: 30 jun. 2022.

DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armand. **Para Ler o Pato Donald**. Comunicação de Massa e Colonialismo. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1980.

EISENHOWER MEDIA NETWORK. We're calling for a peaceful end to the war in Ukraine. It's time for America to use its power for diplomacy. [S.l.], 16 maio 2023. Twitter/X: @MediaEisenhower. Disponível em: <https://twitter.com/MediaEisenhower/status/1658482070551924740>. Acesso em: 23 ago. 2023.

FIORI, José Luís. Os critérios, as narrativas, e as “guerras hegemônicas”. **Le Monde Diplomatique Brasil**, [São Paulo], 30 jun. 2023. Disponível em <https://diplomatique.org.br/criterios-narrativas-guerras-hegemonicas/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

FORÇAS militares da Rússia ampliam ofensiva a Donetsk. **Jornal Nacional**, [s.l.], 5 jul. 2022a. Disponível em <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/05/forcas-militares-da-russia-ampliam-ofensiva-a-donetsk.ghtml>. Acesso em: 2 nov. 2023.

FORÇAS russas tentam vencer resistência em localidades que ainda faltam para controlar Donbass. **Jornal Nacional**, [s.l.], 14 jun. 2022b. Disponível em <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/06/14/forcas-russas-tentam-vencer-resistencia-em-localidades-que-ainda-faltam-para-controlar-donbass.ghtml>. Acesso em: 20 nov. 2023.

GÂNDARA, Roberto. **Dossiê Globo – Uma Biografia**. São Paulo: Ed. do Autor, 2021.

GLOBO. CONSULTE AQUI A COBERTURA E AS OPORTUNIDADES DA GLOBO EM TODO BRASIL. 2022. Disponível em: <https://negocios8.redeglobo.com.br/paginas/brasil.aspx>. Acesso em: 14 fev. 2022.

GÓES, Francisco. Globo tem alta na receita e lucro R\$ 1,25 bi. **Jornal Valor Econômico**, Rio de Janeiro, 28 mar. 2023. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2023/03/28/globo-tem-alta-na-receita-e-lucra-r-125-bi-sembarreira.ghtml>. Acesso em: 13 jul. 2023.

GÓES, Francisco. Receita da Globo alcança R\$ 14,4 bi em 2021. **Jornal Valor Econômico**, Rio de Janeiro, 31 mar. 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2022/03/31/receita-da-globo-alcanca-r-144-bi-em-2021-sembarreira.ghtml>. Acesso em: 13 jul. 2023.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Volume 3. Rio de Janeiro: [s.n.], 2017. *Kindle*.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos – O breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric. **Globalização, Democracia e Terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

IBGE. Rio Grande do Norte. Panorama. 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/panorama>. Acesso em: 13 jul. 2023.

JN: 50 anos de telejornalismo. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

LIMA, Venício de. Os mídia e o cenário de representação da política. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, Brasília, n. 38, p. 239-271, dez. 1996. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-64451996000200012>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/MTwhR4BGz3sVnBPTx3ngGgL/?lang=pt>. Acesso em: 22 nov. 2023.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MAIDAN, Donbass e a esquerda (1): Os mitos de Maidan. **Esquerda**, [s.l.], 9 mar. 2022. Disponível em: <https://www.esquerda.net/artigo/maidan-donbass-e-esquerda-1-os-mitos-de-maidan/79766>. Acesso em: 20 set. 2023.

MAIS PREOCUPADOS com a pandemia, consumidores esperam maior engajamento das marcas, **Kantar IBOPE Media**, [s.l.], 27 mar. 2020. Disponível em : <https://kantaribopemedia.com/conteudo/mais-preocupados-com-a-pandemia-consumidores-esperam-maior-engajamento-das-marcas/>. Acesso em: 13 jul. 2023.

MARINHO, Roberto Irineu; MARINHO, João Roberto; MARINHO, José Roberto. Princípios Editoriais do Grupo Globo. **G1**, Rio de Janeiro, 6 ago. 2011. Disponível em <https://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html>. Acesso em: 8 jul. 2023.

MATTELART, Armand. **A Globalização da Comunicação**. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2000.

MELLO, Patrícia Campos. **A Máquina do Ódio**: Notas de uma repórter sobre Fake News e Violência Digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MEMÓRIA GLOBO. **Caso Time-Life**. Memória Globo/Jornal Nacional, [s.l.], 29 out. 2021b. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/acusacoes-falsas/caso-time-life/noticia/caso-time-life.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2023.

MEMÓRIA GLOBO. **Debate Collor x Lula**. Memória Globo/Jornal Nacional, [s.l.], 29 out. 2021a. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/erros/debate-collor-x-lula/noticia/debate-collor-x-lula.ghtml>. Acesso em: 15 jul. 2023.

MEMÓRIA GLOBO. **História**. Memória Globo/Jornal Nacional, [s.l.], 11 jan. 2022. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/historia/noticia/historia.ghtml>. Acesso em: 15 jul. 2023.

NYE, Joseph S. **O paradoxo do poder americano**. São Paulo: Unesp, 2002.

PLOKHY, Serhii. **The Gates of Europe: A History of Ukraine**. New York: Basic Books, 2015.

PORTO, Mauro. Telenovelas e Política: O CR-P da Eleição Presidencial de 1994. **Comunicação & Política**, Nova série, v. 1, n. 3, p. 55-76, abr./jul. 1995. Disponível em: <http://www2.tulane.edu/~mporto/mauro3.htm>. Acesso em: 5 out. 2022.

PRAZERES, Leandro. Na China, Lula pede que EUA ‘parem de incetivar a guerra’ na Ucrânia. **BBC News Brasil**, 14 abr. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c728lp7ew1po>. Acesso em: 10 ago. 2023.

PUTIN formaliza anexação de quatro regiões da Ucrânia. **Jornal Nacional**, [s.l.], 30 set. 2022c. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/09/30/putin-formaliza-anexacao-de-quatro-regioes-da-ucrania.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2023.

PUTIN recebe autorização do parlamento russo para usar tropas no exterior, mas diz que não será agora. **Jornal Nacional**, [s.l.], 22 fev. 2022b. Disponível em <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/02/22/putin-recebe-autorizacao-do-parlamento-russo-para-usar-tropas-no-exterior-mas-diz-que-nao-sera-agora.ghtml>. Acesso em: 5 dez. 2023.

PUTIN reconhece independência de duas regiões separatistas da Ucrânia. **Jornal Nacional**, [s.l.], 21 fev. 2022a. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/02/21/putin-reconhece-independencia-de-duas-regioes-separatistas-da-ucrania.ghtml>. Acesso em: 1 nov. 2023.

RIO GRANDE DO NORTE. Lei Nº11.070, de 25 de março de 2022. Estima a receita e fixa a despesa do Estado do Rio Grande do Norte para o exercício financeiro de 2022. **Diário Oficial do Estado**, Natal, RN, n. 15.458, p. 1 a 223, 26 mar. 2022. Disponível em <http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/seplan/DOC/DOC000000000285569.PDF>. Acesso em: 13 jul. 2023.

RÚSSIA invade de uma só vez leste, norte e sul da Ucrânia. **Jornal Nacional**, [s.l.], 24 fev. 2022a. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/02/24/russia-invade-de-uma-so-vez-leste-norte-e-sul-da-ucrania.ghtml>. Acesso: 1 nov. 2023.

RÚSSIA vai anunciar anexação de quatro áreas da Ucrânia em cerimônia em Moscou. **Jornal Nacional**, [s.l.], 29 fev. 2022b. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/09/29/russia-vai-anunciar-anexacao-de-quatro-areas-da-ucrania-em-cerimonia-em-moscou.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2023.

SEGRILLO, Angelo. **Os Russos**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. *Kindle*.

SKY NEWS. **Russia 'isn't threatening anybody**. United Kingdom, 23 dez. 2021. Disponível em: <https://news.sky.com/video/russia-isnt-threatening-anybody-12502764>. Acesso em: 10 jul. 2023.

SPINELLI LINDOSO, José Antônio. Memória de afetos: cultura e revolução no Recife de Soledad Barrett Viedma. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 58, n. 55, p. 1-24, jan./mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2020v58n55ID20832>. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/20832>. Acesso em: 17 maio 2024.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Seja o Primeiro a Saber**. A CNN e a Globalização da Informação. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

VENCEDORES do “Profissionais do Ano” 2022 são anunciados. **Economia**, [s.l.], 17 nov. 2022. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2022/11/17/vencedores-do-profissionais-do-ano-2022-sao-anunciados.ghtml>. Acesso em: 6 jul. 2023.

VINE, David. Nação base: como as bases militares dos EUA no exterior prejudicam a América e o mundo. **Base Nation**, 2022. Disponível em <https://www.basenation.us/>. Acesso em: 4 dez. 2023.

WIEGREFE, Klaus. Is Vladimir Putin Right? **SPIEGEL International**, [s.l.], 15 fev. 2022. Disponível em: <https://www.spiegel.de/international/world/nato-s-eastward-expansion-is-vladimir-putin-right-a-bf318d2c-7aeb-4b59-8d5f-1d8c94e1964d>. Acesso em: 30 jun. 2022.

APÊNDICE A – LINKS DAS MATÉRIAS ANALISADAS

- 1 – (21/02) Putin reconhece independência de duas regiões separatistas da Ucrânia - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/02/21/putin-reconhece-independencia-de-duas-regioes-separatistas-da-ucrania.ghtml>
- 2 – (21/02) EUA anunciam sanções econômicas contra as duas regiões separatistas da Ucrânia - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/02/21/eua-anunciam-sancoes-economicas-contra-as-duas-regioes-separatistas-da-ucrania.ghtml>
- 3 – (22/02) Putin recebe autorização do Parlamento russo para usar tropas no exterior, mas diz que não será agora - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/02/22/putin-recebe-autorizacao-do-parlamento-russo-para-usar-tropas-no-exterior-mas-diz-que-nao-sera-agora.ghtml>
- 4 – (22/02) Alemanha suspende autorização para gasoduto russo, em retaliação às ações de Moscou na Ucrânia - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/02/22/alemanha-suspende-autorizacao-para-gasoduto-russo-em-retaliacao-as-acoes-de-moscou-na-ucrania.ghtml>
- 5 – (22/02) Conselho de Segurança da ONU faz reunião de emergência - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/02/22/conselho-de-seguranca-da-onu-faz-reuniao-de-emergencia.ghtml>
- 6 – (23/02) Ucrânia decreta estado de emergência e anuncia que Rússia aprovou ofensiva contra o país - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/02/23/ucrania-decreta-estado-de-emergencia-e-anuncia-que-russia-aprovou-ofensiva-contra-o-pais.ghtml>
- 7 – (23/02) Cresce a lista de países que decidiram impor sanções à Rússia - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/02/23/cresce-a-lista-de-paises-que-decidiram-impor-sancoes-a-russia.ghtml>
- 8 – (24/02) Distância entre discurso e ações foi a marca de Putin na estratégia para guerra - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/02/24/distancia-entre-discurso-e-acoes-foi-a-marca-de-putin-na-estrategia-para-guerra.ghtml>
- 9 - (24/02) Entenda o papel de cada um dos atores principais do teatro de guerra na Ucrânia - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/02/24/entenda-o-papel-de-cada-um-dos-atores-principais-do-teatro-de-guerra-na-ucrania.ghtml>
- 10 – (24/02) Conselho de Segurança da ONU buscava soluções para conflito quando Rússia invadiu a Ucrânia - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/02/24/conselho-de-seguranca-da-onu-buscava-solucoes-para-conflito-quando-russia-invadiu-a-ucrania.ghtml>
- 11 – (24/02) Rússia invade de uma só vez leste, norte e sul da Ucrânia - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/02/24/russia-invade-de-uma-so-vez-leste-norte-e-sul-da-ucrania.ghtml>
- 12 – (24/02) Presidente da Ucrânia diz que o país foi deixado 'sozinho' para lutar contra a Rússia - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/02/24/presidente-da-ucrania-diz>

que-o-pais-foi-deixado-sozinho-para-lutar-contr-a-russia.ghtml

13 – (25/02) Soldados russos avançam até os arredores de Kiev - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/02/25/soldados-russos-avancam-ate-os-arredores-de-kiev.ghtml>

14 – (26/02) Rússia ataca o centro da capital da Ucrânia e míssil atinge prédio residencial - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/02/26/russia-ataca-o-centro-da-capital-da-ucrania-e-missil-atinge-predio-residencial.ghtml>

15 – (28/02) ONU faz reunião de emergência para votar uma condenação à Rússia - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/02/28/onu-faz-reuniao-de-emergencia-para-votar-uma-condenacao-a-russia.ghtml>

16 – (07/03) Rússia e Ucrânia não fecham acordo sobre corredores humanitários, na 3ª reunião por cessar-fogo - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/03/07/russia-e-ucrania-nao-fecham-acordo-sobre-corredores-humanitarios-na-3a-reuniao-por-cessar-fogo.ghtml>

17 – (09/03) Ucrânia acusa Rússia de atacar maternidade e hospital infantil em Mariupol - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/03/09/ucrania-acusa-russia-de-atacar-maternidade-e-hospital-infantil-em-mariupol.ghtml>

18 – (11/03) Russos atacam mais três cidades ucranianas e avançam na direção de Kiev - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/03/11/russos-atacam-mais-tres-cidades-ucranianas-e-avancam-na-direcao-de-kiev.ghtml>

19 – (11/03) Biden impõe novas sanções contra Rússia e proíbe importação de vodca e diamantes do país - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/03/11/biden-impoe-novas-sancoes-contr-a-russia-e-proibe-importacao-de-vodca-e-diamantes-do-pais.ghtml>

20 - (16/03) Chefe da diplomacia da Rússia diz que parte das negociações com a Ucrânia está perto de acordo - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/03/16/chefe-da-diplomacia-da-russia-diz-que-parte-das-negociacoes-com-a-ucrania-esta-perto-de-acordo.ghtml>

21 - (19/03) Para acabar com a guerra, Rússia exige que Ucrânia nunca faça parte da Otan; entenda - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/03/19/para-acabar-com-a-guerra-russia-exige-que-ucrania-nunca-faca-parte-da-otan-entenda.ghtml>

22 - (23/03) Autoridades da Ucrânia afirmam ter retomado controle de regiões nos arredores de Kiev - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/03/23/autoridades-da-ucrania-afirmam-ter-retomado-controle-de-regioes-nos-arredores-de-kiev.ghtml>

23 – (01/04) Cessar-fogo é o primeiro passo em direção à paz numa guerra - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/04/01/cessar-fogo-e-o-primeiro-passo-em-direcao-a-paz-numa-guerra.ghtml>

24 - (05/04) Embaixador russo na ONU não apresenta provas de que massacre em Bucha tenha sido farsa - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/04/05/embaixador-russo-na-onu-nao-apresenta-provas-de-que-massacre-em-bucha-e-farsa.ghtml>

25 - (12/04) Três quartos da população de Mariupol deixam cidade ucraniana arrasada pela

guerra - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/04/12/tres-quartos-da-populacao-de-mariupol-deixa-cidade-ucraniana-arrasada-pela-guerra.ghtml>

26 - (16/04) Rússia intensifica bombardeios a Kiev e anuncia que tomou áreas urbanas de Mariupol - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/04/16/russia-intensifica-bombardeios-a-kiev-e-anuncia-que-tomou-areas-urbanas-de-mariupol.ghtml>

27 - (18/04) Pela primeira vez, Rússia bombardeia Lviv, cidade próxima da fronteira com a Polônia - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/04/18/pela-primeira-vez-russia-bombardeia-lviv-cidade-proxima-da-fronteira-com-a-polonia.ghtml>

28 - (19/04) Rússia inicia nova fase na ofensiva contra Ucrânia e quadruplica bombardeios em Donbass - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/04/19/russia-inicia-nova-fase-na-ofensiva-contra-ucrania-e-quadruplica-bombardeios-em-donbass.ghtml>

29 - (21/04) Rússia anuncia tomada de Mariupol, alvo estratégico na guerra na Ucrânia - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/04/21/russia-anuncia-tomada-de-mariupol-alvo-estrategico-na-guerra-na-ucrania.ghtml>

30 - (26/04) Putin recebe secretário-geral da ONU para discutir a guerra na Ucrânia - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/04/26/putin-recebe-secretario-geral-da-onu-para-discutir-a-guerra-na-ucrania.ghtml>

31 - (26/04) Alemanha anuncia mudança de posição e vai fornecer armamento pesado à Ucrânia - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/04/26/alemanha-anuncia-mudanca-de-posicao-e-vai-fornecer-armamento-pesado-a-ucrania.ghtml>

32 - (28/04) Secretário-geral da ONU visita a Ucrânia, dois dias depois de se encontrar com Putin - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/04/28/secretario-geral-da-onu-visita-a-ucrania-dois-dias-depois-de-se-encontrar-com-putin.ghtml>

33 - (04/05) União Europeia vai parar de comprar petróleo russo em até seis meses - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/05/04/uniao-europeia-vai-parar-de-comprar-petroleo-russo-em-ate-seis-meses.ghtml>

34 - (13/05) Ucrânia diz que soldados russos bateram em retirada de Kharkiv após contraofensiva - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/05/13/ucrania-diz-que-soldados-russos-bateram-em-retirada-de-kharkiv-apos-contraofensiva.ghtml>

35 - (16/05) Presidente da Turquia diz que não aceita adesão de Suécia e Finlândia à Otan - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/05/16/presidente-da-turquia-diz-que-nao-aceita-adesao-de-suecia-e-finlandia-a-otan.ghtml>

36 - (18/05) Rússia leva 959 combatentes ucranianos que estavam em siderúrgica para regiões controladas por Moscou - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/05/18/russia-leva-959-combatentes-ucranianos-que-estavam-em-siderurgica-para-regioes-controladas-por-moscou.ghtml>

37 - (19/05) Rússia anuncia que levou mais de 900 soldados ucranianos para colônia prisional em Donetsk - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/05/19/russia-anuncia-que-levou-mais-de-900-soldados-ucranianos-para-colonia-prisional-em-donetsk.ghtml>

- 38 - (20/05) Forças russas avançam sobre o leste da Ucrânia - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/05/20/forcas-russas-avancam-sobre-o-leste-da-ucrania.ghtml>
- 39 - (25/05) Rússia condiciona liberação de navios com alimentos nos portos da Ucrânia ao fim de sanções - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/05/25/russia-condiciona-liberacao-de-navios-com-alimentos-nos-portos-da-ucrania-ao-fim-de-sancoes.ghtml>
- 40 - (27/05) Zelensky insiste na necessidade de encontro direto com Putin para acabar com a guerra - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/05/27/zelensky-insiste-na-necessidade-de-encontro-direto-com-putin-para-acabar-com-a-guerra.ghtml>
- 41 - (31/05) Russos tomam o controle de parte de uma cidade estratégica da Ucrânia - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/05/31/russos-tomam-o-controle-de-parte-de-uma-cidade-estrategica-da-ucrania.ghtml>
- 42 - (11/06) Presidente da Comissão Europeia volta a visitar Kiev, capital da Ucrânia - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/06/11/presidente-da-comissao-europeia-volta-a-visitar-kiev-capital-da-ucrania.ghtml>
- 43 - (14/06) Forças russas tentam vencer resistência em localidades que ainda faltam para controlar Donbass - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/06/14/forcas-russas-tentam-vencer-resistencia-em-localidades-que-ainda-faltam-para-controlar-donbass.ghtml>
- 44 - (18/06) Presidente da Ucrânia visita cidades que têm sido alvos frequentes de ataques da Rússia - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/06/18/presidente-da-ucrania-visita-cidades-que-tem-sido-alvos-frequentes-de-ataques-da-russia.ghtml>
- 45 - (24/06) Soldados ucranianos recebem ordem de retirada de cidade estratégica no leste do país - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/06/24/soldados-ucranianos-recebem-ordem-de-retirada-de-cidade-estrategica-no-leste-do-pais.ghtml>
- 46 - (04/07) Comunidade internacional se reúne na Suíça para discutir plano de reconstrução da Ucrânia - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/04/comunidade-internacional-se-reune-na-suica-para-discutir-plano-de-reconstrucao-da-ucrania.ghtml>
- 47 - (05/07) Forças militares da Rússia ampliam ofensiva a Donetsk - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/05/forcas-militares-da-russia-ampliam-ofensiva-a-donetsk.ghtml>
- 48 - (06/07) Governo de Donetsk pede que moradores deixem casas por causa dos intensos ataques russos - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/06/governo-de-donetsk-pede-que-moradores-deixem-casas-por-causa-dos-intensos-ataques-russos.ghtml>
- 49 - (09/07) Lideranças dos Estados Unidos e da China discutem guerra na Ucrânia, mas não chegam a acordo - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/09/liderancas-dos-estados-unidos-e-da-china-discutem-guerra-na-ucrania-mas-nao-chegam-a-acordo.ghtml>
- 50 - (15/07) Câmeras registram o desespero de ucranianos durante um ataque russo que matou 23 pessoas - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/15/cameras-registram-o-desespero-de-ucranianos-durante-um-ataque-russo-que-matou-23-pessoas.ghtml>
- 51 - (04/08) Otan classifica guerra na Ucrânia como maior perigo para Europa desde a 2ª

Guerra Mundial - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/04/otan-classifica-guerra-na-ucrania-como-maior-perigo-para-europa-desde-a-2a-guerra-mundial.ghtml>

52 - (19/09) Rússia e Ucrânia trocam acusações após ataques em Donetsk - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/09/19/russia-e-ucrania-trocam-acusacoes-apos-ataques-em-donetsk.ghtml>

53 - (20/09) Rússia anuncia referendos sobre anexação de regiões ocupadas na Ucrânia - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/09/20/russia-anuncia-referendos-sobre-anexacao-de-regioes-ocupadas-na-ucrania.ghtml>

54 - (22/09) Conselho de Segurança da ONU se reúne para debater a guerra na Ucrânia - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/09/22/conselho-de-seguranca-da-onu-se-reune-para-debater-a-guerra-na-ucrania.ghtml>

55 - (23/09) Começa plebiscito imposto pela Rússia em quatro regiões ocupadas na Ucrânia - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/09/23/comeca-plebiscito-imposto-pela-russia-em-quatro-regioes-ocupadas-na-ucrania.ghtml>

56 - (29/09) Rússia vai anunciar anexação de quatro áreas da Ucrânia em cerimônia em Moscou - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/09/29/russia-vai-anunciar-anexacao-de-quatro-areas-da-ucrania-em-cerimonia-em-moscou.ghtml>

57 - (30/09) Putin formaliza anexação de quatro regiões da Ucrânia - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/09/30/putin-formaliza-anexacao-de-quatro-regioes-da-ucrania.ghtml>

58 - (12/10) Civis ucranianos são alvos de bombardeios russos pelo terceiro dia seguido - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/10/12/civis-ucranianos-sao-alvos-de-bombardeios-russos-pelo-terceiro-dia-seguido.ghtml>

59- (22/10) Presidente da Ucrânia diz que Rússia fez ataques em escala ampla à infraestrutura do país - <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/10/22/presidente-da-ucrania-diz-que-russia-fez-ataques-em-escala-ampla-a-infraestrutura-do-pais.ghtml>

APÊNDICE B – PRINTS DA ENTREVISTA E TRADUÇÃO DE VLADA STARILOVA



Vlada Starilova
visto hoje às 06:59

Здравствуйте!

23 de novembro de 2022

Я родилась в Донецке на Донбассе и всю жизнь проживала там. Наш город Донецк обстреливает украинская армия, украинские нацисты такие как "Правый сектор" и наемники НАТО с 2014 года. В 2014 году незаконно свергли президента Украины Виктора Януковича и с этого момента наш Донбасс начали притеснять и хотели лишиться нашего родного русского языка. Наш народ захотел отделиться и войти в состав в России. И с этого момента нас начали жестоко обстреливать со стороны Украины. Стреляли в школы, детские садики, больницы, жилые дома и мирное население. разрушили наш аэропорт. Мы сделали бомбоубежище в подвалах наших домов и когда начался обстрел мы с детьми прятались там. Иногда я с детьми закрывалась в туалете надеясь что там будет безопаснее. У нас погибло очень много знакомых, которые защищали наш город. У нас погибло огромное количество детей и много детей осталось сиротами потому что их родители погибли. У нас образовалась Донецкая народная республика и Луганская народная республика. На тот момент Россия нас не взяла в свой состав. Россия заключила Минское соглашение по которому должны были прекратиться обстрелы населения, но нас так и продолжали обстреливать, особенно окраины города, и группы ОБСЕ это всё фиксировали, но мировое телевидение об этом молчало. За этот период 8 лет, Россия сделала нас своими гражданами и выдала нам российские паспорта.

В этом году Россия нас официально взяла в свой состав и с февраля этого года началась спецоперация по защите Донбасса и нашего населения.

В данный момент наш город обстреливают, бьют прямо по центру, воды в некоторых районах нет, а в некоторых дают 1 раз в 3 дня, часто нет электричества.

Сейчас у нас зима, многие дома не отапливаются потому что нет воды. Мирное население продолжают обстреливать особенно в дневное время, когда люди идут на работу.

Russo

↔

Português

Здравствуйте! ×

Я родилась в Донецке на Донбассе и всю жизнь проживала там. Наш город Донецк обстреливает украинская армия , украинские нацисты такие как " Правый сектор" и наемники НАТО с 2014 года. В 2014 году незаконно свергли президента Украины Виктора Януковича и с этого момента наш Донбасс начали притеснять и хотели лишить нашего родного русского языка. Наш народ захотел отделиться и войти в состав в России. И с этого момента нас начали жестоко обстреливать со стороны Украины. Стреляли в школы, детские садики, больницы, жилища дома и мирное население..разрушили наш аэропорт. Мы сделали бомбоубежище в подвалах наших домов и когда начинался обстрел мы с детьми прятались там.

Olá!

Nasci em Donetsk, no Donbass, e morei lá toda a minha vida. A nossa cidade de Donetsk tem sido bombardeada pelo exército ucraniano, pelos nazis ucranianos, como o Sector Direita, e pelos mercenários da NATO desde 2014. Em 2014, o presidente da Ucrânia, Viktor Yanukovich, foi deposto ilegalmente e a partir desse momento eles começaram a oprimir nosso Donbass e queriam nos privar de nossa língua nativa russa. Nosso povo queria se separar e se tornar parte da Rússia. E a partir desse momento eles começaram para atirar brutalmente contra nós do lado ucraniano. Eles atiraram em escolas, jardins de infância, hospitais, prédios residenciais e civis... destruíram nosso aeroporto. Fizemos um abrigo antiaéreo nos porões de nossas casas e quando o bombardeio começou, meus filhos e eu me escondi lá.

Russo ↔ Português

Иногда я с детьми закрывалась в туалете надеясь что там будет безопаснее. У нас погибло очень много знакомых, которые защищали наш город. У нас погибло огромное количество детей и много детей осталось сиротами потому что их родители погибли. У нас образовалась Донецкая народная республика и Луганская народная республика. На тот момент Россия нас не взяла в свой состав.

Às vezes eu me trancava no banheiro com meus filhos, esperando que lá fosse mais seguro. Tínhamos muitos amigos que defendiam nossa cidade que morreram. Perdemos um grande número de crianças e muitas crianças ficaram órfãs porque seus pais morreram. Formámos a República Popular de Donetsk e a República Popular de Lugansk. Naquela altura, a Rússia não nos aceitou no seu seio.

Russo ↔ Português

Россия заключила Минское соглашение по которому должны были прекратится обстрелы населения,но нас так и продолжали обстреливать, особенно окраины города ,и группы ОБСЕ это всё фиксировали,но мировое телевидение об этом молчало.За этот период 8 лет,Россия сделала нас своими гражданами и выдала нам российские паспорта.

A Rússia concluiu o Acordo de Minsk, segundo o qual o bombardeamento da população deveria parar, mas continuaram a bombardear-nos, especialmente nos arredores da cidade, e os grupos da OSCE registaram tudo isto, mas a televisão mundial manteve-se em silêncio sobre isso. período de 8 anos, a Rússia nos tornou seus cidadãos e nos extraditou. Precisamos de passaportes russos.

Russo ↔ Português

В этом году Россия нас официально взяла в свой состав и с февраля этого года началась спецоперация по защите Донбасса и нашего населения. В данный момент наш город обстреливают, бьют прямо по центру, воды в некоторых районах нет, а в некоторых дают 1 раз в 3 дня, часто нет электричества. Сейчас у нас зима, многие дома не отапливаются потому что нет воды. Мирное население продолжают обстреливать особенно в дневное время, когда люди идут на работу.

Este ano, a Rússia acolheu-nos oficialmente e em Fevereiro deste ano, uma operação especial começou para proteger Donbass e a nossa população. No momento, nossa cidade está sendo bombardeada, atingida bem no centro, em algumas áreas não há água, e em algumas áreas ela é fornecida uma vez a cada 3 dias, muitas vezes não há luz. Agora é inverno, muitas casas não têm aquecimento porque não há água e a população civil continua a ser bombardeada, especialmente durante o dia, quando as pessoas vão trabalhar.



Vlada Starilova
visto hoje às 06:59

конфликта и так доходчиво говорит. Я здесь не для того, чтобы поддерживать А или Б, а для того, чтобы показать, что эта история в глазах Запада очень плохо рассказана. 23:42 ✓

16 de fevereiro de 2023

Мне нужно знать, разрешаете ли вы мне использовать ваши показания, и можем ли мы поговорить еще немного. Я здесь, когда я тебе понадобится. 23:44 ✓

17 de fevereiro de 2023

О, и извините за время. Здесь, в Бразилии, сейчас 00:35. Это еще пять часов... 00:35 ✓

Здравствуйте Мария!
Рада с вами пообщаться.
Да, конечно, можете использовать мои показания. И пишите мне любые вопросы, я постараюсь на них вам ответить. 20:12

Спокойной ночи, Влада.
Я нахожусь на этапе собеседования по своей работе, поэтому я должен использовать ваши показания; бразильский журналист, который был в Донбассе в прошлом году; профессора истории, который является ученым в России; и нужен был бы кто-то, кто живет в Луганске. Вы знаете кого-нибудь из Луганска, кто согласился бы поговорить со мной? А у вас есть кто-то, кто сейчас живет в Донбассе и тоже готов поговорить? Он должен быть где-то здесь, чтобы иметь возможность пользоваться переводчиком. Большое спасибо, что выслушали. 23:08 ✓

Влада, как твоя фамилия? 23:09 ✓

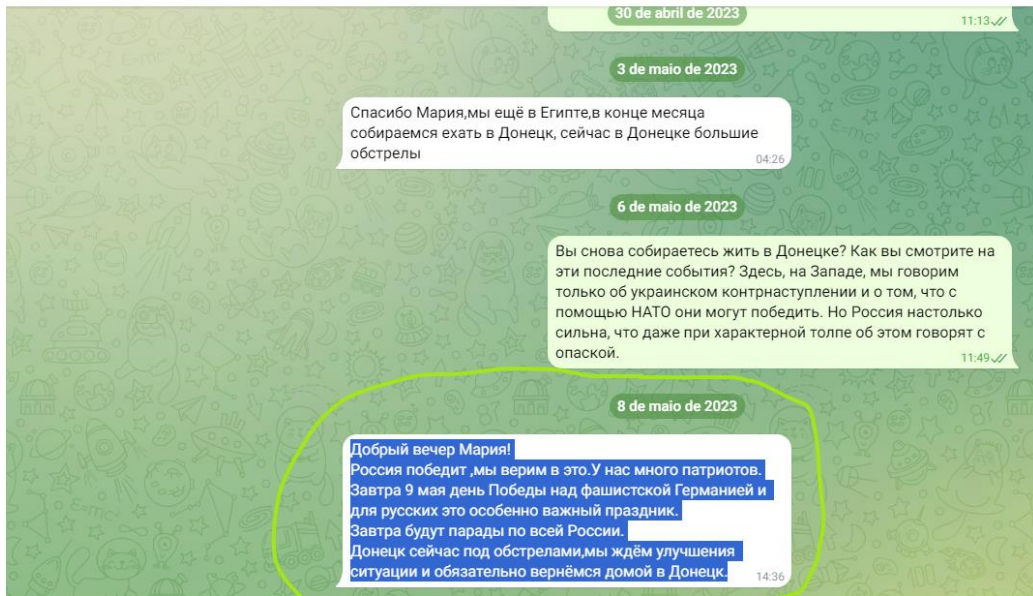
Russo ↔ Português

×

Здравствуйте Мария!
Рада с вами пообщаться.
Да, конечно, можете использовать мои показания. И пишите мне любые вопросы, я постараюсь на них вам ответить.

Olá Maria!
Fico feliz em falar com você.
Sim, claro, você pode usar meu testemunho e escreva-me qualquer dúvida, tentarei respondê-la para você.

Vlada Starilova
visto hoje às 06:59



Russo ↔ Português

×

Добрый вечер Мария!
Россия победит ,мы верим в это.У нас много патриотов.
Завтра 9 мая день Победы над фашистской Германией и для русских это особенно важный праздник.
Завтра будут парады по всей России.
Донецк сейчас под обстрелами,мы ждём улучшения ситуации и обязательно вернёмся домой в Донецк.

Boa noite Maria!
A Rússia vai vencer, acreditamos nisso, temos muitos patriotas.
Amanhã, 9 de maio, é o Dia da Vitória sobre a Alemanha nazista e para os russos este é um feriado particularmente importante.
Amanhã haverá desfiles por toda a Rússia.
Donetsk está agora sob bombardeio, estamos aguardando que a situação melhore e com certeza voltaremos para casa, em Donetsk.

Vlada Starilova
visto hoje às 06:59

3 de dezembro de 2023
Здравствуйте Мария! Я наконец заканчиваю магистратуру и, если возможно, хотел бы задать вам несколько последних вопросов. Речь идет о процессе аннексии Донецка и Луганска Россией. Я хотел узнать, по вашему мнению, правильно ли был проведен референдум, без угроз со стороны Кремля. По бразильскому телевидению рассказали, что Россия поставила солдат у дверей людей, чтобы заставить их голосовать. Можете ли вы мне что-нибудь сказать? 22:22 ✓

Вы все еще живете в Египте? 22:23 ✓

4 de dezembro de 2023

Здравствуйте Мария!
Мы уже 4 месяца живём в Донецке, вернулись на Родину. У нас всё хорошо, только каждый день обстрелы, война полным ходом, но мы и наши дети уже привыкли, школы и детские сады работают в сокращённом режиме. 03:05

Донецк и Луганск, наш народ, сами проголосовали на референдуме, который провела нам Россия, что мы не хотим быть в составе Украины, потому что Украина первая предала наш народ, и первая начала нам наносить авиаудары и обстреливать мирных жителей. А для международных новостей говорили что идёт борьба с сепаратистами, но по факту каждый день гибли мирные люди.
Люди голосовали добровольно!
Солдат под дверями не было!
Люди были уверены что Россия возьмёт их в свой состав официально. 03:05

Ruso Português

×

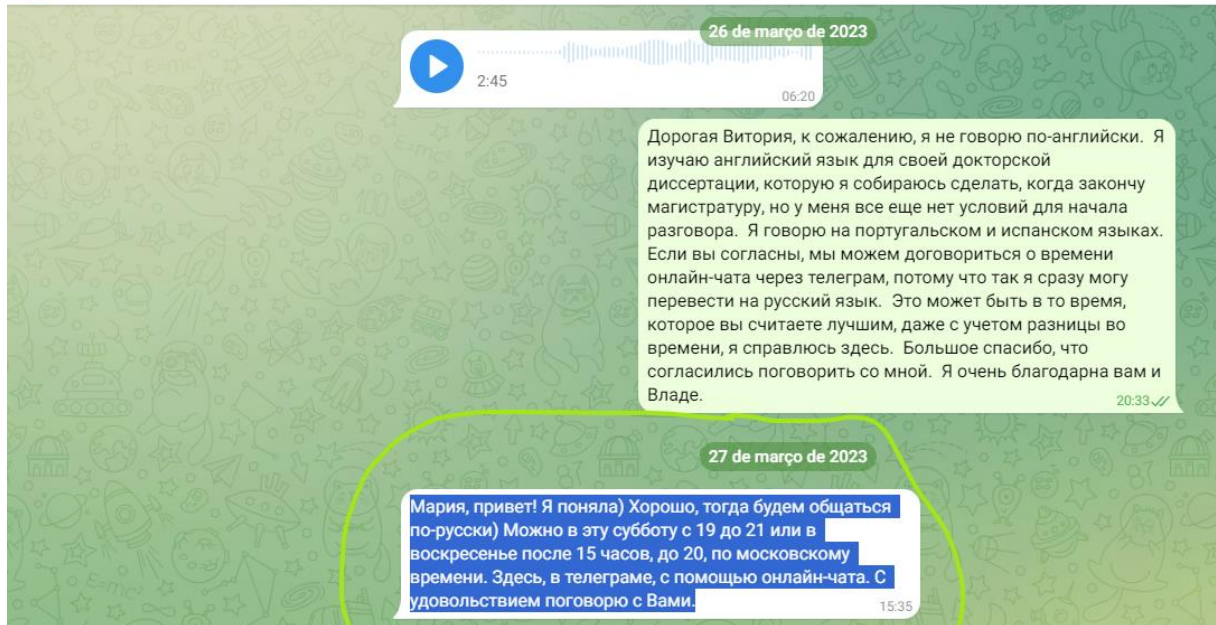
Здравствуйте Мария!
Мы уже 4 месяца живём в Донецке, вернулись на Родину. У нас всё хорошо, только каждый день обстрелы, война полным ходом, но мы и наши дети уже привыкли, школы и детские сады работают в сокращённом режиме. Донецк и Луганск, наш народ, сами проголосовали на референдуме, который провела нам Россия, что мы не хотим быть в составе Украины, потому что Украина первая предала наш народ, и первая начала нам наносить авиаудары и обстреливать мирных жителей. А для международных новостей говорили что идёт борьба с сепаратистами, но по факту каждый день гибли мирные люди. Люди голосовали добровольно! Солдат под дверями не было! Люди были уверены что Россия возьмёт их в свой состав официально.

Olá Maria!
Moramos em Donetsk há 4 meses e voltamos para nossa terra natal. Para nós está tudo bem, só que há bombardeios todos os dias, a guerra está a todo vapor, mas nós e nossos filhos já nos acostumamos, as escolas e creches funcionam em horário reduzido. Donetsk e Lugansk, o nosso povo, votaram num referendo que a Rússia realizou para nós que não queremos fazer parte da Ucrânia, porque a Ucrânia foi a primeira a traír o nosso povo e a primeira a começar a lançar ataques aéreos e a bombardear civis. E nas notícias internacionais diziam que havia uma luta contra os separatistas, mas na verdade, civis morriam todos os dias. As pessoas votaram voluntariamente! Não havia soldados nas portas! As pessoas tinham certeza de que a Rússia os aceitaria oficialmente.

APÊNDICE C – PRINTS DA ENTREVISTA E TRADUÇÃO DE VICTORIA VALERIEVNA



Виктория Vitória Лях
visto há 1 hora



Russo ↔ Português

×

Мария, привет! Я поняла) Хорошо, тогда будем общаться по-русски) Можно в эту субботу с 19 до 21 или в воскресенье после 15 часов, до 20, по московскому времени. Здесь, в телеграме, с помощью онлайн-чата. С удовольствием поговорю с Вами.

Maria, olá! Eu entendo) Ok, então nos comunicaremos em russo) É possível neste sábado das 19 às 21 ou no domingo depois das 15, até as 20, horário de Moscou. Aqui, no telegrama, pelo chat online. Ficarei feliz em conversar com você.



Виктория Vitória Лях
visto há 1 hora

1 de abril de 2023 Chamada efetuada
13:07 (6 minutos, 8 segundos)

Затем.. 13:08 ✓

У вас в испанском и португальском есть местоимения "ты" и "вы"? Мы можем быть на "ты"?

13:08

Во-первых, я хотел бы знать ваше полное имя, вашу профессию, где вы родились, есть ли у вас дети... Все, что вы считаете важным, сообщите мне, чтобы я мог включить это в свое исследование.

13:08 ✓

Да, сейчас напишу! 13:09

Я говорю формально, не так ли? 13:10 ✓

Да, иногда формально) Лях Виктория Валериевна, переводчик (преподаватель) английский, немецкий языки, в последние годы работаю частным репетитором на дому и онлайн. Замужем, 2 дочери. Родилась и жила всю жизнь Донецке, только с 2014 по 2017 год жили с семьей в России, Краснодарском крае - бежали от начавшейся войны. Вначале жили у родственников мужа, потом снимали дом.

13:12

Девичья фамилия Комченко. 13:13

Ok 13:13 ✓

Russo

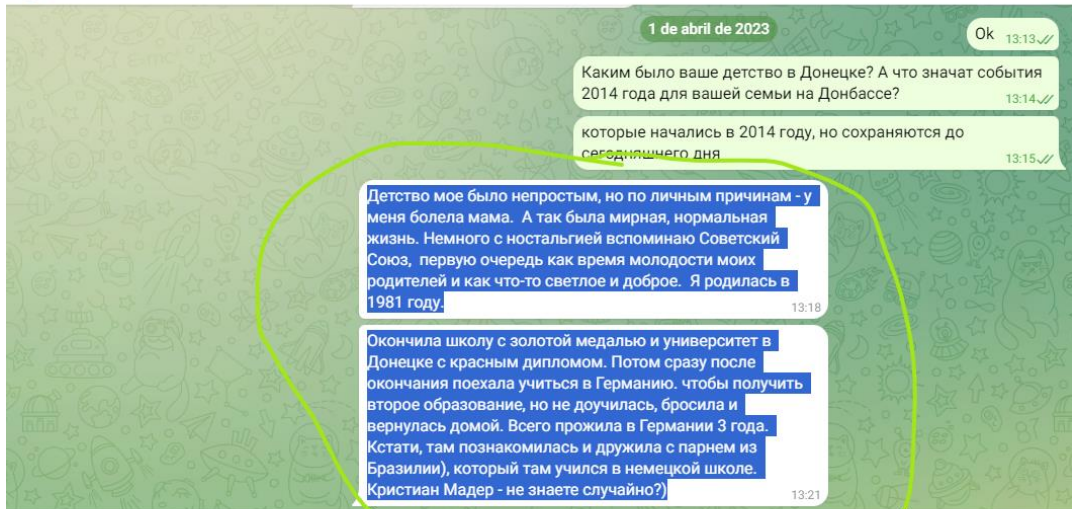
Português

Да, иногда формально) Лях Виктория Валериевна, переводчик (преподаватель) английский, немецкий языки, в последние годы работаю частным репетитором на дому и онлайн. Замужем, 2 дочери. Родилась и жила всю жизнь Донецке, только с 2014 по 2017 год жили с семьей в России, Краснодарском крае - бежали от начавшейся войны. Вначале жили у родственников мужа, потом снимали дом.

×

Sim, às vezes formalmente) Lyakh Victoria Valerievna, tradutora (professora) de inglês, alemão, nos últimos anos tenho trabalhado como professora particular em casa e online. Casado, 2 filhas. Ela nasceu e viveu toda a sua vida em Donetsk, apenas de 2014 a 2017 morou com sua família na Rússia, no território de Krasnodar - eles fugiram da eclosão da guerra. No começo morávamos com parentes do meu marido, depois alugamos uma casa.

Виктория Vitória Лях
visto há 1 hora



Russo ↔ Português

> Виктория Vitória Лях: Детство мое было непростым, но по личным причинам - у меня болела мама. А так была мирная, нормальная жизнь. Немного с ностальгией вспоминаю Советский Союз, первую очередь как время молодости моих родителей и как что-то светлое и доброе. Я родилась в 1981 году.

> Виктория Vitória Лях: Окончила школу с золотой медалью и университет в Донецке с красным дипломом. Потом сразу после окончания поехала учиться в Германию. чтобы получить второе образование, но не доучилась, бросила и вернулась домой. Всего прожила в Германии 3 года. Кстати, там познакомилась и дружила с парнем из Бразилии), который там учился в немецкой школе. Кристиан Мадер - не знаете случайно?)

> Vitória Vitória Lyakh: Minha infância não foi fácil, mas por motivos pessoais minha mãe estava doente. E assim foi uma vida pacífica e normal. Lembro-me da União Soviética com um pouco de nostalgia, antes de mais nada como a época da juventude dos meus pais e como algo brilhante e gentil. Eu nasci em 1981.

> Vitória Vitória Lyakh: Ela se formou na escola com uma medalha de ouro e na universidade em Donetsk com honras. Então, imediatamente após a formatura, fui estudar na Alemanha. para obter uma segunda educação, mas não terminei os estudos, desisti e voltei para casa. Morei na Alemanha por 3 anos no total. Aliás, lá conheci e fiz amizade com um cara do Brasil) que estudou em uma escola alemã lá. Christian Mader - você sabe?)



Виктория Vitória Лях
visto há 1 hora

1 de abril de 2023

Окончила школу с золотой медалью и университет в Донецке с красным дипломом. Потом сразу после окончания поехала учиться в Германию, чтобы получить второе образование, но не доучилась, бросила и вернулась домой. Всего прожила в Германии 3 года. Кстати, там познакомилась и дружила с парнем из Бразилии, который там учился в немецкой школе. Кристиан Мадер - не знаете случайно?) 13:21

Ты помнишь, из какого места в Бразилии он родом? По имени не знаю. 13:22 ✓

Кажется, из Сан-Паоло. Ну конечно, неудивительно, что не знаешь - Бразилия огромна. В июне 2014 попали под обстрел в городе Амвросиевка (где и живем последний год, с 19 февраля 2022, у свекрови - мамы моего мужа), это в Донецкой области, 70 км от Донецка. Сейчас здесь относительно тихо. 13:24

В 2014 году поблизости разорвался снаряд града. Был поврежден дом сестры мужа недалеко от дома свекрови. Было очень страшно. Меня трусило целый день. После этого единственного обстрела решили уезжать. Звали родственники из России и Украины (Полтавы). Мы решили ехать в Россию и я очень рада этому нашему решению. 13:27

Russo



Português

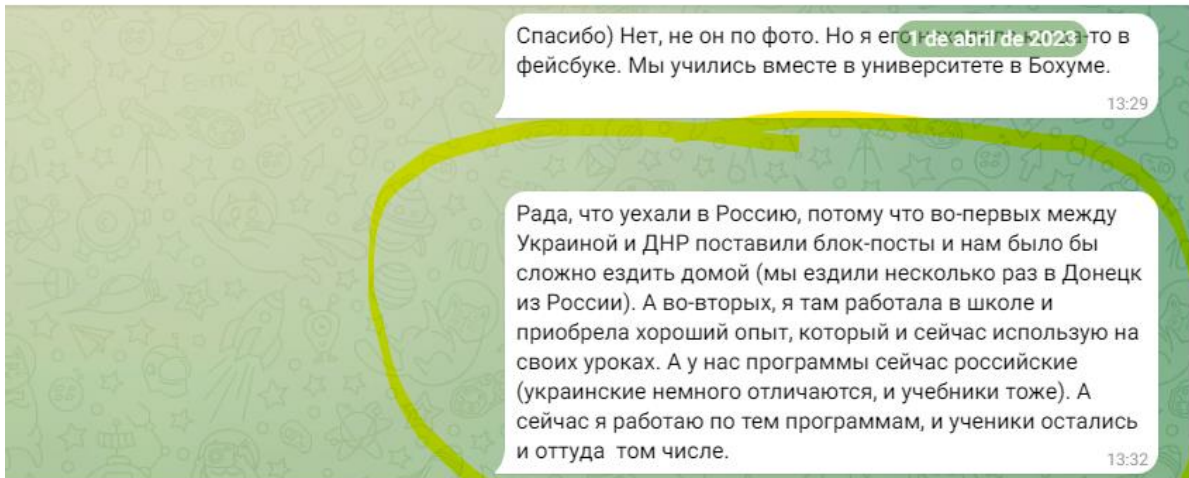
В 2014 году
поблизости
разорвался снаряд
града. Был
поврежден дом
сестры мужа
недалеко от дома
свекрови. Было
очень страшно.
Меня трусило
целый день. После
этого
единственного
обстрела решили
уезжать. Звали
родственники из
России и Украины
(Полтавы). Мы
решили ехать в
Россию и я очень
рада этому
нашему решению.



Em 2014, uma
granizo explodiu nas
proximidades. A casa
da irmã do marido,
não muito longe da
casa da sogra, foi
danificada. Foi muito
assustador. Fiquei
com medo o dia todo.
Depois deste único
bombardeio
decidimos partir.
Parentes ligaram da
Rússia e da Ucrânia
(Poltava). Decidimos
ir para a Rússia e
estou muito feliz com
a nossa decisão.



Виктория Vitória Лях
visto agora mesmo

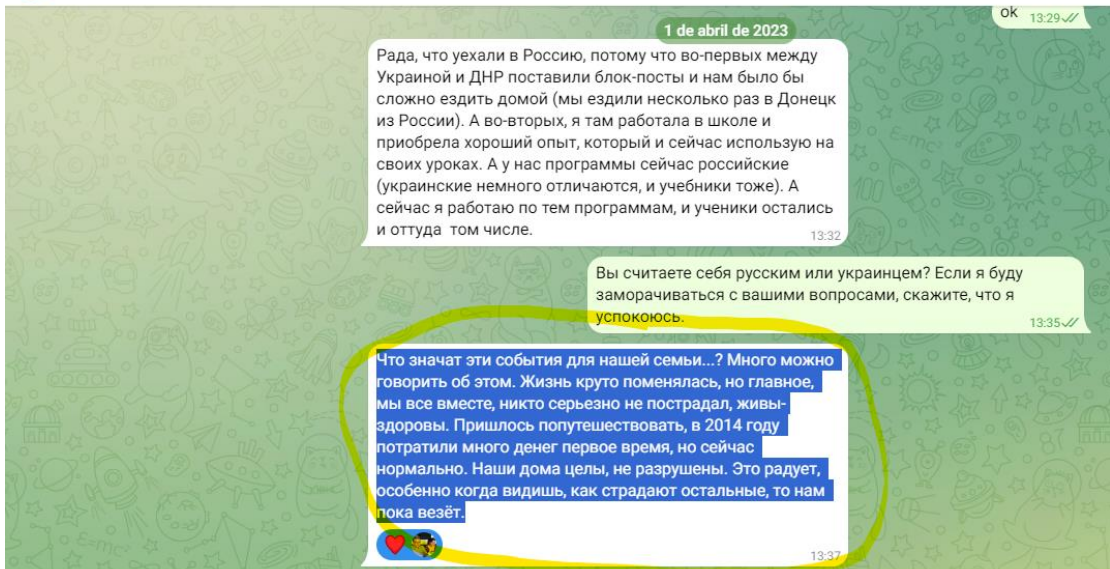


Russo ↔ Português

Рада, что уехали в Россию, потому что во-первых между Украиной и ДНР поставили блок-посты и нам было бы сложно ездить домой (мы ездили несколько раз в Донецк из России). А во-вторых, я там работала в школе и приобрела хороший опыт, который и сейчас использую на своих уроках. А у нас программы сейчас российские (украинские немного отличаются, и учебники тоже). А сейчас я работаю по тем программам, и ученики остались и оттуда том числе.

Estou feliz por termos ido para a Rússia, porque, em primeiro lugar, foram criados postos de controle entre a Ucrânia e o DPR e teria sido difícil para nós viajar para casa (fomos da Rússia para Donetsk várias vezes). E em segundo lugar, trabalhei lá na escola e ganhei uma boa experiência, que ainda utilizo nas minhas aulas. E agora nossos programas são russos (os ucranianos são um pouco diferentes, assim como os livros didáticos). E agora eu trabalho nesses programas, e os alunos ficaram de lá também.

Виктория Vitória Лях
visto agora mesmo



Russo ↔ Português

Что значат эти события для нашей семьи...? Много можно говорить об этом. Жизнь круто поменялась, но главное, мы все вместе, никто серьезно не пострадал, живы-здоровы. Пришлось попутешествовать, в 2014 году потратили много денег первое время, но сейчас нормально. Наши дома целы, не разрушены. Это радует, особенно когда видишь, как страдают остальные, то нам пока везёт.

×

O que esses eventos significam para nossa família...? Muito pode ser dito sobre isso. A vida mudou drasticamente, mas o principal é que estamos todos juntos, ninguém ficou gravemente ferido, estamos vivos e bem. Tive que viajar, em 2014 gastamos muito dinheiro no começo, mas agora está normal. Nossas casas estão intactas, não destruídas. Isso me deixa feliz, principalmente quando você vê como os outros estão sofrendo, até agora temos sorte.

Виктория Vitória Лях
visto agora mesmo

1 de abril de 2023 13:35 ✓

Что значит эти события для нашей семьи...? Много можно говорить об этом. Жизнь круто поменялась, но главное, мы все вместе, никто серьезно не пострадал, живы-здоровы. Пришлось попутешествовать, в 2014 году потратили много денег первое время, но сейчас нормально. Наши дома целы, не разрушены. Это радует, особенно когда видишь, как страдают остальные, то нам пока везёт.

13:37

Если мои вопросы неуместны, пожалуйста, говорите. (Надеюсь, переводчик верен тому, что я говорю) 13:37 ✓

Моя мама была украинка (родом из Донецка), папа - русский (его родители из России), я наполовину русская, наполовину украинка. Так себя и ощущаю. Нынешнюю войну воспринимаю как что-то искусственно созданное, наши власти столкнули лбами братские народы. Я не испытываю ненависти ни к руководству России, ни Украины, которая как бы нас бомбит. Считаю, что Украину вынуждает это делать Америка (так здесь говорят в СМИ, и в это я верю), а также то, что у Украины не было выбора - если бы она осталась с Россией, Америка бы не позволила этого. А так она приняла сторону Америки, и Россия это не приняла.

13:42

Вопросы нормальные, все ок. 13:42

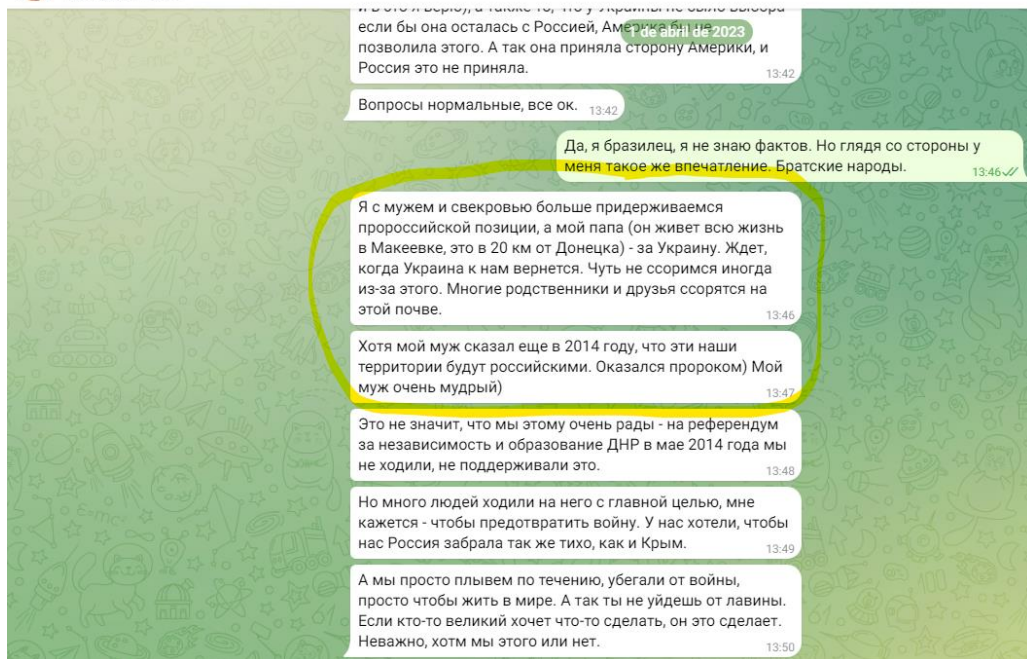
Russo Português

×

Моя мама была украинка (родом из Донецка), папа - русский (его родители из России), я наполовину русская, наполовину украинка. Так себя и ощущаю. Нынешнюю войну воспринимаю как что-то искусственно созданное, наши власти столкнули лбами братские народы. Я не испытываю ненависти ни к руководству России, ни Украины, которая как бы нас бомбит. Считаю, что Украину вынуждает это делать Америка (так здесь говорят в СМИ, и в это я верю), а также то, что у Украины не было выбора - если бы она осталась с Россией, Америка бы не позволила этого. А так она приняла сторону Америки, и Россия это не приняла. Вопросы нормальные, все ок.

Minha mãe era ucraniana (originalmente de Donetsk), meu pai era russo (seus pais eram da Rússia), eu sou meio russo, meio ucraniano. É como eu me sinto. Percebo a guerra actual como algo criado artificialmente; as nossas autoridades colocaram povos irmãos uns contra os outros. Não odeio nem a liderança da Rússia nem da Ucrânia, que parecem estar a bombardear-nos. Acredito que a Ucrânia está sendo forçada a fazer isso pela América (é o que dizem aqui na mídia, e eu acredito nisso), e também que a Ucrânia não teve escolha - se tivesse ficado com a Rússia, a América não teria permitido isso. E então ela ficou do lado da América, e a Rússia não aceitou. As perguntas são normais, está tudo bem.

Виктория Vitória Лях
visto agora mesmo



Russo



Português

> Виктория Vitória Лях: ×

Я с мужем и свекровью больше придерживаемся пророссийской позиции, а мой папа (он живет всю жизнь в Макеевке, это в 20 км от Донецка) - за Украину. Ждет, когда Украина к нам вернется. Чуть не ссоримся иногда из-за этого. Многие родственники и друзья ссорятся на этой почве.

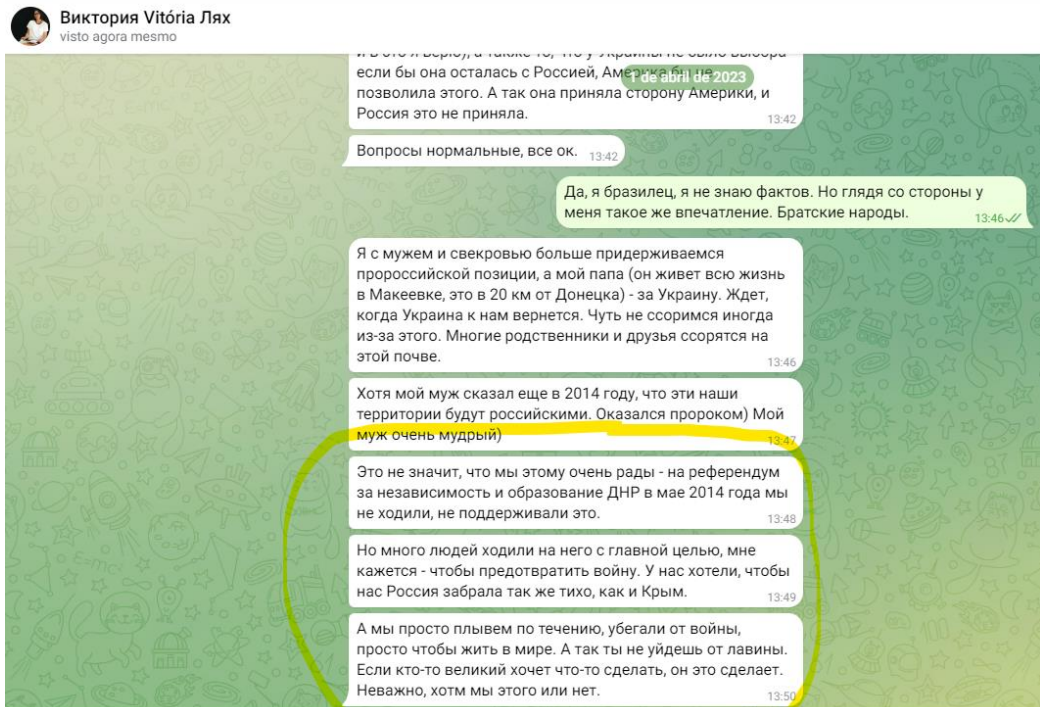
> Виктория Vitória Лях:
Хотя мой муж сказал еще в 2014 году, что эти наши территории будут российскими. Оказался пророком) Мой муж очень мудрый)

> Vitória Vitória Lyakh:

Meu marido, minha sogra e eu aderimos mais a uma posição pró-Rússia, e meu pai (ele mora toda a vida em Makeyevka, que fica a 20 km de Donetsk) é pela Ucrânia. Esperando que a Ucrânia volte para nós. Quase brigamos às vezes por causa disso. Muitos parentes e amigos discutem sobre esse assunto.

> Vitória Vitória Lyakh:

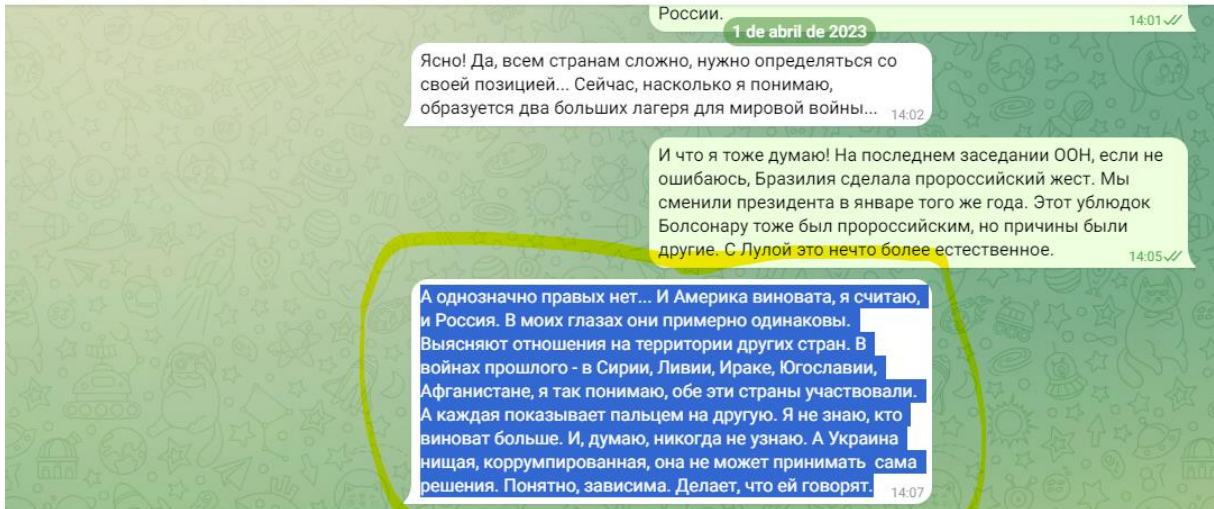
Embora meu marido tenha dito em 2014 que esses nossos territórios seriam russos. Acabou por ser um profeta) Meu marido é muito sábio)



Russo	Português
> Виктория Vitória Лях: Это не значит, что мы этому очень рады - на референдум за независимость и образование ДНР в мае 2014 года мы не ходили, не поддерживали это.	> Vitória Vitória Lyakh: Isto não significa que estejamos muito felizes com isso - não fomos ao referendo pela independência e pela formação do DPR em maio de 2014 e não o apoiámos.
> Виктория Vitória Лях: Но много людей ходили на него с главной целью, мне кажется - чтобы предотвратить войну. У нас хотели, чтобы нас Россия забрала так же тихо, как и Крым.	> Vitória Vitória Lyakh: Mas muitas pessoas fizeram isso com o objetivo principal, parece-me, de evitar a guerra. Queriam que a Rússia nos levasse embora tão silenciosamente como tomou a Crimeia.
> Виктория Vitória Лях: А мы просто плывем по течению, убегали от войны, просто чтобы жить в мире. А так ты не уйдешь от лавины. Если кто-то великий хочет что-то сделать, он это сделает. Неважно, хотм мы этого или нет.	> Vitória Vitória Lyakh: E nós simplesmente seguimos o fluxo, fugindo da guerra, apenas para viver em paz. Caso contrário, você não escapará de uma avalanche. Se alguém grande quiser fazer algo, ele o fará. Não importa se queremos ou não.



Виктория Vitória Lях
visto agora mesmo



Russo

Português

×

А однозначно правых нет... И Америка виновата, я считаю, и Россия. В моих глазах они примерно одинаковы. Выясняют отношения на территории других стран. В войнах прошлого - в Сирии, Ливии, Ираке, Югославии, Афганистане, я так понимаю, обе эти страны участвовали. А каждая показывает пальцем на другую. Я не знаю, кто виноват больше. И, думаю, никогда не узнаю. А Украина нищая, коррумпированная, она не может принимать сама решения. Понятно, зависима. Делает, что ей говорят.

Mas definitivamente não existem direitistas... E a culpa é da América, e acho que a Rússia também. Aos meus olhos, eles são quase iguais. Eles resolvem as relações no território de outros países. Nas guerras do passado - na Síria, na Líbia, no Iraque, na Iugoslávia, no Afeganistão, pelo que entendi, ambos os países participaram. E cada um aponta o dedo para o outro. Não sei quem é mais culpado. E acho que nunca saberei. Mas a Ucrânia é pobre, corrupta e não pode tomar as suas próprias decisões. Obviamente, estou viciado. Ela faz o que lhe mandam.



1 de abril de 2023
 Как изменилась жизнь вашей семьи после того, как часть Донбасса перешла под власть России? 14:10 ✓

Ты знаешь, трудно говорить об этом. Потому что жизнь человека, семьи, как и история, не знает условного (сослагательного) наклонения. Я не знаю, что было бы, если не было войны. Мы наверняка жили бы все это время в Донецке, а так прожили еще 3 года в России. Там моя старшая дочь пошла в первый класс. Потом она пошла во второй класс в Донецке, а сейчас вот в 7й в другом городе, где сейчас мир. Уже поменяла 3 школы... Но это не смертельно, конечно. Учится принимать перемены. Она очень скучала за подружками, когда мы уезжали из России, а в этом году - тоже, за подружкой донецкой. Но подружилась здесь с новой девочкой. А в целом очень поднялись цены - поднимаются постоянно начиная с 2014 года, инфляция сильная... Но мы с мужем работаем на себя, поэтому поднимаем тоже ставки за свою работу. В Украине было больше бардака - политике всегда был хаос, нестабильность, постоянные смены власти. В России больше стабильности, это нам нравится. Еще нравится, что один язык у нас сейчас - русский. И в школе учат только русский. Хотя я и люблю украинский, но раньше было сложнее - с двумя языками. И говорили мы в быту всегда на русском. 14:23

Russo ↔ Português

А в целом очень поднялись цены - поднимаются постоянно начиная с 2014 года, инфляция сильная... Но мы с мужем работаем на себя, поэтому поднимаем тоже ставки за свою работу. В Украине было больше бардака - политике всегда был хаос, нестабильность, постоянные смены власти. В России больше стабильности, это нам нравится. Еще нравится, что один язык у нас сейчас - русский. И в школе учат только русский. Хотя я и люблю украинский, но раньше было сложнее - с двумя языками. И говорили мы в быту всегда на русском. ×

Mas, em geral, os preços subiram muito - têm subido constantemente desde 2014, a inflação está forte... Mas meu marido e eu trabalhamos por conta própria, então também aumentamos as taxas do nosso trabalho. Houve mais caos na Ucrânia - a política sempre foi caos, instabilidade, constantes mudanças de poder. Há mais estabilidade na Rússia, gostamos disso. Também gosto que agora tenhamos um idioma: o russo. E na escola eles só ensinam russo. Embora eu adore o ucraniano, costumava ser mais difícil - com duas línguas. E sempre falamos russo na vida cotidiana.



Виктория Vitória Лях
visto agora mesmo

перемены. Она очень скучала за подружками, когда мы уезжали из России, а в этом году - **10 de abril de 2023** донецкой. Но подружилась здесь с новой девочкой. А в целом очень поднялись цены - поднимаются постоянно начиная с 2014 года, инфляция сильная... Но мы с мужем работаем на себя, поэтому поднимаем тоже ставки за свою работу. В Украине было больше бардака - политике всегда был хаос, нестабильность, постоянные смены власти. В России больше стабильности, это нам нравится. Еще нравится, что один язык у нас сейчас - русский. И в школе учат только русский. Хотя я и люблю украинский, но раньше было сложнее - с двумя языками. И говорили мы **в быту всегда на русском.** 14:23

Мы принимаем этот переход под власть России как данность, как нечто, что нужно принять, без ненависти. Подстраиваемся. Уже получили российские паспорта. Моему папе это не говорим, так как он против России, как я уже писала. А мы получили, потому что так проще и к этому все идет. Я не верю, что Украина вернется к нам. 14:26

А так с 2014 года мы же были непризнанным государством, отстали в экономическом развитии. Когда выезжаем в Россию (по делам) - в Таганрог, Ростов, восхищаемся, как там все классно, современно. В феврале ездили отдыхать в Сочи. 14:29

Russo	↔	Português
<p>> Виктория Vitória Лях: Мы принимаем этот переход под власть России как данность, как нечто, что нужно принять, без ненависти. Подстраиваемся. Уже получили российские паспорта. Моему папе это не говорим, так как он против России, как я уже писала. А мы получили, потому что так проще и к этому все идет. Я не верю, что Украина вернется к нам.</p> <p>> Виктория Vitória Лях: А так с 2014 года мы же были непризнанным государством, отстали в экономическом развитии. Когда выезжаем в Россию (по делам) - в Таганрог, Ростов, восхищаемся, как там все классно, современно. В феврале ездили отдыхать в Сочи.</p>	<p>> Vitória Vitória Lyakh: Aceitamos esta transição para o domínio russo como um dado adquirido, como algo que deve ser aceite, sem ódio. Vamos ajustar. Já recebemos passaportes russos. Não contamos isso ao meu pai, porque ele é contra a Rússia, como já escrevi. E conseguimos porque é mais fácil e é aí que tudo acontece. Não acredito que a Ucrânia volte para nós.</p> <p>> Vitória Vitória Lyakh: E desde 2014, temos sido um Estado não reconhecido e atrasado no desenvolvimento económico. Quando vamos para a Rússia (a negócios) - para Taganrog, Rostov, admiramos como tudo é bacana e moderno lá. Em fevereiro saímos de férias para Sochi.</p>	

Виктория Vitória Лях
visto agora mesmo

...я все думаю... украина и сегодня говорит по-русски и по-украи...
Точно я не знаю, но вроде да. Так го 1 de abril de 2023, 14:43
мере. Там же тотальная русофобия...

Донбасс был частью Украины на протяжении многих десятилетий, и теперь Россия пытается вернуть его. Украинский аргумент о том, что территория ваша и вы можете делать все, что хотите, не имеет смысла? Я понимаю страдания, которые переживает народ Донбасса с 2014 года, но разве нельзя оправдать то, что большинство выбрало прозападное правительство и что все должны его принять? 14:49 ✓

Моя подруга работает школьным учителем в школе в Угледаре (город в Донецкой области, который сейчас еще украинский, но за него давно идет бой, наверно, слушала). Она переехала туда с семьей в 2014 году. И в марте от бомбежек уехала с дочерью на Западную Украину - вот уже год там живет (и таких людей много, кто из Донецка в 2014 году уехал в Украину, а теперь во второй раз их война там настигла...). Ее муж волонтером помогает мирным, был ранен, а мама с сыном-студентом живет в Донецке. Теперь они разделены. Так вот, она работает сейчас дистанционно (все же школы в Украине работают дистанционно), и даже в Донецкой области она должна вести уроки на украинском. Она говорит на украинском неплохо, но ученики - плохо. (Дома и в быту в Восточной Украине все говорили на русском.) На суржике, на смешанном. Слышать это неприятно... А вообще я считаю, что эта языковая проблема надуманная, искусственная. Есть же страны, где несколько государственных языков... 14:51

Russo

Português

Моя подруга работает школьным учителем в школе в Угледаре (город в Донецкой области, который сейчас еще украинский, но за него давно идет бой, наверно, слушала). Она переехала туда с семьей в 2014 году. И в марте от бомбежек уехала с дочерью на Западную Украину - вот уже год там живет (и таких людей много, кто из Донецка в 2014 году уехал в Украину, а теперь во второй раз их война там настигла...). Ее муж волонтером помогает мирным, был ранен, а мама с сыном-студентом живет в Донецке. Теперь они разделены.

Moya podругa rabotayet shkol'nym uchitelem v shkole v Ugledare (gorod v Donetskoy oblasti, kotoryy

Meu amigo trabalha como professor em uma escola em Ugledar (uma cidade na região de Donetsk, que ainda é ucraniana, mas já há muito tempo que há batalhas por isso, provavelmente, pelo que ouvi). Ela se mudou para lá com a família em 2014. E em março, após o bombardeio, ela partiu com a filha para a Ucrânia Ocidental - ela mora lá há um ano (e há muitas dessas pessoas que deixaram Donetsk para a Ucrânia em 2014, e agora a guerra os alcançou lá por a segunda vez...). Seu marido se oferece como voluntário para ajudar civis; ele foi ferido, e sua mãe e seu filho estudante moram em Donetsk. Agora eles estão separados.

Виктория Vitória Лях
visto agora mesmo

Я сомневаюсь в таких местах, как Херсон. Россия провела там ...
Да, Украина говорит правду в этом смысле: большая часть Херсона сейчас украинская. Россия захватывала его, но не смогла удержать. 14:41

Maria
Я все думаю... Украина и сегодня говорит по-русски и по-украи...
Точно я не знаю, но вроде да. Так говорят по крайней мере. Там же тотальная русофобия... 14:43

Донбасс был частью Украины на протяжении многих десятилетий, и теперь Россия пытается вернуть его. Украинский аргумент о том, что территория ваша и вы можете делать все, что хотите, не имеет смысла? Я понимаю страдания, которые переживает народ Донбасса с 2014 года, но разве нельзя оправдать то, что большинство выбрало прозападное правительство и что все должны его принять? 14:49 ✓

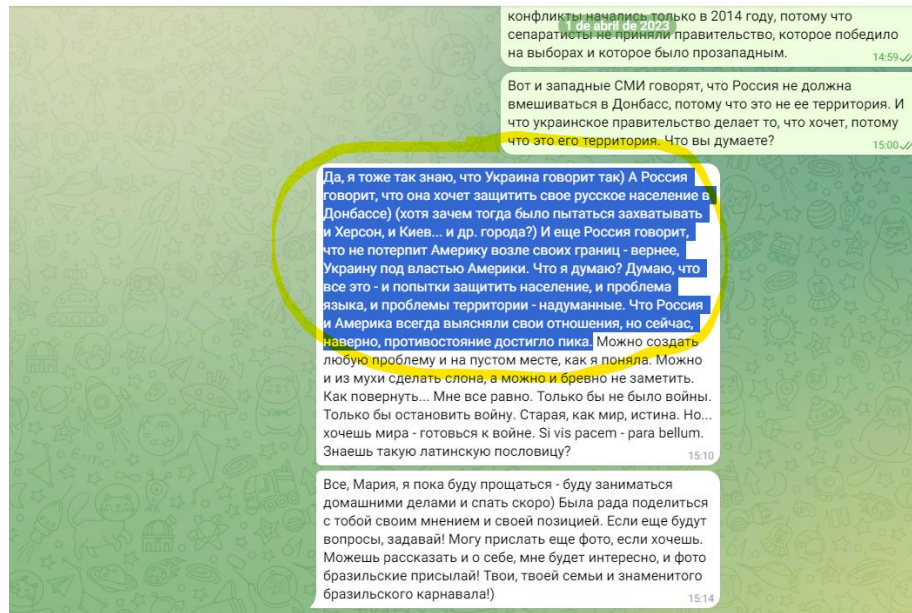
Моя подруга работает школьным учителем в школе в Угледаре (город в Донецкой области, который сейчас еще украинский, но за него давно идет бой, наверно, слушала). Она переехала туда с семьей в 2014 году. И в марте от бомбежек уехала с дочерью на Западную Украину - вот уже год там живет (и таких людей много, кто из Донецка в 2014 году уехал в Украину, а теперь во второй раз их война там настигла...). Ее муж волонтером помогает мирным, был ранен, а мама с сыном-студентом живет в Донецке. Теперь они разделены. Так вот, она работает сейчас дистанционно (все же школы в Украине работают дистанционно), и даже в Донецкой области она должна вести уроки на украинском. Она говорит на украинском неплохо, но ученики - плохо. (Дома и в быту в Восточной Украине все говорили на русском.) На суржике, на смешанном. Слышать это неприятно... А вообще я считаю, что эта языковая проблема надуманная, искусственная. Есть же страны, где несколько государственных языков... 14:51

Russo ↔ Português

Так вот, она работает сейчас дистанционно (все же школы в Украине работают дистанционно), и даже в Донецкой области она должна вести уроки на украинском. Она говорит на украинском неплохо, но ученики - плохо. (Дома и в быту в Восточной Украине все говорили на русском.) На суржике, на смешанном. Слышать это неприятно... А вообще я считаю, что эта языковая проблема надуманная, искусственная. Есть же страны, где несколько государственных языков...

Então, ela agora trabalha remotamente (afinal, as escolas na Ucrânia funcionam remotamente), e mesmo na região de Donetsk ela deve dar aulas em ucraniano. Ela fala bem o ucraniano, mas seus alunos falam mal. (Em casa e na vida cotidiana no leste da Ucrânia, todos falavam russo.) Surzhik, misto. É desagradável ouvir isso... Em geral, acho que esse problema de linguagem é rebuscado e artificial. Há países onde existem várias línguas oficiais...

Виктория Vitória Лях
visto agora mesmo



Russo



Português

Да, я тоже так знаю, что Украина говорит так) А Россия говорит, что она хочет защитить свое русское население в Донбассе) (хотя зачем тогда было пытаться захватывать Херсон, и Киев... и др. города?) И еще Россия говорит, что не потерпит Америку возле своих границ - вернее, Украину под властью Америки. Что я думаю? Думаю, что все это - и попытки защитить население, и проблема языка, и проблемы территории - надуманные. Что Россия и Америка всегда выясняли свои отношения, но сейчас, наверно, противостояние достигло пика.

Sim, eu também sei que a Ucrânia diz isso) E a Rússia diz que quer proteger a sua população russa no Donbass) (mas por que então tentar capturar Kherson, e Kiev... e outras cidades?) E também a Rússia diz que ele não tolerará a América perto das suas fronteiras - ou melhor, a Ucrânia sob o domínio americano. O que eu penso? Penso que tudo isto - tanto as tentativas de proteger a população, como o problema da língua, e os problemas do território - são rebuscados. Que a Rússia e a América sempre resolveram o seu relacionamento, mas agora, provavelmente, o confronto atingiu o seu auge.

Виктория Vitória Лях
visto agora mesmo

конфликты начались только в 2014 году, потому что сепаратисты не приняли правительство, которое победило на выборах и которое было прозападным. 14:59 ✓

Вот и западные СМИ говорят, что Россия не должна вмешиваться в Донбасс, потому что это не ее территория. И что украинское правительство делает то, что хочет, потому что это его территория. Что вы думаете? 15:00 ✓

Да, я тоже так знаю, что Украина говорит так) А Россия говорит, что она хочет защитить свое русское население в Донбассе) (хотя зачем тогда было пытаться захватывать и Херсон, и Киев... и др. города?) И еще Россия говорит, что не потерпит Америку возле своих границ - вернее, Украину под властью Америки. Что я думаю? Думаю, что все это - и попытки защитить население, и проблема языка, и проблемы территории - надуманные. Что Россия и Америка всегда выясняли свои отношения, но сейчас, наверно, противостояние достигло пика. Можно создать любую проблему и на пустом месте, как я поняла. Можно и из мухи сделать слона, а можно и бревно не заметить. Как повернуть... Мне все равно. Только бы не было войны. Только бы остановить войну. Старая, как мир, истина. Но... хочешь мира - готовься к войне. Si vis pacem - para bellum. Знаешь такую латинскую Пословицу? 15:10

Все, Мария, я пока буду прощаться - буду заниматься домашними делами и спать скоро) Была рада поделиться с тобой своим мнением и своей позицией. Если еще будут вопросы, задавай! Могу прислать еще фото, если хочешь. Можешь рассказать и о себе, мне будет интересно, и фото бразильские присылай! Твои, твоей семьи и знаменитого бразильского карнавала!) 15:14

Russo ↔ Português

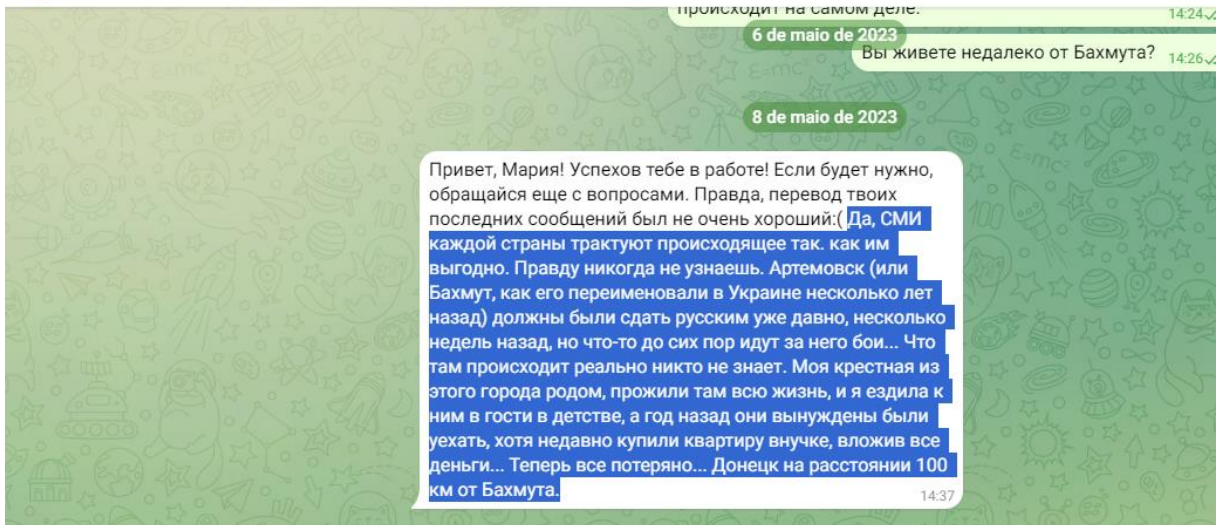
×

Все, Мария, я пока буду прощаться - буду заниматься домашними делами и спать скоро) Была рада поделиться с тобой своим мнением и своей позицией. Если еще будут вопросы, задавай! Могу прислать еще фото, если хочешь. Можешь рассказать и о себе, мне будет интересно, и фото бразильские присылай! Твои, твоей семьи и знаменитого бразильского карнавала!)

É isso, Maria, por enquanto vou me despedir - farei as tarefas domésticas e logo irei para a cama) Fiquei feliz em compartilhar minha opinião e meu posicionamento com você. Se você tiver mais dúvidas, pergunte! Posso enviar mais fotos se quiser. Você pode nos contar sobre você, terei interesse, e me enviar fotos brasileiras! Sua, sua família e o famoso carnaval brasileiro!)



Виктория Vitória Лях
visto agora mesmo



Russo ↕ Português

×

Да, СМИ каждой страны трактуют происходящее так, как им выгодно. Правду никогда не узнаешь. Артемовск (или Бахмут, как его переименовали в Украине несколько лет назад) должны были сдать русским уже давно, несколько недель назад, но что-то до сих пор идут за него бои... Что там происходит реально никто не знает. Моя крестная из этого города родом, прожили там всю жизнь, и я ездила к ним в гости в детстве, а год назад они вынуждены были уехать, хотя недавно купили квартиру внучке, вложив все деньги... Теперь все потеряно... Донецк на расстоянии 100 км от Бахмута.

Sim, os meios de comunicação de todos os países interpretam desta forma o que está acontecendo. quão benéfico é para eles. Você nunca saberá a verdade. Artemovsk (ou Bakhmut, como foi renomeado na Ucrânia há vários anos) deveria ter sido entregue aos russos há muito tempo, há várias semanas, mas de alguma forma ainda há batalhas acontecendo por isso... Ninguém sabe realmente o que está acontecendo lá. A minha madrinha é desta cidade, eles viveram lá a vida toda, e eu fui visitá-los quando criança, e há um ano eles foram obrigados a sair, embora tenham comprado recentemente um apartamento para a neta, investindo todo o dinheiro. ... Agora tudo está perdido... Donetsk, a 100 km de Bakhmut.



Виктория Vitória Лях
visto agora mesmo

4 de dezembro de 2023

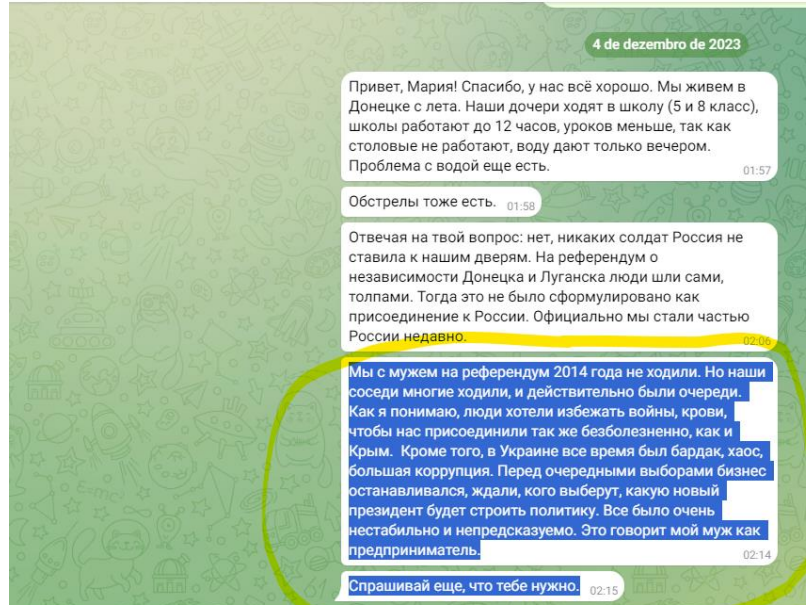
Привет, Мария! Спасибо, у нас всё хорошо. Мы живем в Донецке с лета. Наши дочери ходят в школу (5 и 8 класс), школы работают до 12 часов, уроков меньше, так как столовые не работают, воду дают только вечером. Проблема с водой еще есть. 01:57

Обстрелы тоже есть. 01:58

Отвечая на твой вопрос: нет, никаких солдат Россия не ставила к нашим дверям. На референдум о независимости Донецка и Луганска люди шли сами, толпами. Тогда это не было сформулировано как присоединение к России. Официально мы стали частью России недавно. 02:06

Russo	↔	Português
<p>> Виктория Vitória Лях: Привет, Мария! Спасибо, у нас всё хорошо. Мы живем в Донецке с лета. Наши дочери ходят в школу (5 и 8 класс), школы работают до 12 часов, уроков меньше, так как столовые не работают, воду дают только вечером. Проблема с водой еще есть.</p> <p>> Виктория Vitória Лях: Обстрелы тоже есть.</p> <p>> Виктория Vitória Лях: Отвечая на твой вопрос: нет, никаких солдат Россия не ставила к нашим дверям. На референдум о независимости Донецка и Луганска люди шли сами, толпами. Тогда это не было сформулировано как присоединение к России. Официально мы стали частью России недавно.</p>	<p>> Vitória Vitória Lyakh: Olá Maria! Obrigado, estamos bem. Moramos em Donetsk desde o verão. As nossas filhas vão à escola (5º e 8º anos), as escolas estão abertas até às 12 horas, há menos aulas, visto que as cantinas não estão abertas, a água é fornecida apenas à noite. Ainda há um problema com a água.</p> <p>> Vitória Vitória Lyakh: Também há bombardeios.</p> <p>> Vitória Vitória Lyakh: Para responder à sua pergunta: não, a Rússia não colocou quaisquer soldados à nossa porta. As próprias pessoas compareceram ao referendo sobre a independência de Donetsk e Lugansk, em multidões. Então não foi formulado como anexação à Rússia. Tornamo-nos oficialmente parte da Rússia recentemente.</p>	


 Виктория Vitória Лях
 visto agora mesmo



Russo ↔ Português

Мы с мужем на референдум 2014 года не ходили. Но наши соседи многие ходили, и действительно были очереди. Как я понимаю, люди хотели избежать войны, крови, чтобы нас присоединили так же безболезненно, как и Крым. Кроме того, в Украине все время был бардак, хаос, большая коррупция. Перед очередными выборами бизнес останавливался, ждали, кого выберут, какую новый президент будет строить политику. Все было очень нестабильно и непредсказуемо. Это говорит мой муж как предприниматель. Спрашивай еще, что тебе нужно.

Meu marido e eu não fomos ao referendo de 2014. Mas muitos dos nossos vizinhos vieram e realmente havia filas. Pelo que entendi, as pessoas queriam evitar a guerra, o sangue, para que pudéssemos ser anexados de forma tão indolor quanto a Crimeia. Além disso, na Ucrânia sempre houve confusão, caos e grande corrupção. Antes das próximas eleições, os negócios pararam, esperaram para ver quem seria escolhido, que tipo de novo presidente construiria a política. Tudo era muito instável e imprevisível. Meu marido diz isso como empresário. Pergunte mais sobre o que você precisa.